

PHILOMATHIA

Revista artistica, scientifica e philosophica

Impressão progressiva.
Directa

Director de redacção - Manoel de Bethencourt

Vice-Director - E. Marinho Aranha

Secretario - J. Xavier de Carvalho

REDACTORES - A. DOS REIS CARVALHO, A. LOBO E H. MATTOS

Quarta-feira, 2 de Outubro de 1895

PHILOMATHIA

A NOSSA REVISTA

O apparecimento de um periodico de caracter puramente artistico, scientifico e philosophico, em epocha em que os espiritos se acham todos absorvidos pelas questões politicas e sociais que entendem com todos os interesses da collectividade nacional, parecerá talvez um arrojado, um facto audacioso, inopportuno, dadas as condições do momento historico actual; e não poucos, quiza, dos que não fariam admittir ser frivolo o nosso empreendimento, julgando que em outro tempo se deveria desdobrar a nossa actividade intellectual. Será, porém, um erro de critica social o pensamento d'aquelles que nos condemnaram a tentamen. As epochas agitados, em que as multidoes são commoveidas violentamente, mas de que as outras se prestam ao cultivo artistico, scientifico e philosophico, porquanto, vibrando mais intensamente a sensibilidade nos individuos e obrigando o intellecto a deter-se na meditação das grandes ideas que a critica social atraz a discussão, ha na mente humana base para uma disciplina de conceitos, de conhecimentos e de theorias.

Ao contrario, nas epochas de estagnação social, em que se sente o pensar dormitar languidamente, não ha ponto de apoio para tentativas de caracter artistico, scientifico ou philosophico.

Justificado assim o nosso empreendimento, justificação incompleta, mas que encerra o principio base da maior que nos cabe exarar, lancemos uma vista sobre o nosso meio intellectual, sobre o estado de cultura dos espiritos na nossa sociedade. Um proverbio arabe diz: — que aquelle que, em detrimento do presente, enluta o passado, semella individuo que vergastasse as creanças com os ossos de seus pais. Este prologo é justo sempre que o culto do passado é inconsideradamente applicado como agente ao presente; não o é, porém, quando nos factos do presente, postos em confronto com os do passado, se demonstra a inferioridade d'aquelle; não é mais o individuo que vergasta a creança com os ossos dos pais, mas quem ensina aos filhos a viverem nobremente como seus pais viveram.

Dolerosamente o dizemos, mas o nosso meio heu que se arvasta decadente, a cultura intellectual vai baixa e apocada. Não que fitem ao Maranhão estabelecimentos onde se ministre largamente a educação moderna nos seus aperfeiçoados ramos de cultura; não é a escola que falta, mas o alumno, não é a passada geração que desceit o seu viver, mas a nova que não o comprehendendo, dá o ser o presente do Maranhão por decaído inferior a seu passado. A esse passado onde vivem memórias as escolas, e milhares os alumnos. E qualiammaram aquelles que se chamavam Gonçalves Dias, Joaquim Serra, Genival Braga e outros não mema

illustres... Nada temos hoje a oppor a esses vultos que fizeram a gloria maranhense; litteratura e sciencia baixaram do plannalto a que haviam subido. Uma ou outra produção que surge na nossa imprensa, embora uma ou outra vez traga o cunho do talento, não avulta em face do que o passado produziu; e quando mesmo pudessem sustentar vantajosamente esse confronto, desapareceriam affogada na indifferença geral. O nosso publico, indisciplinado intellectualmente, só lê ou o que os jornaes encerram de questioes politicas e de rixas particulares, ou então o romance borateado em traducções mal feitas de obras de fôrça litteraria parisiense.

Todas as grandes questões da arte de escrever, da esthetica moderna, todo esse movimento artistico que se desdobra nos países cultos da volta Europa; todos os problemas postos em discussão pela sciencia, a recusar a systematisação dos conhecimentos humanos; todas as theorias que a synthese philosophica de nossos dias ha lançado no mundo culto; tudo isto passa despercebido por nós, como que estamos alheios à evolução da humanidade. Paramos e é necessario quebrar essa immobildade, acudir como os nossos maiores aprenderam; um povo que não evolue intellectualmente é condemnado a desaparecer.

Estas reflexões constituem maior justificação que poderia da nossa empreendimento porque estabelecem a necessidade de abatermos a cultura intellectual, indisciplinada.

disciplina dos nossos espiritos. Não se pense, contudo, que abrigamos a orgulhosa idéa de realizar uma reforma immediata do meio: tal pensamento não nos cabe.

Quando o passaró, ás primeiras tintas da alva que fazem decôr as estrellas, solta um pequeno gorgoejo que accorda os outros habitantes da matta, não é elle que faz o dia, mas o annuncio da luz solar prestes a hejar a terra: quando lançamos á publicidade a nossa revista, esta *Philomathia* que é a canção com que queremos acordar a indifferença do nosso meio, não fazemos a litteratura, a sciencia e a philosophia do porvir, mas annunciamolas. Não é uma idéa orgulhosa, mas útil aquella que preside a nosso combettimento.

Não é facil a escolha de um nome para um periodico: tem-se sempre receio de que diga mais ou menos do que se tem em mente dizer. Por isso escolhemos o de *Philomathia*, cuja comprehensão não encerra idea maior que a do nosso proposito. *Philomathia* tem a arte, nem a sciencia, nem a philosophia, mas o amor do saber humano que se a ha derramado n'esses campos da actividade intellectual e moral, amor que por si só não basta a constituir o artista, o scio, o philosopho, mas do qual nenhum d'estes pode prescindir, porquanto é elemento indispensavel da sua personalidade intellectual. Desejar saber votar um culto a todas as conquistas realisadas no dominio da representação concreta do ideal—a Arte; nada acquisição lenta da verdades methodicas ute coordenadas—a Sciencia; no da systematisação larga dos conhecimentos da maior generalidade, de forma a ser realisada uma synthese nacional do Kosmos e do homem—a Philosophia: eis o que se encerra no termo *Philomathia* que nada tem de ambicioso, nada que revele immodestia.

Alma de gelo

Quando ella, um franco decote,
O seu perfil bizarro
Mostrou um *for-gel me not*
Entre de um jarro.

N'um tom de graças immerso
—A sua voz sôa quasi
Como o vinho de uma phrase
Por sobre o crystal de um verso.

Do lago perante o agouto
Seu negro cabello exprime
Toda a negrura de um crime
Nas locas mortas da noite,

Seus olhos que o negro e pinto
—Da tez sob a alyura franca—
São duas margens de tinta
Sobre uma essencia branca.

Quando ella abre a narçrada
Respirando-mostrando os dentes—
E a lambiar uma enfiada
De per'las alvissimantas,

Seus labios são tão serenos
E a bocca tão colorida
Como uma vana partida
Em dois pedaços pequenos.

Seu passo é lapidado
E' tão alvo e tão macio
Como o collo fulgidio
De um cyano puro e nevado.

Tão branco é seu seio lango
Tão alvo que a gente, ao vê-lo,
Compara-o a blocos de gelo
Com dois salpicos de sangue.

Suas unhas, sob a mecha
De sua mão satinosa,
São dez pedras de rosa
De rosa de todo o anno.

Seus pés, de graça tão francos,
Na rua quando em os vêo
São como dois pombos brancos
Se osculando n'um só beijo.

Mas apesar d'esse encanto,
Sardina é triste o seu brilho
Como uma boga de pranto
Sobre o cadaver de um filho!

I. Xavier de Carvalho.

A SCIENCIA E A LITTERATURA

Intitulando este artigo com a epigraphie que acima se vê, não pretendemos formular um parallello entre estes dous vastos domínios do saber humano—a Sciencia, ou a systematisação das leis, e a Litteratura, ou a «arte da palavra» (1), mas simplesmente mostrar num esboço

rapido a inanidade das asserções erroneas de certos pedantocratas da epokha que estabeleceram um deploravel antagonismo entre o cultivo de um e d'outro julgando que os dedicados á sciencia são incapazes de attingir os estudos litterarios, e que desfaçam com uma competencia ridicula dos que se impõem a disciplina mental de não chegar á Litteratura sem passar pela Sciencia.

Para attingirmos o nosso principal fim trataremos:

1.^a—da ignorancia quasi geral dos litteraturistas (2) da epokha;

2.^a—da necessidade de uma enciclopedia encyclopedica para o cultivo de qualquer ramo do saber humano e conseqüentemente para o da Litteratura;

3.^a—do falso antagonismo entre os conhecimentos scientificos e litterarios;

4.^a—finalmente, da razão que possuem os que se dedicam a sciencia antes de abordar scientificamente a litteratura.

Não é raro, e ao contrario é quasi commum, vêmos individuos sem o menor preparo scientifico sentirem com uma facilidade pedantesca, sobreasmals noveis obras litterarias, especialmente sobre as produções do *domaine* da litteratura contemporanea, que, como sabemos, se fundam geralmente nos dados scientificos, fornecidos pela Biologia, Sociologia e Moral. A cada passo nos encontramos com individuos d'esta especie. Tomemos um d'ellos e vejamos como falla e discute.

Trata-se da litteratura; eis que cita Zola, o romancista physiologo que estudou nos *Requis* *Maquart* o phisico-biologico da hereditariedade, com seus multiplos circunstanças e condições. Refere-se ao estudo da Naturalisao contemporanea, toma-lhe um personagem de sua grande obra, uma *hystérica*, por exemplo, (nota-se que é quasi sempre a *hystérica* o phenomeno predilecto dos naturalistas; vão buscar o ideal de sua arte na realidade mais grosseira), define esse estado pathologico, classifica-o, determina-lhe os grãos de intensidade, e disserta largamente sobre o assumpto até onde

¹ Responderia mais exactamente *litteratura* dada para supprir a *phraséologie* da *litterature*. Julgamos que se achá a formula de accordo com os procedidos grammaticos da *litterature* (e da).

² Vide La Poésie Poétisée, por Ruy Laforgue.

pode, com auxilio das dades que o reconnoista lhe proporciona. Mas si um interlocutor lhe surge e do phenomeno hysterico passa a considerações concomitantes de outros phenomenos pathologicos, ás modificações anatomicas produzidas pela enfermidade, a sua genese e evolução, si se refere ao orgão no estado de saude; si lhe põe a sua definição racional, ou posito no organismo, sua innervação e musculação respectivas, seu systema arterial e venoso, suas relações com a vida organica e de relação, suas funcções normaes, e aí pouco a pouco entra francamente em questões gerais sobre a vida, vemos que o pedantico, que, ha pouco, fallava com altivez sobre a hysteria, quando rotineiramente illa terminos pomposos de *neurapathia*, *neurasa*, *neurostasia*, curvass= humilhado diante daquelles que não lêu Zola, mas estudou systematicamente a Biologia depois de um preparo encyclopedico das sciencias anteriores.

O litteratorista é geralmente audacioso: não sabe o que é a vida, desconfia o papel anatômico e dos órgãos mais importantes, não conhece biologicamente o corpo humano, e corrige em os pulmões, iguais a no leis das funções mais elementares—a digestão na a e a ulceração, e no entanto disserta com Zola um pouco sobre os mais interessantes aspectos de Biologia ou Pathologia.

O que o indivíduo da linha pouco faz com Zola e *La Fortune des Rougon*, por exemplo, outro da mesma espécie faz com Daudet e *L'Immortel*; seu primeiro tratado sobre a *hysteria* sem conhecer Biologia e Pathologia, o segundo trata desta espezimada enfermidade social—a *pedanteria acadêmica*—com seus privilégios imoriaes, sua influencia perturbadora, suas egalias terríveis e todas essas volubidades que o escriptor francez tão bem desenvolveu no seu bello livro; mas então, mostra o litteratista, com uma competência apparente, a influencia malitica das *cátedras* e *leontificas*, vibra um grito de revolta contra a personalidade privilegiada do doctor, o revolucionario-funcionario, sem attender ao papel social das academias, sua influencia negativa na actualidade.

seus benéficos resultados nas primeiras épocas da civilização moderna, desencadeia contra ellas uma apreciação cívica apenas de expressões gongóricas, sem o menor *criterium* scientifico e especialmente sociológico.

Si, porém, diante do *cultor vaidoso da litteratura* apparece alguém de quem desfaço por que se dedica aos estudos profun-
dissimos das sciencias fundamentais, tendo apenas atingido o grau supremo da «envelopedia ab-
stracta», si esse alguém discorre com o pedantico sobre o li-
vro do Daudet o trata durant
a dissertação de: leis sociologi-
cas, leis que por sua vez o con-
duzem a parallelos com as do
dominio da Phisica e da Quimi-
ca, o nosso cultor da litteratura
escla-se porque não sabe o que é
a *lei de Mariotte* nem os *theo-
remas de Berthelot*—e que
no decurso da conversação tra-
toun o seu intellecto e o se-

Finalmente admitamos um novo typo, sempre o mesmo em essencia, isto é, um individuo que estudou alguma coisa até a virilidade mas sem methodo nem ordem systematica, com delicia da de doutrina, através de futuros delictantes de poesias e romances, que se dozeram e se dão para brilha-los com brilho ephemero porcate damas gentis de um salto elegante, o que depois se entrega a lér ainda, porém com mais preoccupa-ção, os litteratos hodiernos de maior nomeada, que está com em-plese Zola e Daudet, Maupassant e Bourget, tratando do romance psychologico dos primitivos e syckologico do segundo; que recita os versos symbolistas de Paul Verlaine e Mallarmé, dis-corrando sobre o ne-dellibatismo, e apreia categoricamente o movimento progressivo das litte-raturas do Norte, falando em Tolstoy e Turguenoff, referindo-se ao *Brand* de Ibsen e ao *Pai* de August Strindberg. Esta litte-ratueria numa reunião de *modernos* expõe toda a *outillage* de sua officina cerebral, des-senvolve theses de Biologia com os romances de Zola; falla da nevrose da *filia Lila*, tronco do-generado da grande familia dos *Rougon-Macquart*; refere-se á bella analyse psychica de Bour-get ou *André Carnelle*; defini-da theoria somnosa e mórbida com

os dramas de Ibsen e Strindberg.

Vejamos como discorre sobre uma dessas obras, tomemos a mais palpitante—o estranho drama de Strindberg, o *Pai*.

Para elle Strindberg é o rei do drama; só encontra um rival, é Ibsen. Shakespeare é um arkhaismo; não vale diante dessas duas potentes manifestações do génio escandinavo. Então desce a aprovações sobre o último trabalho do dramaturgo sueco, trata sobre a thesa desenvolvendo na peça, discorre sobre a natureza da mulher, contra quem se insurge, levado unicamente pela fúria do ensado drama, impressionado exageradamente por aquella figura sinistra de Laura, concretização da mulher para os misogynos como Strindberg e pura abstracção para os criticos como Julio Lemaitre e para aquelles que fazem da mulher um furoz critério sem exagerar-lhe as viriudes nem diminuir-lhe o mérito.

Das scenas palpitantes do *Paí* passa a considerar as personagens nostálgicos, tristes e não menos extenuados dos dramas ibsenianos. Fala do *Brand* a grande peça do Henrique Ibsen. Desenvolve a personagem o pastor original que com retisa em si o homem puro e bom em luta com a sociedade má e corrupta. Trata, a propósito, dos princípios moraes defendidos e accusados nas obras criticadas, compara Strindberg com Ibsen e os poetas scandinavos com os auctores francezes. Dumas o d'Annunzy. (3) Mas si as theses dos envolvidos pelos escriptores modernos—ou seja a influencia maledica da mulher sobre o homem de que *Laura* e *Adolpho* na tragedia apocalypticã do *Paí* são os typos kharacteristicos, ou a luta do homem virtuoso com a immoralidade moderna, estereotypada na figura audaciosa de *Brand*, ou seja a misogynia de Strindberg ou a philosophia de Ibsen,—si do ponto de vista particular se passa ao

1. Such is the general character of the positive, comprehensive, and philosophically-advanced notions of the human spirit on fatherhood, motherhood, and marriage, and on the duties of parents, that the child is born, and grows, and lives, and dies, in the full consciousness of his or her own individuality, and of his or her own responsibility to the world.

A die-matematica da primeira lista só con-
tinha as duas diferenças mencionadas, e compo-
nha post. A segunda, contudo, possui diversas outras
e que se relacionam os resultados da segunda
lista.

ponto de vista geral, se o litteraturista fór interrompido nas suas divagações, ellas simplesmente de credução, por considerações geraes sobre theorias moraes e philosophicas scientificamente formuladas da parte de um oviante, convenientemente preparado pelos conhecimentos systematicos, vemos o pedante irático do ha pouco vacillar nas suas considerações superfluas, ceydas da optimismo, não podendo fazer mais do que argumentos scientificos que sobre os differentes pontos de suas pomposas affirmações. Ha aqui o adversario, que ainda não deu Strindberg nem Ibsen, mas conhece os verdadeiros tragicostas scientificos: os grandes empreendedores que lançaram os fundamentos das leis do dever, o nãra empunham as theorias revolucionarias de genios enfermos. E assim o parlador litterario cala-se porque no correr da discussão foi preciso tratar da constituição cerebral do homem, foi preciso deirorrr sobre as localizações de Gall, e as theorias de Flourrens, passar da Moest à Biologia e em seguida a algumas considerações de Physica ou de Astronomia, e o cultor da *Litteratura* desconhece inteiramente os principios mais elementares da Cosmologia ou da sciencia vital. Alem disso seus processos de argumentação têm a fragilidade dos sophismas não sabe mesmo argumentar ou apenas dissentir, porque desconhece completamente as noções mais simples da Mathematica, que é a verdadeira Logica, como sabiamente o demonstrou o grande Augusto Comte, uma especie de gymnastica do espirito na phrase de Laflitte, (4).

O que acabamos de expor de modo geral, e abstracto, e que entro mais competente e melhor o faria, se verifika na apreciação da má parte dos que se jactam de saber litteratura, e para o aquelle que sustenta uma discussão seria sobre um assumpto

• A sociedade psíquica precisa apresentar um tipo de organização. Quanto à elaboração da linguagem e da matemática, Euclides não se expresse. «A linguagem psíquica é a matemática e a álgebra da linguagem», diz M. Lacroix. A linguagem psíquica, diz André Borel, não é...

Nicht ohne weiteres, sondern nur unter bestimmten Umständen und nach Prüfung der Sachlage ist eine Intervention zu empfehlen. In jedem Fall sollte die Intervention von einem Arzt durchgeführt werden, der über ausreichende Kenntnisse über die Erkrankung verfügt.

literário que imediatamente ou mediadamente se prenha a um domínio científico e com especialidade no domínio biológico, porque desconhece intimamente as leis determinantes da fenomenalidade orgânica e social.

Os exemplos apontados sustentam a verdade desta conclusão final.

11. *Long (1996)*

Antonín dokouls cívilyt.

Pelo amor

Elle dissé-llhe o ultimo adeus
e partio.

Empantando-se o sumiço sem demora, nas frentes tumulares do Poente deixando o horizonte envolto numa brancura rosada, tenue, suave, lá das bandas do Oriente, na serenidade do azul nostálgico e triste se atufava a lua, clara, luminosa como se nella fosse resurgir o alma flamejante do astro que fundava.

Rosalina acompanhou longamente com a vista o bellô mancebo que a elidatava tanto e, parecendo vê-lo sem mais ver, demorou-se algum tempo lançando o olhar pela estrada afóra até que por último percebendo que não passava de uma visão eterna recolheu-se tristemente á pequena alcova: seu aposento, perfumada pela aragem fria dos sabugueiros e madeiras-silvas que se corava pelas frestas da lanella.

Era lá a volta depois, suplicando junto a imagem do Nazareno, a filha-pastosa, soluçando baixinho uma prece angusta do amor para que della nunca se esquecesse Lauro.

É o Gracificado, com o olhar sereno e fixo, parecia chorar como ella na mudez austera da dor que lhe torturava o corpo gotejado de sangue.

Permaneceu por alguns instantes extática e absorvida, um tanto consolada pela contemplação da Cruz que lhe ensinava a sofrer as cruzes do mundo, e aos poucos tendo-se recolhido no leito alombrado de rendas, adormeceu mais confortada, cheia de esperança, quasi satisfeita.

Liã fiera a lui, alina do sud,
pallida e fria, lavava a escuma-

do dos bosques, branqueava os montes, os regatos e a planície toda.

Ella dormia e sonhava; estendida lascivamente os braços opulentos sob a colina macia do lá e sorria...

Era um anjo que se envolava
As regiões da luz e do prazer nas
azas lubrificadas do amor.

O manto negro da noite caindo sobre a encosta solitária das serras, fez com que o manrubio que havia até então não pudesse divulgar a figura esbelta e graciosa de sua amada.

Plantureiro e triste de saudades seguia elle agora seu destino com passos vacillantes pensando nella. Sim, pensava nella; antes de partir encher a vista com seu olhar tão ardido e bello; escutou a melodia da sua voz suave e moço; contemplou incêrbrado todo seu typo de mulher nova para elle que amava tanto, que amava com o impeto energico do primeiro amor.

Não tardara voltar para vela de novo e beijar as tranças de seus cabelos longos; ajoelhar-se diante de seu corpo gentil, esculpado no mármore palpitante da carne, e adorá-la eternamente como esposa estremecida no amor infinito de uma paixão moriente.

Podessa, cada estrela que reluzia no badalquino do céu claro, são nuvens, com, ô, uma frase singela de amor e conduzi-la à poltrona da salvação tão só e triste.

Mas tudo era silêncio. O mundo parecia que nessa hora se fechava para ele que, entretanto, é triste de sentir-se segurar seu destino com as mãos vacilantes.

De terrorizasse, sim. Rosalina respondeu por todos, aquele tipo, deslustrante de mulher, a corporatura de botcha, estava agora completamente transfigurada, era a esbivaga da morte.

A mais loacral e cruel das epidemias, a varíola, havia matado a pobre Rosenda de seu rosto.

Tudo a conselheira, tudo, mesmo a idêa feroz, dolorosa idêa de nunca mais poder divulgar o erro que tanto estremeceu. A terrível maldade, que pomperilha a existência, acredita-se para sempre a esparir a do mu-

—Que queres tu? São cousas do Novo Testamento que produzem a situação difícil em que me acho agora. Nada menos que o livro de Daniel complicado com a existência de uma encantadora prima que tenho e com quem brinquei muito, quando criança.

—Ah! compenheiros da infância?

—Isso mesmo, mas não vás pensar que eu fui um menino preocupa-me amores, à maneira de Byron. Mandei-me a brincar com ella, brincando que muitas vezes não acabava. Bem, porque eu, mais tarde do que ella, arreliado de não a ver em tudo sujeito à minha vontade, ameaçava-lhe nos sonhos...

—Brasão?

—A minha não conhece a do Peadego. Nos momentos, quando peço-me: «mas um verdadeiro brutinho».

—Podes até acrescentar que feitos ha que permaneceram tais quaes foram infantis.

—E' certo. Tens ali charutos?

—Tenho. Surtos-te d'estes *cachus*, beba um calix de Marie Reize e conta-me ludamente os apuros em que te achas.

Alfredo accendeu o charuto, esgotou o calix de cognac que lhe offerecia, tomou na *chaise longue* uma pose commoda para narrar, enquanto eu aproximava d'elle uma cadeira de balanço, alho de oír-lo attentamente.

Depois de umas fumaças aspiradas com felicia, o meu amigo thus se a que segue.

II

—Deves conhecer, meu tio, o Edmundo S. Aguiar, que tem uma bonita mansão no Ann. É um velho ainda—basta, que suporta bem os seus sessenta annos. Enriqueceu no commercio, pode hoje posar um mil e duzentos contos de reis. É portuquez e com quanto rico não pensa em obter commenda alguma; nem baronato ou viscondado. De poucas letras é elle, mas fize-rá-o presidente do Gabinete Portuguez de littera. Casou aos trinta annos com uma tia minha que nada lhe levou em dolo, se não a sua belleza e o viço dos dezenta annos. Tive do matrimonio seis filhas, quatro do sexo feto e dolo do bello. Os rapazes estão hoje collocados; o mais velho é juiz de direito e um commercio do interior do Estado; o segundo é engenheiro e trabalha o uma ferro-via de S. Paulo; o terceiro é medico e clinica em

Mamões; o quarto, que não quiz ser nem bacharel, nem engenheiro, nem medico, um vadio que deu que fazer ao pai, foi para o Rio quando o jogo da Bolea estava no auge, e ali com o auxilio de uns cohees que herdara da madrinha e a protecção do Leopoldina poz-se a jogar. Onde muitos perderam fortuna, conseguiu elle crear uma; e hoje rico, tem palacete, curruagem e casou com uma paulista, filha de familia abastada. E' o mais feliz dos meus quatro primos, sendo o que menos mereca a felicidade. As duas filhas estão ainda solteiras, apesar de se achar noiva a Sophia, que é a mais velha. Quanto a Elisa, é essa exactamente a que me persegue, que entende que o peior o se deve transformar em marido.

—Basta de preambulo e entra na narraçáo, disse eu, um pouco impaciente de tantos porfimenores.

—O preambulo era necessário. Vamos ao caso. Na varanda da casa de meu tio ha varios quadros. Não te digo que sejam de gosto, que o dono da casa não entenda de arte; entre esses, porém, ha um que pode passar por bom. É um assumpto biblico tratado por pincel um tanto realista. He resenta Suzana no banho, exactamente quando os valthos a esperam. Serena desponha a machã, illumina indo-se gradualmente o cón das tintas claras do sol nascente que começa a dourar os cumos dos salgueiros que orlam a corrente mansa do rio babilonio. A agua tem uma transparencia azulada em que fluctuam ainda as sombras da noite que se foi e apenas n'um ou outro penhasco, que se ergue na margem, se frauja de uma tenue espuma finissima. Garças recortam a plumagem branca no verde dos salgueiros que mergulham na corrente os pendentes ramos, como que a chorar sobre as arguas. Na margem, bem sobre umas pedras, vê-se a túnica púrpura de Suzana, mole vai morrer um raio de sol, coado por entre a folhagem. Dentro d'agua, mas apenas mostrando os pés, ergue-se soborba n'uma nudez triumphal a formosa hebréa. O pintor, para evitar a asneira da folha de parreira, collocou-a de lado, n'uma posição que lhe deixa ver toda a pureza dos contornos, sem velar nenhum. O solta ergue-se rigido, com o seu pygmeo, coroado de um manto branco, o tronco de proporção admiravel assenta firme sobre um pedestal suavissimo de curvas deliciosamente

sinuosas e o ventre tem o pólido da agatha, faz lembrar aquelle ventre da Sulamit que Salomão canta no cantico dos canticos. A caixa desenhase rica de contorno e modelado e o resto da perna tem uma delicadeza de acabado, indo findar n'uns pesinhos minimos que se vêem brancos, a travéz da agua transparente. A cabecça do correcto typo das hebréas, possui um perfil accentuadamente sensito, severo de traços, ol os nuno negros, supercilijs finissimos, boca pequena de labio inferior carnado, nariz um tanto aquilino, cabelo curto, ondeante, que lhe desce como uma cascata negra sobre o dorso, indo a extremidade dos deastratos fins morrer-lhe na curva dos joelhos. Os braços são-lhe de um delicioso desenho, de bozudo puro, indo correctos terromar n'uma mão esgola, mas carnuda de criança, com dedos compridos e finos. E de pés mergulhados na agua. Suzana olha, por entre os cilios longos que lhe ve-lam as pupillas, a sua imagem que se reflecte confusa no crystall da corrente, e n'esse olhar ha uma profunda tristeza, uma saudade da patria distante. A filha de Judá, á margem do rio babilonio, recorda o patrio Jordão, a terra santa dos prodigios, Jerusalem a erguer-se altiva na montanha sagrada de Sião, o templo em que se celebrava a Paschoa, as fest e faustosas do povo de Jehovah; mas tudo isso está longe. Adonai irritou-se com a posteridade de Judá, puniu com o cativeiro aquelles que tinham renegado o seu Deus, entregou-os á suba dos Assyrios, elle surdos ás vozes de seus prophetas a chamal-os ao trillo da loi mosaica. N'aquelle liar ha a personificação angusta de uma idea: Suzana não é só uma mulher, é a alva de Judá que se debora por sobre uma imagem confusa, qual a que as aguas reflectem. Judá que se lamenta nas margens do rio babilonio, á sombra dos salgueiros beijados no cimo pelo sol que parece trazer na sua nascente luz uma promessa de renovo ao povo captivo, a promessa do desejado das acções, aquelle a cuja voz se reuniráo os restos d'Israel es-cravizado...

—Bravo! estás simplesmente... biblico.

—Deixa-me continuar. Bem entre umas arvores annosas, a pequena distancia da margem, dois homens semi-ocultos pelos troncos e folhagem, espreitam Suzana, olham-na avidamente, com os olhos cupidos que o

desejo incendo. São dois velhos, dois anciãos de cabeça coroadas de cans, mas toda a magestade da velhice lhes desaparece na contracção da physiognomia em que se lê a luxúria bestial, uma sensibilidade doentia e serodia. As veias do pescoço enrugado se lhes entumescem; as maçãs do rosto brilham-lhes de um colorido de sangue, em meia da face livida sulcada de profundas rugas. Naquelles velhos julga-se ver o Israel do peccado, Israel que abandonou Jehovah e que invejoso olha o futuro do povo de Deus, triste de não gosar d'aquelle porvir encarnado n'aquella esplendida mulher que é a mocidade a renascer para a nação captiva, a arrastar longe da patria a corrente pezo da escravidão.

— Ainda biblica?

— Terminei a pintura e desculpa, se me deixei levar do symbolismo.

— Continua.

— Junto d'aquelle quadro, collocava minha tia a cadeira de costura, quando ia coser, e ali passava a melhor parte do dia. Aconteceu que se achava gravida de Elisa, exactamente quando escolheu tal lugar para trazer-lhe a, com quanto physiologistas neguem a accção de certos accidentes do meio sobre a formação do feto, o caso é que a minha priminha reproduz nas feições, no corpo, as feições e corpo de Suzana do quadro. É uma quebra de sciencia, que não aporadiga, embora as theorias da antrologia, na estirpe pelas que accedem como verdade o hypnoidismo, pareçam explicar satisfatoriamente o phenomeno.

— Deixa-te de sciencia e prossegue.

— Conqumteiros de folguedos infantis, eu e Elisa muitas vezes levamos largos momentos a contemplar a tela, admirado eu de tio jasmim semelhante. Mas, vêo-me o dia da arma! Nesse tempo estava no Maranhão um tal Keller que, no theatro, fazia exposiçõ de quadros vivos, uma reprodução de algumas telas de mestre. Fomos ver-o e dahi se origina toda a dificuldade em que ora me vejo.

— Que data de historia é essa?

— Já te explico. Foi a Elisa, lá dizendo Suzana, no dia seguinte ao espectáculo a que fomos apaixonados dos quadros vivos, estavam juntos na quinta de meu tio, onde ha um arroyo que serpentea entre arvoredos. Uma idea extravagante surgiu-me na cabeça, quiz que ali improvisassemos um quadro vivo.

— Ah!

— Convidei Elisa a que reproduzisse a tela da varanda. Ella tava de Suzana e eu representaria de um dos velhos, deixando de haver o outro, por me não ser possível fazer de dois. A principio ella disse corando que não, que uma menina não se devia despir diante de um rapaz, que isso era feio, que a mãe não fadaria se soubesse; mas eu lras labias empreguei, disse-lhe que ficaria tão bonita e outras cousas mais, que accedeu. Despiu-se e entrou na pequeno regato. Pottava-lhe muito e muito de Suzana do quadro, mas emfim eu, escondido na margem, via aquelle corpinho gentil, em que sorria a promessa de uma Suzana authentica, a sabrie com a carinhosa da mulher a gracilidade d'aquelles membros infantis, fiqui extasiado; eu que já tinha umas molhadestrias na cabeça, ao passo que ella, deixando a pau de Suzana que copiará com exactidão, se banhava envergadura no arroyo.

— E depois?

— Vesti-se, enxugou o cabelo, para que não desconchassem do caso e fomos passear juntos. Ea, entã, não meco em aquelles, como Pa disse, estava encantado da que via. Jurei a Elisa que com ella não havia aquelle homem feio, escrevi até n'um papelamento juramento que lhe dei em troca do outro que ella me deu o sentido coarven.

— Que ideia tinha de vides?

— Eu orçava pelo doze, ella tinha dez.

— Hum! a coisa já era um pouco crepa.

— Passado algum tempo nem me lembrava do tal accidente, a não ser quando me achava junto do quadro. Notei então que Elisa cosava e se arrejava d'ali, quando casualmente n'aquelle lugar nos encontravamos.

— Poderá?

— Como sabes, fui estudar na Europa; fiz em França o meu curso de engenharia, pratiquei na Inglaterra e Estados-Unidos e, ao calar de dez annos regressava a patria, prompto a lutar pela vida. Ha um anno que aqui estou. A minha chegada não encontrou Elisa que se achava no Rio. Ante-hontem é que regressou n'um dos vapores do Lloyd.

— E então?

— Fui visitar hoje a meus tios, abraçaram-me, fizeram-me muita festa e apresentaram-me as primas. Olhei para uma d'ellas, ora exaltante a Suzana do quadro. Ella corou ao abraçarmos, ao passo que Sophia sem

preocupações me deu um abraço cordial. Conversamos muito, meu tio ao indagar do que eu tinha visto de melhor nas grandes civilisações em que vivi, os mais misturando varias perguntas ás d'elle, á excepção de Elisa que só ás furtadellas me olhava, com um pequeno olhar vexado, mas onde transparecia um que de maliciosamente suave. Convidaram-me a abrogar com elles, meu tio engien-se e foi escrever, as duas primas foram não sei para onde e eu fiquei a sós com minha tia. Esta, depois de me olhar um pedaco, disse:

— Que tal achaste Elisa?

— Muito bonita, d'...!

— A Suzana do quadro que ali está. Não achas?

Olhei o quadro e instantaneamente voltei-me a lembrar a do que se passava. Subio-me a cor ao rosto.

— mas? disse minha tia. Já sei do que é. Elisa te deu de a creancinha de vides e mostrou-me um papelzinho que tu escreveste. Que fizeste do d'ella?

— Para fallar verdade, não sei.

— Pois olha, tua prima tomou ao serio a promessa. Ainda ha pouco no Rio repetou, riu, casamente, declarando que se considerava moralmente comprometida, emponha não a dispensasses do compromisso. Vai conversar com ella.

A passa automatico vamo o dos somnambulos, dirigi-me para o lado em que se achava Elisa; era bem junto d'aquelle quadro. Vi juntas as duas Suzanas, a d'ali e a da realidade. Elisa estava n'uma pequena cadeira de costura, perto da qual havia um de balança. Asentei-me encostado a d'elles, um grande paizão e um grande.

— Lembra-se, priminha?

— Não me esqueci, respondeu-me com os olhos baixos, tirando do seno uma moladina que abriu e dentro da qual havia a n'peque no papel que tirou e me entregou.

Ela a promessa que eu escrevi depois do quadro vivo. Lã, com ar confuso, depois do que ella disse:

— Para guardal-a. O homem não é obrigado a cumprir as levandades promettidas de criança.

— Estava toda dizendo isto; eu, com um gesto machinal, restitui-lhe o papel que ella tornou a guardar, em quanto, por compostura, olhava a Suzana do quadro.

— O primo conversou com a mamã. Não julgue que ella lhe mentou. Não o esqueci um momento, Suzana tem memoria, acrescentou sorrindo.

— Fiqui n'uma verdadeira

aperto. Achei linda a Elisa, mas umas theorias matrimoniaes que bebi na Europa puzeram-me a cabeça tonta. Compreendi que estava prezo, que só, com menos-preço da minha honra, podia deixar de cumprir o que o papeliinho que restitui resava. Almocei com meu tio, despedi-me de todos e eis-me aqui a contar-te o que foi.

--Casas com a prima?

--Vontade tinha de lhe fugir, mas moralmente estou comprometido.

--A mesma phrase de Elisa. Casa-te, homem, apesar das tuas theorias, ou talvez mesmo por causa d'ellas. O homem é uma contradicção: o sentimento está sempre em opposição á razão. Vai com o sentimento e desposa Suzana te bento.

O Mirolo ouviu-me attento, abanei a cabeça e saí sem me dar uma palavra.

III

Tres dias depois, recebia eu a seguinte carta:

Meu Plácido,

Vou dobrar o cabo Horn. Sem ser um menino precoce em amor, tenho que satisfazer a compromissa de infancia. Elisa é formosa, até a mim e eu deponho a minha engendria a seus pés. Agora mesmo que te escrevo, lê ella a minha carta e sorri. O casamento tem um defeito: ser uma formula; mas o meu será trazido pela força esthetica de um quadro. A no Suzana eerei o marido d'ella, graças á Biblia.

Teu de coração,

Alfredo da Silveira.

No fim d'esta carta havia um *post-scriptum* em uma letra feminina. Dizia:

--Suzana exige muito da parte dos que lhe estão: o futuro esposo venha á noite tomar chá comuroso.

Guardei a carta e á noite fui. Receberam-me maravilhosamente e Alfredo, mostrando-me a tela que tanto o dominara, disse:

--Tu nunca comprehendeste a Biblia d'esta forma!

Plácido Guerra.

Ethromo.

Da tassa e velha casinha
Da pândola bem coberta,
Longo do uoi montu, s'sinha,
Como uma gruta deserta,

Na varanda, ao sol aberta,
Junto á porta da casinha,
Protopio abraça a Roberta.
—A sua amada revellinha,

Nesse colcho—alento e gozo,
Depois da faina do dia,
Fumas horas trabalhadas,

Chega o compadre Trancoso,
E os vendo nessa harmonia
Desata-se em gargalhadas.

Pacífico Bessa.

Real visão.

(PHANTASIA).

Era numa villa sorridente do nosso bello paiz, no seio dessa região dulcissima dos campos, em que o sol tem mais brilho quando fôr a suas aureas scintillas, em que a lua tem mais encanto na pallidez mystica de sua enlambada luz e a natureza inteira canta o poema de vida em suas multiphas manifestações, desde o gorgolo termo do passarado saltitante até o hyllio ingenho do campesino vibrando em sua palhoça uma canção de amor.

Era nessas plagas tão cheias de vagas seductões mysteriosas, numa noite constellada de Agosto, quando o manto diaphano da treva tingia de negros as folhas verdejantes do arvoredo e a luz estellar riscava a face do céu com os estyletes dourados de seus scintillantes raios,

A duvida pairava na amplidão; a luz e a treva se esbriam produzindo essas lampejos hesitantes, essa claridade mortua das noites sem luar, quando só as estrellas brillam nos espaços ferindo a escuridão com seus pontões de luz.

Nem pacifico simples, á entrada de uma habitação rustica ouvia-se o som molliho de umas phrasas musicas que del-tam o ouvido e convellum o passante a parar e absorver-se nessa atmosphera melirante da musica campestre.

Ahi, nesse ambito perfumado de sonoridades ethereas, me achava eu ouvindo as melodias que docemente se evolavam das cordas maviosas dos instrumentos.

Foi então, num momento de delicia embriagadora, e quando sentia as notas docemente de um terno molliho, que vi, no pedestal de uma opulenta fornatura, um vulto esplendoroso de mulher a modular o idyllio do amor na bellena de seu ma-

gico rosto e a cantar a epopéa da volupta nos contornos modelados de sua carnuação sculptural.

Languidamente sentada em toso banco, aquella mulher, bella como a Belles, recostava seu corpo venusto e lyrial, numa indolencia las-iva que me produzia as vertigens do desejo, e não podia ser doutro modo.

Imaginal uma mulher formosa mas lullada de um rosto encantador, formosa nas curvas delicadas de uma plastica vibrante; imaginal-a velada por um traje seductor, branco como a neve, alvo como a innocencia, deixando adivinhar-se atravez do tecido da veste a epiderme lactea das formas, o contorno es-tanteante de sua corporatura, onde avultam uns primorosos seios, essas pomos de ventura, esses frutos de prazer que des-cribiam no lançamento sensual dos estames a procurarem avidamente o beijo do pistillo; imaginal enfim uma Venus de Praxiteles vivificada, não tendo a mudez e insensibilidade do mármore mas a eloquencia e o sentir de um corpo vivo; imaginal-a assim e tel-a-cis a ella, a mulher que eu vi, a real visão.

Era de vêr-se o quadro at-tributo que se desenhava ante mim: ella esplendidamente formosa, numa languidez seductora, exhalava o aroma subtil dessa essencia mysteriosa que se desprende da carne tepida das virgens e eu, lince de sensações, aspirava esse odor embriagante e adormentava os meus desejos estuantes.

Foi um momento de gozo, momento de enthusiasmo delirante. Fôni praser indescriptivel nos poucos minutos de minha ardente e extatica contemplação, e não a mais esquecerei a tela luxuriante que se desenrolou diante de meus olhos com todos os magnetismos de um quadro vivo, nunca mais lancarei ao olvido essa virgem cheia de encantos febris que me surgiu como real visto num noite constellada de Agosto, quando o manto diaphano da treva tingia de negro as folhas verdejantes do arvoredo e a luz estellar riscava a face do céu com os estyletes dourados de seus scintillantes raios.

Paulo d'Ararua.

Saudade.

O tempo passa breve e lisongeiro
Cae destruindo tudo na passagem...
As illusões, os sonhos—presenteiro
Tudo destroe como fugaz miragem!

A dôr, o riso, o goso, grata imagem,
Ephemeras chimeras—feliciteiro
Motor de destruir, sempre em viagem
Tudo aniquila, esmaga farasteiro!

Mas, uma cousa o tempo não destroe,
Embora tente ou lute não croroa
Por mais feroz que seja o sem piedade...

Antes inflamma, anima, aviva, exulta,
Porque ella vive n'alma bem occulta
—E, uma flor e chama-se saudade!...

H. Mattos.

Palavras de um sceptico.

Gozos feitos de dôr e infelicidade,
Prazeres vãos eivados de amargura,
Amor formado de odio e de maldade,
Dias cheios de tetrica negrura.

Sorrisos mentirosos de ventura,
Fausto e gloria—phantasmas da vaidade,
Traidoras seducções da formosura,
Eis a vida... chimera e falsidade.

Mas a morte?... Ah!... real e verdadeira
Aponta-nos o Nada do porvir
Como a doce esperança derradeira...

Que são os illudidos do viver
Amem a vida, as luzes do Existir
Eu quero a morte—as trevas do Não Ser!

Oscar d'Almeida.

Em frente do esquire.

Vejo-te, enfim o mesmo rosto linalo
E no entanto tão mudado agora:
—Pallido—elle que tão roseo fora!
Collada—a bocca qu'en só vira rindo!

Dizem-te morta e eu creio-te dormindo:
—Não morre a morte quando nasce a aurora!
Desperta! Eu quero dar-te um beijo infundo...
Eu quero amar-te como amei-te outr'ora...

Mas ah! como estás pallida e gelada
Que em vão procuro te aquecer... De-cança
Hes de dar-te o calor e a côr rosada!

Hes de fazer-te reviver, erranca,
Que tanto pôde o amor... e, doce amada!
O amor só morre quando morre a esperança!

W. Drumblent

Elegia I

Quando eu a vi levarem, branca e linda,
No enfiãozinho d'Ebano pallido,
Eu protestei qu'elle era vivo ainda,
Qu'z arrancal-a... Tinham-me obvido...

N'um pavoroso e lúgubre gemido,
Com furia immensa de entre o peito vinda,
Tentei de novo... (Oh! dor que nunca finda!)
Me gritaram que eu tinha enlouqueci lo.

E do esquire affastaram-me de novo...
E eu, p'ra poder a acompanhar, co'o povo
Confundi-me—tollendo meus soluços.

No cemiterio, no outro dia andando,
Um covêiro encontrou-me soluçando
Na tun'lo d'ella, inânime, de braços!

J. Xavier de Carvalho.

Morta-viva.

Inda te' vejo o rosto emmagrecido,
As mesmas rosas da divina face.
Embora a morte gelida as tornasse
Alvas, e o brancas, como o teu vestido.

Inda te vejo o collo, as mãos pequenas...
E o mesmo labio que me deu, tão doce,
Aquelle beijo... um só! ah! se me fosse
Dado beijar-te inda uma vez apenas!

E's morta, santa! Para o mundo és morta!
Mas no meu cora-ão tinhas-te calma,
Viva só para mim... os máis... que importa?

Foste-me sempre a única alegria!
Guardo-te ainda toda na minha alma.
Vives em mim como eu em ti vivia?

Carlos Rego.

O ideal antigo.

A. I. Xavier de Carvalho

A loira luz do sol occida a plaga he fena
Murmura a onda vem morrer doce na areia;
O mar convida ao banho, ao banho vem Phrynéa
Bejar do azul da vaga a carnção morena.

Artista á praia corre a multidão; ancôa
Olhar o corpo nû da Aphrodite serena,
O corpo que reconhe a immortal de lena,
Da graça typo eterno, a forma feita de...

De Lutecia na praia avista a plebe estulta
Contempla de Nana o torso scintillante,
As pernas de Pariz n'um corpo que se occulta.

O passado, o presente (o contraste acutante!)
Este aos vicios esconde e nua a carne insulsa,
Aquelle fez da carne—o bello deslumbrante.

Phacelo Gusman

PHILOMATHIA

Revista artistica, scientifica e philosophica

Imprimi progredienter.
Hoechst

Director de redacção - *Manoel de Bêthencourt*

Gerente - *E. Marinho Aranha*

Secretario - *J. Xavier de Carvalho*

REDACTORES - *A. DOS REIS CARVALHO, A. LOBO E H. MATTOS*

Terça-feira, 22 de Outubro de 1895

EXPEDIENTE

A PHILOMATHIA, revista quinzenal, publicar-se-ha duas vezes por mez; sua redacção só se considerará solidaria quanto aos conceitos externados em producções não assignadas ou que o forem collectivamente.

Assignaturas

Para a capital

Mez..... 1\$000

Trimesire.. 3\$000

Para o interior e Estados.

Mez..... 1\$500

Trimestre.. 3\$500

Concurso poetico.

Abrimos n'esta nossa revista um concurso poetico, a praso de sessenta dias, para o melhor soneto que for composto sobre o thema - Amor mystico-, em que se podem inserir quantos se dignarem enviar a esta redacção as suas composições, quer aqui do Estado, quer dos demais Estados da Republica.

Findo o praso, publicamos todos os sonetos, submettel-os-hemos ao juizo esthetico de Thomas Ribeiro, que, a pedido nosso, se digna classificá-os, pondo em ordem, segundo o seu merito, os tres primeiros, aquelles para os quaes estabeleceremos os premios que a nossa humble apontaremos.

PHILOMATHIA

SUMMARIO—Uns dias, *Luiz de Ultramar*—A Sciencia e a Litteratura, *Antonio dos Reis Carvalho*—Chrono, *H. Mattos*—Curso de Philosophia, *M. Bêthencourt*—A bordo, *J. Xavier de Carvalho*—O beijo, *Oscar d'Alva*—Chrono, *J. Xavier de Carvalho*—Mademoiselle, *H. Mattos*—Saudade, *Pacifico Bessa*—Visão de Zeuxis, *Oscar d'Alva*—Em frente do esquite, *W. Broadbent*—No Diluvio, *Placido Guerra*—A mendiga—*Carlos Rego*.

UNS DIAS..

Tarefa valha, o estafado a de quem se incumba de fazer estas resenhas monótonas de acontecimentos baptisadas gregamente com o nome de chronica, termo dissonante, debaixo da capa do qual se oculta em couros que ora pecam por perzadas e maduras, ora por leves e yardas. Qualquer figuração, arvoredo em chronista telephonico, thema, é isto, suffiso, segundo o estimavel processo do massamanga R. Carvalho,.) aproveita o senso de escrever chronicas, para encurtar quanto áhã, bôca lio pôva o cerebro, n'agullo que aguilhoamento multiplo de Victor-

graphia de uns dias. Os factos que deviam servir de base á resenha—vão-se collocar no fundo da tela e, no primeiro plano d'esta, surge, a figura do chronista, contente de se ver em plena luz, posto em evidencia, como contente fica um rocim, á frente de uma cavalgada, ouvindo o tilintar da campainha e dos guizos que o enfeitam.

Nas plagas de um Estado que não nos fica longe, a terra da luz e da secca, da emigração e da salubridade, existe algúem que realista o ideal d'este chronista de que fallei, algúem que só de si falla quando chronicas escreve, que na sombra deixa tudo o mais que não envolva o culto da sua personalidade. É o chronista que se faz Deus de si mesmo, nume e sacerdote no mesmo tempo, com um pé em cima do altar e o outro cá em baixo, na incómoda posição de quem se adora e quer ser adorado. Já se vê que este não será o ideal meu, embora ás vezes tente fallar de mim mesmo com uma certa satisfação, sendo que nas minhas chronicas tratarei de ficar no lugar de episcopo, dando aos acontecimentos o do poema. E já que fallo de acontecimentos, entro em materia, depois d'este exordio que já vai puzado.

O maior acontecimento da quinzena foi essa coisa de amathia que anda em rebeldia lá pelo Rio, coisa que muita gente quer, em face de muita gente que não a quer. Um deputado, aquelle que deveria ser o mais fluente das deputações, a ser Nilo (per esthetica supremo-

Pegunha) ergue-se na tribuna, altisonante, o diz que, em revolução, revolta, crime de militares era maior que crime de civis, porquanto aquelles tinham obrigação de defender o regimen constituido, sendo traidores quando se revoltavam contra a autoridade consagrada, contra o governo fundado no pacto juridico constitucional. Republicano entusiasta e desamado se. Não condemnou assim a Republica em nome de quem falla, oriunda dos movimentos militares que censura, filio a acusar sua mãe. E com elle outros muitos desertaram da mesma nação, sustentadores acorremos da ordem de hoje, elles que foram tanto de encontro á ordem da passada.

E, remexendo-se daqui para allí, lá vai a amnistia, de camara para sanado, como Jesus do Pretorio para o palacio do Tetrarcha, empurrada d'aqui e d'allí, sem saber se a crucificação como a Christo, ou se a soltarão como a Barrabas. E como cousas que entendem com politica são sempre mais ou menos porras, sujas, ou lei por bem amnistiar a amnistia, deixal-a em silencio arrastar perdoada a sua vida de Magdalena.

Mas que outro facto haverá que me chame a attenção?

Fabricas quebradas, companhias decadentes, empresas semi-mortas, sujeitos a se descompoem á beira do tumulo dellas? Não, que ninguem ri do que é a ruína que se aproxima, do que é o mal que nos invade; e eu não quero tratar de cousas tristes, onde oppressora, a tristeza mora, de assumptos pezuados, onde o pozo do mal social acalbrunha a todos. Passemos a outra ordem de idéas: depois da questão politica e social, entremos na questão da nossa Revista.

Vale a pena dizer-se que tomamos hoje um lugar no martyrio. Um bello dia, innocentes, jovens, despreoccupados, nos excellentes rapazes (quem escreve isto já não é rapaz.) o Ignacio Carvalho, o Ros. Carvalho, o Mattos, o Marinho, e o Lolo acharam que era bom fazer alguma coisa em prol desta Athenas que tem, como Pyreo, a Ponta d'Arco e, como Acropole, o promontorio da Garvão. Pensaram lá emquanto que era

feito isso de só viver da gloria dos mortos e quizeram que os vivos alguma coisa fizessem a seu turno. *Philomathia* sabe como producto d'este pensamento, explosão d'este sentir que tinha a coragem de abrir caminho no vasto campo da novidade e inocencia, um que se amodorrara os nossos folhos e bons espiritos. E, quando a *Philomathia* nascia, ressuscitava no Maranhão uma mulher que morrera sem prole, a senhora — Critica — de quem ha muito não ouviamos fallar e que, pelos cantos, becos, ruas, praças, pharmacies e lojas, arrastando robes furfalhantes de tecidos de jacuitha, abria a bocca n'uma vozoria aguda de esgançada cantora do opereta, a dizer mal de nós todos, simplesmente porque tivemos a culpa de consentir que ha quarteiro seculos antes do nós — outros, descobrissem a pólvora.

Prosa, verso, tudo retalhou a tal senhora com a sua tesoura rollada a cortar sem dó no pano alheio, tesoura dentada, a estragalhar o estôfo consistente do antigo grave e a esfarrapar a gaze branca da leve producção litteraria.

E lá foi caminho a espalhafatosa senhora, agitando com grande *fron-fron* as fôfas saias a envolverem-lhe o corpo magro, pondo em evidencia o corpo, muito e muito de algodão acolchado, a dar-lhe uma riqueza de busto que não tinha. E palermas (ha tres mil annos que Sabonão disse ser infinito o numero de stolos desde Sabonão o mundo não mudou) ouviram a graciosa senhora, enfeitaram-se com os seus reparos e vieram orgulhosos dizer aos rapazes e a mim, que escrevo esta chronica: — Vocês não sabem grammatica, ignoram a metrica, desconhecem a esthetica, são uns intrujos na arte do escrever —. E a esta tirada lugubre, a este anathema lançado sobre as nossas cabeças, respondeu um silencio geral. A critica tinha-nos morto e só havia que rezar sobre nós um *De Profundis*.

Em que lies pezo, ainda não morremos, de finados vamos transformar-nos em assassinos da critica. Basta deixar emmagrecer um pouco mais a tal senhora, não lhe dar ferro nem

arsenico para a anemia profunda, a chlorose que a estraga e que a conduzirá á escrophula. Ella morrerá e nós viveremos; e, se ha quem se sinta com coragem de fazer melhor do que nós fazemos, abrimos a nossa Revista a essas producções superiores que a nada nos reduzirão. Venham elles, os sábios, os artistas, os poetas e os philosophos, façam sciencia, arte, verso e philosophia, que nós com prazer intenso lhes teremos louvores, dando-lhes o logar de honra, que ás superiores producções compete. Mas, enquanto se limitarem no papel da figueira esteril do Evangelho, que se ergue para o céu, verdejante, mas sem produzir fructo, arvore inutil a occupar o logar de arvores uteis, nós só teremos por elles uma aversão igual á de Jesus do Nazareth e lançaremos maldição sobre os infructiferos que não querem que os outros — fructos produzam.

E não tomei eu linguagem epica com as cousas dos meus senhores! Fui rhetorico, não ha duvida, accumulei comparações e imagens, gastei prosa minha enfim. Os rapazes que me perdoem, perdoem-me a *Philomathia* este phrasear abundante de que culpado é apenas este nosso meio que intellectualmente ainda vai mais sujo do que physicamente o deixa a nossa Intendencia.

E a Intendencia não mandará varrer as ruas — da critica que nos persegue?

Luiz de Ultramar.

A SCIENCIA E A LITTERATURA

(Conclusão).

Diante desse estado deploravel da instrucção litteraria, convém que um esmero inaudito se produza no seio das que ainda estudam, afim de formar-se da litteratura um cultivo baseado nos conhecimentos elementares que estabeleçam as noções fundamentais para o perfeito conhecimento da transcendente phenomeno sociologica como é a litteratura, como fundo da arte.

Para conseguir-se esse des-

deratum convém disciplinar a intelligencia submettendo-a a um regimen que consiste em fornecer-lhe successivamente e selectamente os dados scientificos encyclopedicos desde as theorias mais simples da Arithmetica até os theoremas mais transcendentes da Moral.

A exigencia dessa disciplina, aliás necessaria para todo e qualquer perfeito conhecimento, converge em litteratura à apreciação competente dos grandes productos da arte maravilhosa da palavra, a um juizo auctorisado das grandes obras, então estudadas sob um ponto de vista de complexo, sob o qual não as podem considerar os litteraturistas, habidos de instrucção encyclopedica e a mór parte das vezes alliado a esse inconveniente a falta de *criterium* moral preciso, base necessaria e indispensavel para um juizo competente e respeitavel.

Assim, pois, em vez de um amador da litteratura entregarse desenfreadamente a lêr todas as obras litterarias que se vão publicando, mesmo as que merecem a apothecose quasi unanime dos contemporaneos, como os romances de Zola, Daudet, Maupassant, dos theocourts, de Bourget, entre os francezes; os dramas de Ibsen e Strindberg, entre os scandinavos; as obras de Turguenoff, Tolstoï, entre os rússos; etc., em vez, repetimos, de assomillar numa febre de erudição as creações litterarias da epokha, onde, seja dito de passagem, há muita coisa inutil e dispensavel de se conhecer, e melhor que se entregue a um estudo systematizado do saber, percorrendo os diferentes grãos da esca da scientifica, partindo do conhecimento dos phenomenos inferiores do mundo para attingir com segurança aos factos mais complicados da sociedade e da human. do mundo que nos resta o que dissemos—não chegar à litteratura sem passar pela sciencia.

Em resumo, o modo normal do cultivo litterario deve basear-se na cultura systematica do saber geral, fundamentada especialmente nos ramos scientificos mais ou menos relacionados a este a que o individuo se dedica.

Talvez por isso mesmo que está de educar a encyclopédia a um

necessaria, que a historia dos genios é a prova mais completa da inanidade do nosso affirmatio, que sem sciencia se faz litteratura, que Shakespeare, por exemplo, no *Romeu e Julieta*, no *Othello*, e no *Hamlet* escreven as eternas epopéas do Amor, do Ciúme e da Duvida sem o menor conhecimento das leis biologicas e moraes descobertas muito mais tarde; mas a isto responderemos que nem todos somos genios e possuímos esse grão de perfeitibilidade maravilhosa dos cerebros potentes dos grandes typos da Humanidade, nem todos podemos sem um preparo regular peolozir o que o genio opera num momento. Além disso no estado actual da evolução humana, depois que Comte fundou a Sociologia e systematisou as leis do cosmos e do homem creando a philosophia definitiva (em o nosso modo de entender) desenvolveu-se o espirito de unidade e generalidade, e a harmonia do saber encyclopedico tornou-se uma necessidade preponderante não só para a completa e perfeita apreciação de qualquer dominio e portanto dos grandes productos da litteratura em qualquer epokha da historia e especialmente nos tempos modernos, como também para toda producção esthetica de ordem qualquer.

Sob este ultimo ponto de vista deixamos que por nós falle o eminente fundador da Religião da Humanidade:

«Como não podemos idealisar e pintar sinão o que se nos torna familiar, diz Aug. Comte, a poesia repousou sempre em alguma philosophia, capaz de imprimir uma direcção fixa ao conjunto de nossos pensamentos e sentimentos. Também todos os verdadeiros poetas participaram profundamente, desde Homero até Corneille, da mais forte educção geral que comportava sua epokha. É preciso que o genio esthetico tenha todo conhecido antes de poder representar. Hoje mesmo, quando a nossa anarchia faz prevalecer por toda parte uma especialidade empirica, os profundos poetas que se julgam dispensados de alguma philosophia não fazem realmente além de fazer esta base indispensavel a systemas abstractos, theologicos ou metafisicos. Sua va educação especial, limitada a cultivar sómente o talento de formular, é tão nociva a seu espirito como a seu coração. Interdizendo-lhes toda convicção profunda, só tendem a desenvolver uma habilidade machinal quanto a parte technica da arte, sem lhes deixar apreciar a idealisação que constitue seu principal character. Devemos-lhe essa deploravel multiplicidade de versificadores e litteratos estranhos a toda verdadeiro sentimento poetico, e sómente proprios a perturbar a sociedade por sua ambição desregrada. Em quanto mais technica, a educação actual para as quatro artes especiaes é ainda mais viciosa, a todos os respeito entre os que outra não recebem. Nada pôde, pois, dispensar as diversas vocações estheticas que participem primeiramente da educação fundamental com-mum a todos.» (5)

A sciencia e a litteratura são pertantemente harmonias e só um revolucionarismo sem nome alliado a uma incompetencia ambiciosa tem corrido para que certos litteratos e seus apreciadores, baldos de sciencia, proclame a opposição dessas duas grandes manifestações do cerebro humano.

Os genios fecundos da Humanidade tem-no provado à evidencia a harmonia real entre a sciencia e a arte, e especialmente entre a sciencia e a litteratura. Goethe é um exemplo characteristico. O fundador da theoria botanica da metamorphose das plantas é o mesmo auctor do Fausto, desse poema sublime que G. Junqueiro num rasgo de inspiração cognominou—a psychologia humana dramatisada. O naturalista e o poeta se fundiram no genio. O genio se expandiu no sabio e no artista.

Como Goethe na litteratura, Leonardo de Vinci na musica, pintura, esculptura e architectura provou a alliança possível da arte com a sciencia, pois foi um dos maiores mathematicos de sua epokha, descobriu—alho entre outras descobertas a que ora nos referiremos a memoria—um novo processo de calcular

Como Goethe na litteratura, Leonardo de Vinci na musica, pintura, esculptura e architectura provou a alliança possível da arte com a sciencia, pois foi um dos maiores mathematicos de sua epokha, descobriu—alho entre outras descobertas a que ora nos referiremos a memoria—um novo processo de calcular

sua estrutura psychica não apresenta analogia íntima com a do antepassado pré-histórico da humanidade de hoje. A creança, qualquer que seja, em favor de uma raça civilisada, é producto de uma serie ancestral de individuos civilisados, o que dá à sua entidade psychica, embora delineada vagamente, o caracter de uma resultante de estado psychico superior da humanidade. Logo não tem a sua psychologia semelhança alguma com a do primate que, sahindo da baixa animalidade, inventou physiologicamente a estação vertical, desconhecida dos outros mamíferos, e a linguagem, producto do maior volume pulmonar que tal estação criou.

Como, pois, estudar o ser psychico do primeiro homem? Já estamos longe do tempo em que Buffon, n'um estudo de rhetorico lyrico, fazia a epopéia das sensações e idéas do primeiro homem; a sciencia de hoje não se contenta com esses devaneios, quer factos positivos, analysaveis, determinados em que baseie suas concepções theoricas. Mas, se os dados quanto ao homem faltam, se a psychologia da sua primeira entidade intellectual e sentimental falta, temos os dos animaes mais proximos d'elle na serie, os mamíferos a cuja ordem pertence. A psychologia destes é facilmente conhecida no que possui de objectivo, pode-se com rigor determinar quaes os phenomenos que a caracterizam. Em tres organismos, a sensibilidade tem uma predominancia absoluta sobre a intellectualidade e a volição: são entidades em que a sensação é o facto capital, sendo a percepção apenas a allucinação da sensação que se lhes reproduz inconscientemente no mechanismo nervoso central. A percepção suppõe uma analyse consciente no espirito, já do posse de um symbolo para representar a sensação; e o animal, despojado da linguagem discursiva, analytica, não a pode possuir, não tem intellecto representativo de emoções representativas na forma determinada de idéas. Nestes organismos o intellecto só existe potencialmente, a sensibilidade é todo o mechanismo das suas relações com o mundo exterior.

A' luz destes princípios, o homem primitivo fatalmente que foi um ser onde o mechanismo sensorial predominava, guiando-se pela sensação e as suas resultantes sentimentaes; a linguagem, porém, a facilidade de articular sons variados, deu-lhe symbolos, para representar as emoções, e, como n'estas havia sempre um elemento predominante, um objecto que as gerava, fácil foi a transformação do symbolo ethico—no symbolo intellectual, eliminados os accidentes que acompanhavam o objecto capital, da synthese sentimental passou-se por uma transição lenta à analyse ideologica. O intellecto humano, primeiro somma de allucinações da sensibilidade, transformou-se em somma de representações adequadas à realidade, schema do que a sensibilidade elaborára. Assim nasceu o pensamento discursivo, producto da linguagem, mas que, por uma reacção natural em phenomenos de tal ordem, passou a servir de regra à linguagem que o creára.

Sobre estas bases podem-se estabelecer hypothesees quanto às primeiras idéas do homem primitivo, idéas largamente influenciadas pelos seus factores sentimentaes. A linha de separação que estabelecemos entre a sensibilidade do homem primitivo e o seu intellecto, é todavia apenas uma demarcação abstracta—recurso de analyse, visto não se poder separar *in concreto* a sensibilidade—da intellectualidade. Esta, producto da primeira, no organismo psychico rudimentar, foi apenas um phenomeno super-ajuntado, puramente subordinado ao mechanismo sentimental. D'ahi nas idéas do nosso antepassado pré-histórico ser o phenomeno capital a concepção sentimental das cousas, as idéas pintadas e reunidas, não segundo os seus laços logicos abstractos, mas de harmonia com os sentimentos que grupam.

Por uma hypothese grandemente admissivel, largo tempo permaneceu o homem sem procurar conhecer das origens, quer suas, quer do kosmos, a origem da o problema da nutricao, ferocemente desenhado entre todos os animaes, a nome synthese sentimental ou intellectual que baseia

lhe era absolutamente vedada. Dava-se, porém, ao seu espirito uma profunda differenciação: o homem conhecia de objectos que lhe eram uteis, benéficos à vida, de outros que lhe eram prejudiciaes, maleficos. A primeira classificação que fez das cousas foi a que estas duas caracteristicas lhe davam, a caracteristica do amor e a caracteristica do medo; e, como nada recessasse dos seres de quem lhe vinha o bem, procurou conjugar aquelles que mal lhe faziam. Assim é verdadeiro o verso de Lucrecio:

Præterea timor in gelibus fecit timor.

exprime a situação sentimental religiosa do homem primitivo.

Deixando o estado de baixa animalidade, de posse da linguagem, levado do appetite genésico, o homem em sociedade se reuniu, agglomeração de seres vivendo em commun, exercendo os mesteres proprios do genero de vida que era a sua. A cohabitação dos homens trouxe como resultante a differenciação dos individuos, differenciação producto da não igualdade physiologica dos organismos, em que a excellencia da função de alguns, lhes dava a supremacia das aptidões differentes. A consequencia immediata foi a divisão do trabalho nas primeiras collectividades humanas; e, como n'ellas havia homens, mulheres e crianças, a primeira divisão foi a dos que mandam e dos que obedecem, dos que podem viver sem o trabalho e dos que são forçados ao trabalho. Esta divisão que parece iniqua, foi contudo o unico meio possivel do homem abraçar as concepções mais elevadas do sentimento e da intellectualidade; e os primeiros que puderam dispensar o trabalho na luta pela vida, foram os primeiros tambem que interrogaram o kosmos e o homem, para resolver o problema das origens.

A synthese que taes individuos puderam fazer basear-se-hia necessariamente da sua psychologia em que o elemento sentimental era o predominante. Vendo o kosmos a imagem do homem, seu anthropomorphismo lançaria um vago colorido de sentimento sobre o universo inteiro. A noção sentimental da

densas pessoas e humanos, forças superiores de que o homem dependia, passaram a ser a solução sentimental; atraz do ser concreto a cahir debaixo dos sentidos, sor que, inanalysado, não se comprehendia, foi collocado a ser occulto que correspondia á sentimentalidade, tornado o concreto—symbolo da força que escondia. Tudo passa a ser fetiche para a intellectualidade nascente do homem, o real perde a sua categoria para só ter realidade o que se concebe occulto por elle. O universo é uma phantasmagoria, um scenario alem do qual se movem personagens mysteriosos, uns que fazem bem ao homem, outros que lhe fazem mal. E a idéa de seres benéficos que crearam o orbe e são favoraveis ao homem é acompanhada da outra idéa de entes máos que perturbam a obra da criação e a sua sequençia. Associa-se ao feticchismo o henothéismo, com um largo caracter dualista, passando os *Devas* a serem divindades do bem e do mal, conforme se os suppõe máos ou bons para o homem.

Ha dous phenomenos naturaes que fatalmente impressionam todos os viventes superiores: a antithese do dia e da noite; a antithese das estações. Quando á tarde os animais se recolhem ao repouso, ha nelles o vago terror da noite que haixá, terror de que o homem moderno ainda não se libertou, pois que, por influencia da hereditariedade, pela stratificação da sentimentalidade que o precedeu, se sente como que opprimido por uma singular influencia mysteriosa, quando o sol se esconde; ao contrario, a manhã é uma hora de alegria para todos os seres viventes e o homem explode o jubilo do annual de outtura, que a cordava feliz de se ver liberto dos perigos da noite. Nas estações em que a temperatura é de melhor temperatura, quando as arvoredos, ricas de flores e fructos, abtem intensidade de vida, quando a existência animal se torna mais facta, o homem experimenta um bem estar que não encontra nos tempos em que lhe maligna o clima, quando o ambiente natural se adormecida embacica—lho oppõe á existência, e em no homem malhumado a vida flor e fructifica

com a primavera e o verão, muito mais ella florio e fructificou para o homem dos tempos pre-historicos, que não tinha meios de combater artificialmente as estações. Mas a estas duas antitheses um phenomeno se ligava capital, phenomeno que a intelligencia rudimentar do homem não podia deixar de observar: o da concordancia dos movimentos do sol com estas alternativas de calor e luz. Dahi um passo para a systematisação do henothéismo: o reconhecimento da divindade solar como a primeira das influencias benéficas; e o da divindade da noite, do inverno, como a collocada á frente das forças perturbadoras da vida. Ao feticchismo, ao henothéismo desconnexo, foi ligada assim a concepção solar, reguladora deste pantheon rudimentar, suprema força do bem em luta eterna com o mal, a treva e a luz das legendas, que ainda ensombram as theologias do presente, que nas formas materiaes do culto, ainda conservam os seus symbolos.

(A seguir.)

M. de Béthencourt.

A bordo.

Garças brancas, garças brancas,
Que volitaeis pelos mares,
—Azas abertas nos ares,
Pandas, em forma de leque,
Mandae que meu pranto seque,
Garças brancas, garças brancas.

Vagas verdes, verdes vagas,
Que passaes tão ransamente,
Vesti-me o peito descrente
Das passadas alegrias,
Das antigas phantasias,
Vagas verdes, verdes vagas.

Brisa meiga, brisa meiga,
Que sopraes neste momento
Levae o meu pensamento
—Das venturas magnas do tempo—
A quella que tanto soffre.
Brisa meiga, brisa meiga.

Nivea lua, branca lua,
Que rebrilhaes pelo espaço,
Os versos que agora faço
Atirae, d'um raio feito
De luzes, sobre o seu leito,
Nivea lua, branca lua.

Saudade, minha saudade,
Bate as azas, voa, voa...
E, ao som de uma triste lóu,
Amargos travos espalma
Sobre a noiva de minh'alma,
—Saudade, minha saudade.

Dizei-lhe, estrellas e astros,
Que durante esta viagem
Sua casta, pura imagem
Não se apaga em só momento
Da luz do meu pensamento
—Dizei-lhe estrellas e astros

Garças brancas, garças brancas,
Que volitaeis pelos mares,
Azas abertas nos ares,
Pandas, em forma de leque,
Mandae que meu pranto seque,
Garças brancas, garças brancas.

J. Xavier de Carvalho.

O beijo.

(Sobee paginas de um romance moderno.)

O beijo faz amarrou.
E. Zola.

É muito. Pulverisações de luz se desprendem pelo immenso orbe do céu. O pluvium magestoso, como um nevoeiro de fogo, sobe mais e mais na esphera azulada. As estrellas distillam o nectar subtil de uma luz mystica, que se funde no beijo chovão da lua. Um s'villo agradável de zephyro ligeiro palpessa no ar fresco e o clipe da fithagen a capta um raio de amor que o vento—perseguido infinito—vem a trazer va vanagem viciosa da bexiga.

É noite. Entre larâncas em flor, ao longo de uma clareira banhada pelo reflexo pallido da lua — immensa lentejounla bordada no manto saphyrico do céu, rosa de luz desabrochada na amplitude, dous jovens contemplavam a face do planeta, amarellecendo as feições das moitas e illuminando a casinha branca onde nasceram e vivem, a se arguer como um bloco do nevo, no meio das arvores copadas que a cercam. São elles, Alvaro e Cordelia, dous séres que surgem da infancia á mocidade, um menino que se transforma em homem, uma menina que se faz mulher; duas almas que se estimam com a pureza santa das amizades infantis; dous ontos em cujos corações ainda não germinaram os plasmas do desejo, que ainda vivem das illusões mentazes, mas fagueiras da innocencia.

Alvaro apenas attingio os quinze annos. Formoso, de talle esbulto, musculatura proporcionada, linhas regulares nos contornos, physiognomia expansiva, olhos negros em orbitas rasgadas, palpebras frampadas de espessos cilios, sobrancelhas pretas levemente arqueadas, com um tenue buço a accentuar-lhe o kharakter do sexo, thorax largo e desenvolvido, era um desses typos que realisam a rara alliança de um physico são e uma alma bca.

Cordelia, mais joven, era loura, alva, uma figura ideal e celeste, um typo verdadeiramente sentimental, sem ser a figura delil e franzina de uma virgem romantica. De formas regulares, ainda naquelle estado de hesitação em que os tons da manintra se transformam — nas graças mysteriosas de mulher, estava na epokha feliz em que o olhar da criança começa a velar-se de uma nuvem mystica, a travez da qual se divisam os germens da paixão nascente; na epokha feliz porque o coração da mulher se entrecruza ao homem, como a corolla de uma flôr olente em cujos nectarios elle sorve a ambrosia do amor.

El Alvaro e Cordelia passavam garrulamente no abandono innocente de duas almas fraternas a brincar, sorrindo á luz da luar. Ouvindo a voz da natureza no trillo sonoro da philo-

lomela, no ciclo rhythmico da folhagem, nas perolas d'agua gottejadas numa cascata longinqua, no zumbido estridente do escaravelho, as duas crianças se esforcavam por imital-as, e gurganteavam como a philomela, ciclavam como a folhagem embalada pela brisa, fingiam com a guzia cadente da mocidade que lhes despontava, o som musical da agua a travez dos granitos da cascata e zumbiam entre dentes como o escaravelho da mata. Mas nem o trillo da ave, nem o ciclo da folhagem, nem a queda da agua ou o zumbido do insecto lhes fallavam tanto ao intimo de seus corações de puiberes incipientes, como o adejar de um par de borboletas, a esvoaçarem sempre juntas, circunvagando entre as flôres desabrochadas ao luar, num concheio amoroso que os enchia de pasmo e lhes despertava um sentimento mysterioso que até então não tinham experimentado. Quizeram imitar ainda aquella manifestação da natureza expandindo-se na inclinação mutua daquelles delgadas lepidopteros a espargirem o pó dourado de suas azas, no atrito doce dos corpos que se aniam; quizeram imitar aquelles insectos alados a volitar em bem juntos e como que levados á mercê dos leques de suas azas que, como minuscultas velas, se enfunavam ao s'queo aligero da brisa.

As duas crianças olhavam extasiadas aquellas creaturinhas do mundo dos insectos, com um olhar avido de quem procura saber alguma coisa, como se quizessem apprender as lições difficilissimas dos beijos que se elevavam entre aquelles *papillons* tão cheios de alegria, repletos de ventura; e depois de olharem muito foram imitar os conjugos alados, como já tinham arremedado o trillo da ave, o ciclo da folhagem, a queda d'agua e o zumbido do coleoptero. Aproximaram-se, e bracos nos bracos, olhos nos olhos, se estreitaram como tantas vezes o faziam na hesitudo innocente de crianças amigas, estreitaram-se muito e depois para que realisassem a imagem viva do par que volitava amoroso no espaço, uniram seus labios entumescidos de juvenis, labios aluantes as polpas rubras de certos fructos na epokha

fecunda da maturação, e vibraram o primeiro beijo...

Cordelia estremeceu, como si uma faísca electrica lhe percorresse as fibras nervosas, e as faces levemente coradas se tornaram rubras — uma rosa sangrenta desabrochou sua farta corolla naquelle rosto branco, da brancura lactea do jaspé. Como Cordelia, Alvaro tambem *cegeu*, e ambos, após o choque electrico do beijo, se agutaram num movimento subito, como se experimentassem naquelle momento uma sensação desconhecida; permaneceram algum tempo distanciados, mas voltaram-se depois e se olharam, não mais com aquelle olhar franco e desinteressado, olhar ingenuo de creanças, mas litaram-se, como dous séres que a distincção dos sexos atrahia, como duas almas onde o amor acabava de nascer sob a excitação energica do beijo...

E desde aquelle instante Alvaro e Cordelia se amaram; o beijo foi o gerador da paixão febreil que entre elles se desenvolveu depois; o beijo foi o talismão do amor.

Oscar d'Alva.

Chromo.

Os pais dormindo... Inda é cedo.
No jardim, melga o bonito.
Passou a Maria Rita
Com o primo José Camilo.

De repente, n'um segredo,
O primo, parando, a fita
E pede um beijo... ella hesita
Toda corada de medo.

E o rapaz, a rir-se todo,
Não se importa e em pleno rosto
Imprime-lhe um beijo ardente.

E ella grita: — Tenha medo!
Seu Juez, eu não quero gosto,
Deixe d'isso, largue a gonto...

L. Xavier de Carvalho.

Mademoiselle

Quando vós vejo assim num riso amavel
A me saudar num doce cumprimento,
Se transforma em prazer meu soffrimento,
Mas num prazer infinito, inesgotavel.

O vosso olhar divino, tão affavel,
Meu coração prendeu num só momento,
Como se prende o vosso pensamento
Em orações a Deus, alma adoravel !...

Minha senhora, se este amor que eu sinto
Pudesse vos dizer como não pinto
Neste soneto, humilde muito embora,

Tivera um doce allivio: a incerteza
Não mais nublara as horas de fraqueza
Que eu sinto e soffro neste peito agora.

H. Matos.

Saudade

Mata-me aos poucos, mata-me cortando
O coração, crivado de pesares,
Suas crispadas garras vão aos pares
De fibra em fibra todas se enterrando.

Abutre—ferozmente conquistando
A carne que palpita e tem cantare;
Ao abandonado amor, á luz dos mares
—Naufrago de onda em onda se affogando !

Mata-me aos poucos, refazendo as brumas
Frias do somno ao coração que geme,
Que geme e pulsa numa alacridade.

Mata-me aos poucos, sem deixar algumas
Garras vivas do amor, com qu'eu algeme
As vivas garras dessa atroz saudade.

Pacífico Bessa.

Visão de Zeuxis

Zeuxis, o gran pintor da idade antiga,
Um vulto de mulher formosa e clara
Lançar na tela quer. P'ra que consiga
Engastar com o pincel a joia cara,

Incliná se a pensar na idea amiga,
Calidoscópica alma a forma rara,
A rara forma que a pintar se obriga,
Hale o ardor no cráneo... ergue-se... e pára...

Erdão torna a pallida, e ambe a tela
Luz um esbelto corpo de donzella
Logo espantado elle pergunta a si

Esta mulher quem é? Um typo assim
Zeuxis não sabe; o quadro é prematuro?...
Ah! mas tu — a virgem da Futuro!

Guaraci d'Almeida

Em frente do esquite

Dizem te morta e eu vejo-te deitada
Com as mãos cruzadas sobre o seio frio,
Vejo-te a bocca que eu beijei—collada,
E o roseo rosto—pallido e sombrio.

Dormes no esquite... E' noite; a madrugada
Não tarda a vir. Eu sinto o desvario
Da febre em que ardo. Acorda minha amada,
Da-me o calor dos beijos—tenho frio.

Acorda sim que eu não supporto a vida.
Ver-te dormir no esquite. Não! eu sonho
Ergue-te, pois, e beija-me, querida,

Tira-me o pesadelo e esta agonia...
Ah! tu morreste; eu sei, e isto é medonho!
Beijei-te a bocca e tens a bocca fria.

W. Broadbent.

No Biluvio

(QUADRO BIBLICO)

A. A. dos Reis Carvalho.

Em largo mar sem fim boiava triste a arca,
Nas aguas toda immersa a terra se perdia,
A treva, a treva só fazia a noite e o dia,
Morrera toda luz. Nadava muda a barca.

Japheto o filho novo, um novo patriarcha,
Na noite do soffrer em ancias se estorcera;
Perdera a doce amada, aquella que, não pia,
Por pai tinha Cain, do crime a negra marca.

Alfim renasce o dia, a luz volta brilhante,
Resplande o céu azul de nuvens já deserto,
E sobre o immenso mar Japheto olha, quer

Ao ermo conhecer aonde vaga errante:
Nas aguas fita o olhar e vê boiando perto
A morta branca sua, um corpo de mulher.

Plácido Guerra.

A mendiga

Vi-a assentada d'um palacio á porta,
Implorando uma esmola p'ra o filhoito,
Pallido o rosto, a roupa em desalinho,
Morta de fome, de fraqueza moribundo.

Chora, soluça—não lhe vale o pranto!
Meu filho!—geme louca a desgraçada.
E aquelle amor nada consegue, nada!
Aquelle amor inquebrantavel, santo!

Reza... prece do mãe sempre a Deus chega:
O que o fidalgo venturoso nega
Como n'um sonho l'ha namorada o céu.

Alguem,—talvez uma criança pobre...
—Toma, l'he diz qua n'fiosinha embore!
Esta moeda que a Mãe me deu.

Carlos Hugo.

ou haviam morto as rezas ou as tinham deixado se extravie-rem nos matos; os cavallos, puzados das viagens repetidas dos outros inventariantes, magros e lazentos, nada valiam; os burros, a quem tinham deixado à solta, ficaram malditos, conceiros, não querendo prestar serviço; os fmulos, por fim, também haviam entrado na ração das gallinhas, devorando algumas, insubordinados e atrevidos, a desrespeitar o ultimo dos testamentarios, por causa das liberdades que lhes haviam sido concedidas pelos outros. Visinhos tinham-se apossado das terras do finado, ali arvoravam a sua auctoridade, desafiando o representante do legitimo proprietario. A desordem imperava em tudo, nem o credito existia, pois os precedentes inventariantes haviam contrahido empréstimos onerosos, pagando o que deviam com o que pediam emprestado, emitindo vales que circulavam em lugar da moeda que faltava. E, em taes condições, como dar ao gallinheiro a prosperidade que perdora? Elle bem o queria, elle, o preciso inventariante, mas do querer ao poder ia-lhe uma enorme distancia. Ainda se tivesse bons auxiliares, mas não os tinha e elle, cruzando os braços, elle que sonhara restaurar aquillo, aguardou que outrem viesse tirar-lhe aquillo da mão. No gallinheiro, gallos, gallinhas, frangos capões e pintos, cantavam, crearejavam, ensalavam cantos, piavam com saudade do finado, alguma coisa lhes fazia suppor que o herdeiro lhes daria a prosperidade que tinham, quando viviam antes dos testamentarios.

Nisto, o herdeiro mandou dizer que queria tomar posse da herança e que fazia viajem com esse intento.

Por aqui fica a minha historia; não sei nem quero saber o que se passou ou vai passar. O que não soffre duvida é que, em politica, nada mais avançará que esta historia do gallinheiro. Faça meu proximo d'ella quem quiser, quem julgar que ha moralidade e tirado meu conto.

Agora passo a outra materia.

O Sr. Lata, que ha annos, sem calculo certo, não via no seu palco uma companhia dramati-

ca, teve a representar-lhe dentro a Companhia de Moreira de Vasconcellos, companhia em que tem o lugar de primeira dama Luiza Leonardo, uma actriz de talento e espirito, admiravel nos papeis em que a corda lyrica do sentir se torna necessaria a vibrar. Uma mulher que sente, a gentilissima Luiza, figura que parece arrancada d'uma d'aquellas deliciosas produções de Emille, uma especie de Julia de Trésoeur, a vibrar de emoção romantica. Via em dramas de accentuado romantismo e não a quiz ver, no mais, receioso de que outras impressões me combatessem as já recebidas. Os lours de force com que artistas de talento passam de um genero a outro, sempre foram condemnados por mim; são deslocacões e eu quero tudo no seu lugar. As demais figuras da companhia tinham no seu seio artistas de merito, sem fallar de Moreira de Vasconcellos que reúne em si brillantemente a trindade de actor, poeta e dramaturgo. Peret e Silva sabem da arte que abraçaram, correctamente conhecem a scena. Quanto ao repertorio da companhia, não me agradou a mistura do drama com o vaudeville, embora a muitos isso agradasse. Sou um pouco puritano em materia de arte e preferia ver nos cartazes da companhia alguns dramas de Augier, Sardon, Dumas filis, a achar d'elles figurando os hilariantes arremedos do theatro grivois des fran-ceses. Isto, porém, é um gosto meu com o qual ninguém ha que ver, convencido como estou de que, para Moreira de Vasconcellos, o resultado pratico dos vaudevilles foi maior que o dos dramas, a julgar pelo paladar do nosso publico.

Puz fora de ordem o theatro, quando me cabia tratar da litteratura, segundo assumpto enumerado no meu exordio. Creio, todavia, que não passarei d'elle. Propriamente não houve assumpto litterario, e não ser uma injustica que algum, em Pernambuco, se lembrou de fazer ao Maranhão; isto, porém, não é causa que valha a pena levantar-se, nem ha combates que se dêem ao trabalho de erguer a lrya, de longe atirada a arena. Lamento o facto que

tal cousa se dêse, porque, enfim, é sempre triste ter-se uma desillusão sobre aquelles a quem amigavelmente apertamos a mão. Lições que a vida nos dá, a grande mestra de tudo.

Mui errado vou eu affirmando que não ha cousas litterarias por este mundo equatorial do norte do Brasil; agora mesmo cahio-me nas mãos uma edição do Diario de Noticias do Pará, em cuja primeira pagina se enceta uma pagina da Mina Litteraria, uma assa-dagão cultista que vicia às margens palustres do Gonjara. O que seja a Mina Litteraria, que, em vez de poças, tem paginas e paginas com que carregu o Diario de Noticias na sua primeira pagina, ignoro eu, na santa ingenuidade em que vivo ha uns annos a esta parte. Será mina de ouro, de platina, de prata, ou então do mercúrio, hulla, ferro ou chumbo? Pelas produções da Mina que tenho à vista, vejo que não é com metaes preciosos que lido; parece-me que aquillo é um pouco de chumbo, a julgar pelas colicas que soffre a grammatica nos artigos que acabo de ler. Contudo, acreditando no artigo editorial da «pagina encetada», tenho que desfazer o meu juizo: desse escripto resaltam uma tantas glórias, uns tantos trophéos, uns tantos triumphadores, que parecem sahidos lá do fundo da Mina como productos de subido valor, em apothecose flamejante da palavrão a chocallarem como quizesquer chocallhos por ali. Consequencia: estou errado na minha apreciação; a Mina é a Mina e eu nunca sei o seu propheta.

O tom convencido do artigo que «enceta a pagina» encetada, patenteia-me a evidencia que existem por esse mundo afora muitas glórias que eu ignorava, muitos obeliscos intellectuaes que eu nunca cobri com os meus hieroglyphos. Pois eu lá conhecia os Srs. Alvares da Costa, Raul Azevedo, Xavier Mota, Leopoldo Souza, Guilhermo de Miranda e, mais nada! Confesso-me não deste crum não sabia que elles viviam, ignorava que contam, desconhecia que escreviam e fallavam.

Já se vê que não podia ter como glórias o que para mim era zero no mundo do conheci-

muito, que nunca me valera dobaixo da apreciação; agora reconheço que S. S. S. S. existem o folgo em proclamar-o. Saibam todos os que me lerem que, no Pará, ha muitas glórias, tantas que ninguém as conhecia, eram exactamente como aquella luz da que fallava o Christos; estavam escondidas dobaixo do almeiro.

Chamemos para cá uma d'ellas: venha o sr. Raul Azevedo, esse que tanto é festejado, tanto, que, de dous sonetos publicados, na «pagina encetada», dous lhe são dedicados. Quero conversar um pouco com o illustre o laureado adolecente, pessoa que se abalancou a publicar artigo sobre Machado de Assis. Não passarei do primeiro periodo de s. s., que a chronica vai espiçada. E o seguinte: «O sr. Machado de Assis talvez seja a nossa individualidade litteraria que mais se destaca e que mais se accentua mesmo em letras patricias.»

Neste periodo o adverbio dubitativo *talvez* e o presente do subjunctivo *seja* estabelecem um facto hypothetico, como diz o nosso velho mestre Potero dos Reis; logo os verbos *destacar* e *accentuar*, para conservar a ligação logica da modalidade simultanea dos tempos, devem ficar no presente do subjunctivo, devendo estar escripto—«que mais se *destaque* e *accentue*».

Porém, sr. o sr. Raul Azevedo tenta o intento de apresentar uma affirmacão assertoria, o periodo devia estar assim construido:

O sr. Machado de Assis é provavelmente a nossa individualidade litteraria que mais se destaca e que mais se accentua, etc. etc. onde o verbo é pelo como correlatos os tempos *destaca* e *accentua*.

Mas ainda não fico por aqui neste periodo onde já notei dous formidaveis solocismos, encontro mais um gallicismo—e que gallicismo! o emprego do *mesmo* por *até*, na expressão «mesmo em letras patricias». A correcção da phrase portugueza pedia o emprego de *até*, visto que o *mesmo* é uma traducção do *même* empregado adverbialmente no francez. E ainda não fico aqui: aquella *patricias* a que dabo vou? *patricias* não é a mesma coisa que *patricas*,

significa *excellencia* do couro oriundos da patria; assim se diz—*nobreza patricia*, etc. Ora o sr. Raul de Azevedo empregou mal o adjectivo, erro laparadoavel n'uma gloria.

Em resumo, n'um periodo de quatro linhas, é periodo de uma gloria, encontrei a seguinte:

a) dous solocismos em empregos de verbos;

b) um gallicismo no emprego de adverbios;

c) um erro de semantica n'um qualificativo.

Tudo isto é muito para uma gloria, e eu estou convencido que a Mina Litteraria... é de chumbo.

A penultima nota a dar é a relativa aos costumes: não ha muitos dias que envi um cidadão, revestido de modos graves, tropejar contra os costumes, affirmando que a corrupção impera no nosso meio, que a senhora D. Virtude de ha muito vom d'estas plagas, indo viver não sei onde. E o homem dizia aquillo com o modo convicto de quem se acha saturado de uma verdade que elle tem medo que não seja conhecida dos outros. Teria elle razão, estará ausente D. Virtude, essa estimavel solteirona immortal que nunca se quiz casar, mas grado o grande numero de pretendentes á sua mão? D. Vieira que é um sujeito polygamo, tambem immortal, declara que ha muito não a vê, mas tal declaração é suspeita, reconhecida e provada a inimizade que reina entre os dois. Seja o que for, pode ser que tal moralista austero tenha razão, que os costumes periguem, que vá tudo dar como as canas-tras na corrupção, que é uma grande agua suja que estraga tudo o que estive lá dentro. E' possível tudo isso, como é possível tambem que eu, que prometti no exordio não fallar da moral, esteja aqui faltando á minha promessa. Caprichos da penia que ás vezes faz o que não queremos que ella faça. Uma coisa, todavia, reconheço que não está pondo os costumes em pantana: é a paixão da mentira. Já o Padre Antonio Vieira, em palavras pouco haageiras para o Maranhão, dizia que a planta que mais floce e fructifera aqui era a da mentira; do Padre Antonio Vieira para cá, a planta

transformou-se em arvore frondosa, de uma copada ramiaria, fecunda a produzir variadissimos fructos. Esta idéa da arvore da mentira traz-me á mente a da arvore de um mentiroso, uma coisa gaiata que em tempos ouvi:—Um sujeito que sentia prazer em fallar á verdade, affirmava que no seu quintal possuia um genipapeiro que um dia endoidecera: o resultado da loucura foi a arvore começar a produzir os fructos das outras, em vez dos genipapos que lhe cahiam. Abacates, sapotys, laranjas, goiabas, araçás, pitombas, etc., até amamizes, melões, melancias e aboboras, tudo o vegetal doido dava á luz, conforme a mania que o possuia. Não ha que negar haver n'esta arvore do mentiroso um profundo ensinamento: é que a mentira produz tudo, conforme o capricho que lhe dá. Monte-se actualmente entre nós de uma maneira prodigiosa, a mentira penetra em tudo, desde as cousas da politica até ás da vida domestica, e o peor de tudo é que quasi sempre é malevola, tende a prejudicar. Sujeitos ha para quem a mentira é uma funcção necessaria á economia organica: se não mentissem, rebentariam como bombas. Ou elleos estão d'essa dynamite de nova especie. O que fazer diante de taes individuos? Deixal-os mentir é a unica solução racional, embora muitas vezes se tenha a vontade de amordaçar a bocca do mentiroso.

E basta de tratar de mentiras, persuadirei a occupar-me do sujeito «birico» que me affirmaram haver estado impudente. Não o vi, mas creio no que me disseram, não me parecendo que a mentira fosse melhor-se alli. Excellente, pois, a manobra por que as classes feminis festejaram o 15 de Novembro. Pena é que o povo se conservasse frio ante semelhante manifestação; pensando bem, não se não admira que o povo não apparecesse, pois que ha muito não existe. Ha seis annos que o víspera ultima vez o nunca mais viveu n'alguma casa. Os jornaes fallam platonicamente d'elle, mas é um mytho commoço para improvisação de artigos de fundo esaudadores d'elle, tratado em discursos, mas é um thesouro ideal

de amplificações históricas. Para mim, se tanto que morreu o povo; se ele fosse vivo, não teríamos um câmbio a fligem (de-benturos, etc. Para que se chegue a tal estado, si morto um povo.

Agora as modas. A única que contemplo, não obstante ser ignorante d'essas cousas, é hoje ser moda ficar fóra da moda. E ha n'isso uma profunda philosophia, uma philosophia admiravel, tao coherente como o positivismo, o evolucionismo, o mormonismo, e quantas cousas massudas acaba em sendo no mundo da palavra. E com esta philosophia fóra das outras philosophias, a de ficar fóra da moda, eu fico fóra da chivoria.

Extrait de Ultramar

Il n'est pas.

Ela é formosa e tão pura,
Tão casta e tão sedutora,
Que a gente julga uma sacra
Surgida da noite escura.

Sua tez é alva e rosada,
Tão linda, fina e macia,
Que parece mesmo o dia
lindo com a cor d'alvorada.

Sua boca é rubra e nupcial,
Tão delicada e tão bella,
Que a gente a confunde ao vê-la,
Com uma lindíssima rosa.

Talvez si da mesma côr
 Na bocca uma flôr pegasse,
 Que um colibri a beijasse
 Supondo beijo e flor.

Seus olhos e seus cabelos
São negros como a noite;
São como um sonho agitado
Cortado de pesadelos.

Sua mãos são: alvas e finas,
Delicadas, luxuosas,
— Duas jóias primorosas,
Alvas, brancas, diamantinas.

Ai-se... Que loucos desejos!
 Da boca nos dois cantinhos;
 Uns covinhas, dois ninhos,
 Se abraça perfundo beijo.

Quando alla falla pargesi
 Quo una lyra balbuzia,
 Eneant, eoliva, estiva,
 Mata, acrobata, endomeneo.

Quando ella ch'era suo pranto
 E' quasi come perle còrdas
 De navelho, fioz de perolas
 Que lha realçam e encanto.

Entim, ô bella e tão pura,
Tão casta e tão sedutora,
Que a gente a julga uma aurora
Surgindo da noite escura.

Walter Haeusselmann,

RELACOES DA PHYSICA

6788 MUTUAL BENEFITS

(Capítulo de um livro inédito.)

A *Physica*, como qualquer outra sciencia digna desse nome, não é um dominio isolado do sabor humano. Ao contrario, se relaciona, se liga por laços estreitos á grande familia scientifica da encyclopedia abstracta e ao conjuncto dos conhecimentos concretos.

Estudar essas estreitas lacas que prendem a Physica ao systema inteiro do nossos conhecimentos, é o que vamos fazer neste capitulo, deixando comtudo de apreciarmos desenvolvidamente os que se referem aos conhecimentos concretos, que, sendo emanações do saber abstracto, desde que estudemos as relações dasto com a sciência em questão, ficam implicitamente determinados, quer se trate de sciências concretas derivadas immediatamente da Physica, quer de qualquer outra nascida de outro ramo da hierarkhia scientifica-abstracta.

Para procedermos com método começamos a dividir o estudo dessas relações em duas partes, correspondentes à divisão das situações enunciadas na Introdução a saber:

1.^o—Relações da *Physica* com as *sciencias abstractas*;

2.ª—Relações da *Physica* com as ciências concretas:

Além disso consideramos em cada uma dessas partes duas secções: estudo das relações da *Physica* com as sciencias que a precedem na eskhala encyclopedica, e estudo das relações com as sciencias que a seguem. Enfim, para completa clareza do assumpto e observancia fiel do methodo, apreciamos no estudo das relações as que são *medullas e immediatas*, considerando tambem, ás vezes, não só as relações de *doctrina* como tambem as de *methodo*.

Posto isto, passamos ao as-

sumpto, iniciando-o pelas relações da *Physica* com as ciências abstratas.

Tratando das relações da Física com as sciencias abstractas, vamos primeiramente apreciar, como dissemos, as que se referem ás sciencias que a precedem e, em seguida ás que a seguem na hierarkhia encyclopedica do saber positivo.

Estabelecemos primeiramente suas relações com a Matemática e a Astronomia.

A ciência das grandezas ou a ciência do Espaço, segundo a formula religiosa de Comte (1), se relaciona à Physica por laços imediatos e mediatos.

A princípio basta considerarmos a apreciação dos phenomenos ponderaes, cujas leis nada mais são que as da Mekhanika geral applicadas a um modo de existência especial—o *pezo* ou *gravidade*.

No estudo dessa propriedade material, a Mathematica influe quer por meio da Geometria e da Mekhanika, quer pelo Calculo, applicavel em Barologia por intermedio dos dous ramos da Mathematica concreta.

Si considerarmos os outros phenomenos physicos, calor, som, luz, electricidade, vemos sempre que suas respectivas leis são traduzidas por formulas mathematicas emanadas das applicações indirectas do Calculo, operando nesses domínios através da Geometria e da Mekhanica ou do uso directo da Analyse, como acontece com os phenomenos do calor depois dos trabalhos de Fourier. (2)

1. *Argumento Causal* e *inductivo* e *dogmático* (positivista) *três grandes correntes*, a *terceira* domina as *três* outras, *inductivismo* é a *que se dirige* a *maior* *positivismo* a *saúde*: *Ciência do Espelho*, a *Grande-Mãe*, *Matemática* no *Logos*; *Ciência da Terra* e *Grão-Folheto*, *Physis*, *compreendendo* ad: *Astronomia*, *Física*, *projetivamente* dita a *Ritmo*; *Ciência do Homem*, a *Grande-Sor*, *Moral*, *compreendendo* *Indologia*, *Sociologia* e *Moral*, *projetivamente* dita.

2. Não confundamos o realismo tratado de Pócher *Theoria analytique de la chaleur*, ou que este matemático-philosopho imbuído o conhecimento das leis da grande maioria de fenômenos físicos, com o auxílio directo do instrumento analytico, affectando assim uma elaboração das equações como a de Descartes no século XVII, controlado a *Théorie Générale* de Laplace em principio do XIX, baseada a *Mécanique Analytique*. Nas condições a mencionados trabalhos não damos maior ênfase ao juízo que dele faz o matemático Pócher, o qual, de todas as realidades e de todos os fenômenos físicos, afirma que a realidade é a que nos dá a grande fundamentação científica que a realidade possui. A que todos os fenômenos físicos se reduzem. A realidade.

PHILOMATHIA

Revista artistica, scientifica e philosophica

Impressão procediãnte.
Hochel

Redactor-Chefe—Manoel de Bêthencourt

Redactor-Gerente—A. dos Reis Carvalho

Redactor-Secretario—J. Xavier de Carvalho.

REDACTORES—E. MARINHO ARANHA, A. LOBO E H. MATTOS

Sabbado, 30 de Novembro de 1895

EXPEDIENTE

A PHILOMATHIA, publica-se duas vezes por mez. A redacção só se considera solidaria quanto aos conceitos externados em produções não assignadas ou nas que o forem collectivamente.

Assignaturas

Para a capital

Trimestre... 35000

Semestre... 65000

Para o interior e Estados

Trimestre... 35700

Semestre... 75000

PAGAMENTO ADIANTADO

Aviso

Luiz d'Ultramar pediu-nos mais espaço para a sua chronica, pedido a que satisfizemos havendo concordado o Redactor-chefe em deixar para o numero seguinte a continuacão da sua *Curia de Philosophia*.

PHILOMATHIA

SUMMARIO — Uns dias, Luiz d'Ultramar—O retrato, Walter Broadbent—Relações da Physica com outras sciencias, A. dos Reis Carvalho—Um romance, Flavio de Assis—Esperança morta, Oscar d'Alva—Abrindo o livro, J. Xavier de Carvalho—Pas encore, H. Mattos—Pezadello, Placido Guerra—Endeixas, N. Lôbo—Soneto, M. Rock.

UNS DIAS...

D'esta vez quinze tornaram-se trinta, isto é, tenho um mez diante, ou antes atraz de mim, mez de que devo fallar, seja lá como for. O caso é que fallarei, hesitando talavia na maneira por que devo começar. Passaram-se cousas de politica, de litteratura, de theatro, de costumes (não caíam na asneira de suppor que vou fallar de moral), ... e de modas. Principiarei pela politica ou pelas modas? Acho que pela primeira, tanto mais que me curvo á sabedoria do rifão:—Quem não pode com o tempo não inventa modas.— Não é cousa dismível que eu possa com o tempo, ha muito que allo é fardo para mim: logo não inventarei modas, nem, pelo menos, a moda de começar pelo fim, como acataram á nossa republica que na sua inauguração, fez logo o que no seu termino devia fazer. Se a repou-

blica com a tal moda, a do fim, não ponde, muito menos poderá eu.

Com a venia dos senhores rhetoricos, acabo de fazer um soffrivel exordio, sem a pecha de nariz de cera, uma cousa assim tafula, a modo de mulata bonita, de engomada saia de renda, vestido de cambraia branca, ornado de entremeios e gregas, cabello puxado á Ninon, perfumado de mirri e prezo no alto por uma folhuda rosa Paul Néron, a destacar as petalas es-carlates na massa negra e fuzida. Expuz tudo o que me cabia dizer, acabando por insinuar que a politica ha de ser a primeira cousa de que fallarei. Ora a politica hoje é republicanos do milado, ase pavonearem como gallos, retesando esporões indreitando as cristas, e do outro—monarchistas não menos pavoneados, com esporões e cristas não menores. A fatalidade da palavra—gallo—que me surgiu debaixo da penna, obriga-me a entrar na politica com cousa que não é mais que uma historia de gallinhas e de ovos, historia que contarei com a licença dos senhores que têm a «Philomathia», illustres pessoas a quem d'aquí tiro o meu chapéo, pois é preciso que saibam escrever eu com um chapéo na cabeça, usando na minha casa dos privilegios de grande de Hespanha, ou que tenho o meu solar n'essa desmitida terra da hyperbole.

Ufa! quasi perdia o folgo: vamos á historia das gallinhas e dos ovos.

Havia n'uma terra um miúdo que não era rico, mas que

pessoa a *quinta mediocritas* do velho Horácio. Tinha uma pequena casa, número limitado de famulos e amanhava umas terras férteis das quaes tirava o sustento de si e da sua família. Morreram-lhe mulher e dois filhos, ficando apenas um da sua prole, que ausente vivia estudando. Nas terras havia alguns bois e vacas com os competentes bezerros (não se julgou encontrar n'isto uma insinuação malevola ás vaccas); na estribaria tinha dois cavallos e quatro burros, coisa em racional proporção; em casa havia um gato velho desdentado, pólro bichano a quem uma gata nova mordida, já que com elle não podia jogar o xadrez (não tomou a má parte este jogo chinês aquino caso); n'um cercado, no quintal da moradia, possuía elle centenaes de gallinhas, gallinhas de todas as raças, brancas, amarellas e pretas. As gallinhas eram a paixão do homem, aliaz muito justificavel perante a moral:—gostava-lhes muito dos ovos. Convem, contudo, dizer que só raramente mandava matar algumas, só de longe em longe; contentava-se em transformar os frangos em capões, pelo methodo que todos cohecem. Alguns dos capões eram vendidos e outros, assados ou cozidos, enfeitavam a meza, quando tinha convidados a jantar. Eram-lhe rendimento as gallinhas, mas tratava-as tão bem, dava-lhes tanto milho, chojava-lhes com tanto amor os pintos, arrancava-lhes com tamanha solicitude a pevide, encrava-as de tal modo do gogo e hexiga, que ante a moral não se a poderia considerar mau; era um egoista, mas um egoista *bon vivant*, que com sciencia aproveitava as suas gallinhas, fazendo-las o menor mal possivel. E ao fazo não é saber viver, manecos me mudam, se acaso ainda existem manecos n'esta terra, coisa de que duvido depois de ter visto tantos homens.

Uma apoplexia fulminante incumbio-se de levar á cova o criador de *omnelettes*, de moxidos, de frigideiras, de ovos quentes, etc. Morreu; e na hora em que o levaram para o cemiterio era um vacarejar dorido das gallinhas, um cantar melancólico

lico dos gallos, um vozear sostenido dos capões, um piar lugubre dos pintos. Todo o gallinheiro em massa rendia uma homenagem ao finado, muito mais sincera que as espectaculosas que os herdeiros tributam. Pobres animaes, mesquinhas gallinaças! entre elles se erguera um gallo velho, á maneira de propheta, e vaticinara aos habitantes do gallinheiro, dias de desgraça que iam surgir, dias sem milho, dias em que a morte ceifaria numerosas victimas, em que os ovos gorariam no choco, em que todas as calamidades surgiriam, até a dos frangos que, não mais tendo quem os fizesse capões, dariam combates nos arruaes das gallinhas, expostas á brutalidade dos numerosos sultões d'aquelle harem. O propheta foi ouvido em silencio e, como a tarde calha, todos foram dormir de um somno cheto de sinistras apprehensões.

O finado nomeara um testamenteiro, ou antes nomeara tres destes senhores, em ordem de rigorosa successão. O primeiro, reconhecido legalmente, tomou conta dos bens, tratou de arrolar-os, para depois entregar-os ao herdeiro ausente, a quem escreveu uma carta sensata, communicando-lhe a morte do pai, d'elle ausente, bem entendido. Para melhor exercer a sua vigilancia nos bens do finado, estabeleceu domicilio na casa d'este. O numero consideravel de gallinhas attrahio-lhe a attenção:—Para que tantas gallinhas? disse elle; isto é demais. Como gostasse muito de gallinhas, de frangas especialmente, mandou matar muitas que com prazer comia á meza; preferia-as aos ovos que mandava vender. O gallinheiro começou a ficar reduzido, gallinhas diminuiam a olhos vistos, só os gallos cresciam, porque o homem não comia frangos e ignorava o methodo de fazer capões, facto que deu em resultado o que o gallo propheta predissora. Os dias sem milho vieram, tristes e sombrios, gallinhas chocas não tinham ovos para chocar, que os ovos iam todos para o mercado. Era uma desolação enorme no gallinheiro.

Um dia em que o estólido, ou tratante esperto, deu a conhecer ao primeiro testamenteiro

um capão, em lugar da franga que este queria, uma indigestão poz em perigo a vida do inventariante. Adoeceu gravemente e teve que entregar a gestão dos bens ao *segundo* dos testamenteiros; deixou a casa e o seu successor immediatamente passou a occupal-a, começando também pelo arrolamento das cousas, que elle era uma sentinella a não consentir que ninguem tomasse conta d'aquillo. O gallinheiro attrahio-lhe a attenção:—Para que tantos gallos? disse elle; isto é demais. Immediatamente, elle que entendia do processo de fazer capões, poz mãos á obra; tudo ficou capão. O homem, porém, só comia gallinhas feitas, tinha os capões para enfeite; ora os capões comem muito e elle só a elles dava de preferencia o milho. Os dias sem milho continuaram para as gallinhas e frangas, que tristes não tinham mais gallos que brigassem por ellas. O ultimo, o velho propheta, horrorra da operação da arrolação. Os ovos não mais serviam para o choco, e quando servissem, não seriam todos chocados: iriam para o mercado.

A força de engulir gallinhas, o segundo inventariante ficou doente de uma gastro-intorite, acompanhada de hepate (desculpem-me estes nomes em *ile*). Teve que deixar a testamentaria que dolorosamente pagou ao *terceiro*, não sem luta lha haver na alma. Este homem conta dos bens, arrolou-os e cuidou sem menor installação de seu testamento na casa do defuncto. O gallinheiro attrahio-lhe a attenção:—Para que tantos capões? disse elle; isto é demais. Immediatamente mandou vender a maior parte d'ellos, fez com que a roção de milho fosse dada igualmente a todos os habitantes do gallinheiro. Infelizmente o milho existente no paiol finara, a colheita estava longe, não havia dinheiro com que comprar. Honesto e bom, o terceiro testamenteiro procurou fazer todo o bem ás gallinhas, evitou que elles continuassem a brigar por causa da raça, mas os seus bens inteiros não pdeam abellar as difficuldades que a cada passo se lhe erguiam em frente. As terras não tinham sido cultivadas, os vaqueiros negligentes e moços

nos applausos de aventureiros, o capital empregado na compra de escravos.

Ena estacada de semelhante crença conservou-se por algum tempo cogitando dia e noite os meios de manter prodigamente os negros, de maneira que não deixassem a lavoura antes da colheita do anno. Pensava, resolveva e decretava, como ministro que era de sua fazenda, todas as leis conducentes á boa ordem e disciplina do trabalho.

O feitor mais que dantes expunha agora todo seu esforço e superactividade na vigilância do serviço a seu cuidado, porque não era possível, dizia elle, que os vadios gansassem dinheiro levando o tempo a contar historias e depois disso tinha que ser reconhecido a quem lhe dera alforria antes da maldita lei que varreu de cambalhota toda a escravatura.

Não adoeittia que os libertos daquela data fossem agora seus iguaes, isso nunca, e então ostentava entre elles um ar dynastico e soberano, affectando olhar severo e semblante carrancudo de quem governa homens. A's vezes, em meio da capina, elle, colerico por um nada e não esquecido do antigo costume, vergastava o chicote de couro no costado dos negros mais tímidos e pusilánimes da fazenda, em quanto outros, valentes embora, sentindo a cada momento chegar-lhes o relho, premeditavam a fuga, desangados á sombra das palmeiras—Ora porque não havia de fugir? Este plano era occultamente combinado entre elles com medo que pudesse ser divulgado e pagassem talvez com a propria vida o crime de haver-o pensado.

Florencio de Mello, depois de ter lido nos jornaes diários da capital diversas opiniões agitas sobre a transição do trabalho, quaes as condições favoráveis para deter os libertos e os meios propulsores que de prompto se deviam adoptar para soccorrer a industria agricola do paiz, resolveu reunir todos os homens a seu serviço e aconselhar-lhes com uma doçura fadada—que deviam mais que nunca trabalhar, pois eram livres, e nenhuma obrigação tinha de sustentá-los se parallas fossem. Propoz-lhes nessa occasi-

ão, em que todos o ouviam com o respeito aviltante de escravos, um salario conforme a colheita obtida e em proporção ao trabalho de cada um; prometteu premios para aquelle que melhor se distinguisse no comportamento e outras muitas vantagens que pudessem attrahil-os e sobrestar qualquer intento até a realisação de seu ideal.

Nada, porem, conseguia: a deliberação estava tomada. Não podião de sorte alguma continuar naquelles mesmos logares tetricos e sombrios como um carcere, medonhos e horriveis como a morte, entregues a iguaes labores de outrora, ouvindo de manhã o ruído cavo e tristonho da sineta acordal-os como espinhos lacerantes que ferem e matão o repouso do espirito, e a tarde vendo o vulto grotesco e satânico do inquisidor-mór da fazenda a pragueijal-os com um semblante de odio e desespero, na occasião em que tomava as contas do dia e distribuia rancoroso entre fumarcas de um cachimbo réles a tarefa difficil e penosa da noite.

Presentião a cada instante nas solidões das matas o brandir irritante do chicote a martyrisar-lhes as costas nuas e reluzentes, expostas ao brazeiro crispante do sol; affigurava-lhes ver junto do corpo o supplicio do tronco como a victima, indefeza vê o alfange do sicario aguilão impunemente.

Passava-lhes pela idia todo esse cortejo selvatico do tyrannia e maldição; sonhavam com a gaiilheta e as algemas arrojadas brutalmente para confessarem muitas vezes inconscientes, em a uno da dor, uma mentira. Recordavam-se das noites longas e angustiosas quando velavam sob a luz baça da candeia a descregarem cachopas alvas de algodão que era a principal riqueza da lavoura; tudo lhes acudia á imaginação estampado com as cores negras e sinistras da escravidão.

Dias depois da beatifica promessa foram elles abandonando a fazenda esperando de uma nova vida, ocesa de delicia e abundante de felicidades. Escolhiam quasi sempre as coladas da noite quando somente as estrellas lá do alto devassão a terra com seu olhar de luz, so-

turno e brando, para realisarem uns após outros o plano occultamente combinado.

Seguiam receiosos, amedrontados, recuando a cada momento o passo leve no areal solto do caminho, parando de subito ao menor rumor das folhas secas voladas pelo vento; olhando para todos os lados, estonteados como o gatinho que foragido salta muros cheio de sensações, parecendo que a alma se achega aos olhos e aos ouvidos para perceber alguma coisa que é o atrito de seus pés, para ver algum vulto que é sua sombra. Temião que fossem capturados e voltassem de novo ás senzalas, tímido de seus dias, não obstante a certeza que já tinham de serem livres como a garça branca a esvoacar na lagoa, livres como a brisa da tarde a defillear na palma virente do coqueiro a canção final do dia. Ião para bem longe viver abrigados á sombra da benetica lei que os arrancava das garras crueis da captividade.

Com difficuldade e lutando com nova casta de trabalhadores contrariados, ponde Florencio de Mello conseguia a moagem da canna que colheu nesse anno, pouco menos do que suppunha, e depois, vendo que nada mais lhe restava a fazer, achou de bom aviso retirar-se para o seu decapital com destino a outros negocios—girar a vida por outros lados.

Esta resolução não obstante apolada pelo voto da familia, contudo foi objectada pelo feitor com um tom meio autoritario, meio bajulatorio; disse que se haviam de arrepender não tendo confiança no trabalho dos homens livres, mas que o fariam ficar para tratar de tudo.

Nada mais attendeu Florencio de Mello e em pouco tempo, desvanecido totalmente, deixou saudoso aquelles logares cheios de encanto, onde a natureza bella e caprichosa ostentava com graça e primor toda sua masenda grandeza florestal, e onde elle justamente passou como um fogoso soltão, cheio de muita vitalidade, os dias mais exuberantes e deliciosos de sua existencia.

A seguir.

Flavio de Araújo.

PHILOMATHIA

Revista artistica, scientifica e philosophica

Imparabili progrediantur.
Hecel

Redactor-Chefe—Manoel de Bêlhencourt

Redactor-Gerente—A. dos Reis Carvalho

Redactor-Secretário—E. Xavier de Carvalho

REDACTORES—E. MARINHO ARANHA, A. LOBO E H. MATTOS.

Domingo, 15 de Dezembro de 1895

EXPEDIENTE

A PHILOMATHIA publica-se duas vezes por mez. A redacção só se considera solitaria quanto aos conceitos externados em produções não assignadas ou nas que o forem collectivamente.

Assignaturas

Para a capital

Trimestre... 3\$000

Semestre... 6\$000

Para o interior e Estados.

Trimestre... 3\$ 00

Semestre... 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PHILOMATHIA

SUMMARYO—Uns dias, Luiz d'Ulterior—Relações da Physica com outras sciencias, A. dos Reis Carvalho—A rosa e o cravo, Carlos Rego—Um romance, Flavio de Assis—Chrono, Vascipha Bessa—Day-break, R. das Chagas—Voltas, E. Xavier de Carvalho—Curso de Philosphia, M. Bêlhencourt, O colibri, Oscar d'Alva—Queixumes, Walter Broadbent—Spon, H. Mattos—Rit, E. Xavier de Carvalho—Raiva, Altino Rego.

UNS DIAS...

Hoje, da terra vossa pouca. Porquet Porquet nada aqui ha. Um liato como descripto de tudo o que se tem passado: vagas que se chomam, intercessões que se ligam, ametrilhando a cruzam—

eis tudo o que resume a Athenas nossa, essa Hellas do passado, que não tem rhapsodos, namorados da forma, psychologos do ideal, Platões do amor; mas em compensação possui directores da companhia de boms, gerentes da fabrica de chumbo e marchantes que atoleiam o preço da carne, já se sabe que das rezes, que da outra não têm elles a cotação.

Maior cotação que a da nossa carne possui lá no Recife o sr. Clovis Bevilacqua, excellentemoco que eu affirmo ser bacharel e que todos allemam ser lente da faculdade juridica e social do norte da Republica. Conheço o sr. Clovis de ha uns annos a esta parte: li o que escreven em colaboração com Eudoro Martins Junior; conheço a sua traducção de *Jésus et les E'vangiles* de Jules Soury, transplantação mal feita para o idioma portuguez, precedida de um prefacio que começa pela puerilidade de analysar o thema melódico do nome do auctor, para chegar a uma conclusão sobre a sua valia; largo tempo tive na estante um *Problema da miseria*, compilado das obras de Lasalle, Yves Guyot, Karl Marx, em que o compilador, um jurista, se confessava um verdadeiro pessimista economico; li tudo isto e creio que alguma coisa mais que não me recorda agora, que me fizeram crer que o sr. Clovis é um bom estomago intellectual. S. S. assimila muito bem, mas, physiologicamente, não parece que fabrique bom ctylo, como prova o final d'um seu artigo que, por mais percoridos, li na *Revista*

Contemporanea, boas bem impressas oito paginas que nos remetteram de Pernambuco.

Gostamos muito do idioma francez: é um vehiculo de delicadeza na bocca dos fidalgos; um principio de atracção nos labios espirituosos de uma mulher; uma alavanca de analyse nas mãos de um sabio. Fidalgo, mulher espirituosa, sabio, nós os toleramos em francez; mas em portuguez arremedar, copiar, reproduzir o que dizem, sem nota a indicar o vergel onde aquillo foi tirado, tal não suportamos. Contento-se cada um com o que é seu, que o velho Esopo nas suas fabulas mostrou o perigo dos galhos desrabados.

Leio em o seguinte paragrapho na conclusão dos artigos, com a epigrapha *Philosophia dos arabes*, devidos á penna do sr. Clovis:

«ALGAZZALI, denominado a luz do Islam, pilar da mesquita, é um illustre e independente pensador que viven no seculo XI da nossa era. Seu verdadeiro nome é Abu Hamed Mohamed Ibn Mohamed Algazzali.»

Este paragrapho é a traducção literal de um trecho de Bartholomew, na sua obra—*Philosophie du moyen age*. Restituo ao francez o texto:

ALGAZZALI surnommé la lumiere de l' Islam, colonne de la mosquée, est un illustre et indépendant penseur qui a vécu la onzième siècle de notre ère. Son vrai nom c'est Abu Hamed Mohamed Ibn Mohamed Algazzali.»

Quem duvidar do que seja este o texto francez a que se reporta.

a sr. Lavillaqua, que note no 2.^o parágrafo a expressão *linha de algodão* que é uma tradução literalíssima do *fil de coton*, o que demonstra á sociedade estarmos em face de um texto francês mal vertido. Assim é que o sr. Clavis diz que «Algazalli é um sujeito que viveu», phrase que se explica na syntaxe franceza, mas que não tem explicação na portugueza.

Em resumo, eu aconselho á todos aquelles que lêem, estudam, escrevem e publicam, que publiquem e escrevam, ou antes escrevam e publiquem o que for exclusivamente seu. Segundas edições, sem sciencia do auctor das primeiras, são sempre desagradáveis: e como o fôzso prantoso Alvares de Azeredo, o Musset brasileiro, a quem fallavam de Dúis, a proposito de Shakespeare, eu digo:—Quero bebora agua da fonte e não a do roço das ruas.

E com isto fecho esta chronica, pedindo a Deus que haja menor assimilação e um pouco mais de creação nos que escrevem.

Luiz de Ultramar.

RELAÇÕES DA PHYSICA

COM OUTRAS SCIENCIAS

(Capítulo de um livro tucido.)

I

(Continuado do n. 4)

Esta relação da Physica com a Astronomia pelos phenomenos luminosos, relação que determina não, como noutros casos, dependencia da Physica á Astronomia, mas desta áquella, é um dos argumentos de que muitos se servem para censurar a classificação de Augusto Comte, que em sua encyclopedia abstracta collocou a sciencia dos astros antes da Physica. No entanto a censura é infundada.

Sabemos que as sete sciencias fundamentais (Mathematica, Astronomia, Physica, Khimica, Biologia, Sociologia e Moral) podem ser classificadas de 5040 maneiras, segundo a formula arithmetica das permutações ($P_{n-1,2,3,...,n-1}$).

donde nasce a indeterminação para saber-se qual das disposições é preferível, pois cada uma tem sempre alguma superioridade a respeito das outras. Entretanto inspirando-se na convenção pratica e attendendo-se á lei de classificação descoberta pelo Grande Philosopho, isto é, que o estudo dos phenomenos mais simples, mais geraes, mais abstractos precede o dos mais complexos, mais particulares, mais concretos, se pode resolver o estado de duvida em que se achou o espirito no meio da indeterminação e decidir qual das multiphas disposições possíveis deve ser preferida.

Applicando este raciocínio geral ao caso que nos occupa da posição da Physica com relação á Astronomia, vemos facilmente que esta sciencia deve preceder aquella visto como os phenomenos astronomicos, meros attributos de forma e movimento, são mais simples, mais geraes, mais abstractos que os que constituem os tratados pela Physica, embora pelo dominio optico o conhecimento dos astros deva seguir o das propriedades geraes da materia.

O proprio Aug. Comte, quando expõe em seu tratado philosophico inicial a hierarchia das sciencias positivas, se refere a essa anomalia da escala scientifica por elle construida e assim se exprime:

«Vê-se, com effeito, que, por mais perfeita que se possa supôr-la, esta classificação jamais pôde ser rigorosamente conforme ao encadeamento historico das sciencias. Faça-se o que se fizer, não se pôde deixar inteiramente de apresentar como anterior tal sciencia que terá entretanto necessidade, sob algumas relações particulares mais ou menos importantes, de tomar noções a outra sciencia classificada num lugar posterior. E' preciso esforçar-se somente para que tal inconveniente não tenha lugar relativamente ás concepções caracteristicas de cada sciencia, porque então a classificação seria inteiramente viciosa.

«Assim, por exemplo, me parece incontestavel que, no systema geral das sciencias, a astronomia deve ser collocada antes da physica propriamente dita, e contudo muitos

ramos desta, sobretudo a optica, são indispensaveis á exposição completa da primeira.» (1).

Assim, pois, é perfeitamente justificavel a precedencia da Astronomia á Physica, tanto mais quando o desenvolvimento historico das sciencias mostra claramente que o estudo dos astros precedeu a instituição das theorias physicas.

Terminada a razão dogmatica e historica que levou o eminente Pensador a fazer da Astronomia um estudo anterior ao da Physica, continuemos a desenvolver o que faz propriamente o objecto de nossa dissertação.

Alem da Barologia e da Optica, todos os outros capitulos da Physica, a Thermologia, a Acustica e a Electrologia, embora não muito relacionados com o dominio astronomico, são contudo conhecimentos subordinados ao seu estudo, especialmente quanto ao methodo, pois é o mesmo instrumento mathematico, applicado ás propriedades mais simples do cosmos—a forma e o movimento—que já á Mathematica, propriamente dita, tem estudado em suas ultimas seções—a Geometria e a Mekhanica—que assim modificado pelo caso celeste vem se applicar aos ultimos ramos da Physica.

Consideremos agora o modo de dependencia ou antes as relações que existem entre a sciencia que nos occupa e a que a succede immediatamente na ordem objectiva da hierarchia scientifica.

Na apreciação encyclopedica das sciencias não se encontram laços tão infinitos, relações tão estreitas, como as que ligam a Physica á Khimica.

Como disse mos no capítulo I desta lição, os trabalhos desabios vão contribuindo para mostrar que a Khimica é um simples ramo da Physica, em virtude das relações cada vez mais proximas que ligam essas duas sciencias, isto é, da explicação dos phenomenos khimicos pelos agentes physicos.

Todo phenomeno khimico supõe um agente physico: é um aphorismo irrefutavel em que se

condenar em poucas palavras toda a dependência entre as sciencias que se occupam do phenomeno e do agente, a subordinação da Physica á Khimica, as relações entre que ligam esses dois bellos atrimentos da dogma positivo.

Com effeito, tomemos alguns exemplos, a constituição do acido chlorhydrico pela união immediata do kh oro com o hydrogeno e a formação da agua pelo conflicto directo do oxigênio com o hydrogeno.

Quanto ao primeiro composto, basta para formá-lo projectar raios luminosos sobre um vaso onde se achem reunidos o kh oro e o hydrogeno, immediatamente dá-se uma violenta detonação que kharacterisa a fusão khimica das duas substancias. Muitas vezes a violência do choque deixa de existir e é quando a combinação se produz não com auxilio de uma luz forte, como, por exemplo, os raios solares, mas vai se operando lentamente, mediante a influencia muiça da luz diffusa. Em qualquer destas casos, porém, é sempre a luz o agente do conflicto, o produtor da combinação.

Quanto á constituição da agua, para que os dois gases elementares se unam khimicamente, é necessaria a intervenção do calor, superior ao normal, ou de uma carga electrica obtida com um electrophoro ou uma bexilha de Leyde, sobre um eudiometro; nullo se acham physicamente agrupados os dois fluidos gazosos. Em todos estes casos o phenomeno khimico da combinação é subordinado fatalmente ás manifestações physicas de materialidade: luz, calor, electricidade.

Se da synthese passamos a analyse, si dos phenomenos de composição passamos nos de decomposição, vemos que, simultaneamente, appaheos agentes são preponderantes, determinam a manifestação effectiva do facto khimico.

Considerando os dois casos vertentes, sabemos que a decomposição do acido chlorhydrico (H Cl) se opera com auxilio da electricidade, e a da agua (H₂O), quer pelo calor a temperatura de 100°, como é demonstrado a experimento alambique do

Saint Claire Deville, quer tambem pela electricidade, com o auxilio do eudiometro ou do voltmetro, sendo esse agente mais poderoso e por isso mesmo mais utilizado para uma completa decomposição daquelle liquido.

Quanto aos outros agentes de que trata a Physica, peso e som, si não contribuem tão directamente para a produção do facto khimico como o calor, a luz e a electricidade, ao menos indirectamente concorrem para sua realisação.

Com effeito, o *atrito*, por exemplo, que é um attributo da gravidade, é uma fonte thermogenica, e como tal agente de combinações e decomposições por meio do calor que desenvolve.

Alem disto, todo é qualquer corpo que concorre para a produção de um facto khimico está fatalmente sujeito a esses attributos universaes da materia—as propriedades ponderaes. Todos os corpos que se compõem ou decompõem são necessariamente *pezados*.

O *som*, por sua vez, concorre ainda mais indirectamente para a produção dos conflictos khimicos, quer como participando do atrito, quer porque todos os corpos que convergem a um phenomeno de composição ou decomposição, possuem propriedades *sonoras*, embora não tão manifestas como o *peso* ou o *calor*.

O *cheiro* e o *sabor*, phenomenos physicos ainda não estudados, são tambem influencias modificadoras dos factos khimicos, agentes de que muitas vezes nos servimos para estabelecermos a distincção khimica das substancias conforme suas propriedades organolepticas.

Assim é que immediatamente reconhecemos o *acido sulphydrico* pelo *cheiro* de ovos podres que o kharacterisa e os *sues de cobre* pelo *sabor styptico* ou metalleo que manifestam, e do mesmo modo innumeras outras substancias, algumas das quaes se confundiriam instantaneamente, á primeira vista, si não se differenciassam pelas suas propriedades affectivas e gustativas.

Quanto ao *cheiro*, deve-se notar ainda o facto muito conhecido da alteração do certas

substancias, devida a exhalacões de aromas activos de outras, alterações que mudando mais ou menos a natureza dos corpos constituem assim phenomenos khimicos determinados pelos attributos odoricos.

De passagem, convem notar que o estudo dos phenomenos aromaticos e gustativos, as leis dos odores e dos sabores, a *Osmologia* e a *Khymologia*, são até hoje inteiramente desconhecidas, de modo que a Physica apresenta essa immensa lacuna de duas sciencias secundarias que o Futuro ha de incorporar um dia a seu dominio completando assim o objecto real da sciencia das propriedades da materia.

Enquanto os physicos modernos se perdem em divagações metaphysicas sobre a essencia do calor, da luz e da electricidade, attribuido-a a fluidos imaginarios tão khimericos, diz Comte, como os *espiritos elementares* de Paracelso, elles, que, na phrase do Philosopho, recusam admittir os anjos e os genios, abandonam estudos importantes, verdadeiramente positivos, cujos resultados devem ser os mais propicios para a sciencia, taes como os de que fallámos—as leis dos odores e dos sabores—tão necessarios para o desenvolvimento immediato da Khimica em que os attributos aromaticos e sapidos são poderosos instrumentos para a completa apreciação dos phenomenos de composição e decomposição.

Assignalados por Augusto Comte, diz o sabio positivista Teixeira Mendes, desde muito tempo, estas heuras ainda estão por preencher. Ora é facil reconhecer a importancia capital dessas theorias no estudo dos phenomenos khimicos. O sentido da olfacção sobretudo nos permite muitas vezes constatar a presença dos corpos quando todos os outros nada nos indicam. Esta simples observação mostra os recursos que forneceria á investigação dos phenomenos khimicos a descoberta das leis geraes que regem as relações olfactivas entre o mundo e o homem. A gustação suscita notas analogas. (5).

Alem da sua importancia

para os estudos químicos, o conhecimento das leis abstractas dos phenomenos coloridos especialmente é de grande utilidade para a pathologia, pois o cheiro é um instrumento de que o medico se serve para a formulação do seu diagnostico.

Assim é que, segundo as opiniões de Boerhaave, Collécler, Hahn, Drasch, Behier, etc., a *intoxicação* é caracterizada por um cheiro de amolear; a *syphtis* pelo do mel; a *febre intermitente*, pelo do pau queimado; a *kholeira*, pelo do amoníaco; a *febre typhoide*, pelo do sangue, etc. (6).

Nas moléstias mentaes são bem abidos de todos os factos de terem alguns alienados um cheiro particular (Dagonet, Pevre), o que corre á conta do fermentação de acidos graxos, producto de secreções anormaes proprias dos que soffrem de qualquer perturbação psychica (Bonchard).

Um psychiatria inglez, o sr. Burrows, diz que não hesita em declarar alienado a um individuo se pelas sensações olfactivas, mesmo que não tivesse outra prova. Um outro psychiatria Knight pretende ter na ausencia desse odor um signal patognomónico da simulação de alienação mental; Weir-Mitchell affirma que o terrorista cataneo onde se passa uma perturbação nervosa exhala *cheiro de agua stagnante*, observações analogas fizeram Hanin, Chromel Boissac, etc.

«No diagnostico da gôttia reumatismal as secreções cutaneas tomam um odor especial, comparado por Sydenham ao odor do leite.» (7)

Assim a descoberta das leis do cheiro e do gosto deve ser de maior utilidade para o desenvolvimento especial da Khimica e de toda a sciencia em geral, que pelo facto do espirito humano adquirir mais noções positivas sobre a ordem universal e portanto gosar da utilidade de possuir sobre ella maior poder de modificação, pois na phrase do Bacon, a *potencia é proporcional ao conhecimento*, quer porque, servindo-nos da expressão de Comte, «satisfaz á

necessidade fundamental que experimenta nossa intelligencia de conhecer as leis dos phenomenos.»

«Para sentir quanto esta necessidade é profunda e imperiosa, basta pensar um instante nos effeitos physiologicos do *espanto*, e considerar que a sensação mais terrível que podemos experimentar é a que se produz todas as vezes que um phenomeno parece se cumprir contraditoriamente ás leis naturaes que nos são familiares. Esta necessidade de dispôr os factos em uma ordem que possamos conciliar com facilidade (o que é o objecto proprio de todas as theorias scientificas) é de tal modo inherente á nossa organisação, que, si não chegamos a satisfazê-la por concepções positivas, voltamos inevitavelmente ás explicações theologicas e metaphysicas ás quaes primitivamente dos nascimento»... (8)

Em resumo a incorporação á Physica das sciencias do cheiro e do sabor, que denominamos *Osmologia e Rhyngologia*, traz uma dupla vantagem—theorica, pelo conhecimento de novas leis naturaes; e pratica, pelo poder de modificação dos phenomenos por ellas reguladas.

(A seguir.)

Antonio dos REIS CARVALHO.

«Angelo Comte—Osmos de Philologia—*Phil. Positiv. Science* III. Vol. I, pag. 51—52

A rosa e o cravo.

A I B.

Quem prefere o cravo á rosa
De certo, gosto não tem;
O perfume qu'elle encerra
Não é do céu, é da terra.
Não é de Deus que provém.

E' a rosa a flor mais bella,
De mais candura que ha;
Bebe-lhe a virgém o perfume
E tem a lua crume
Dos beijos que a sol-lhe dá.

Desponta o botão de rosa
Como o seio de donzella;
Tem d'elle a mesma pureza,
A mesma casta belleza,
A mesma forma singella.

O colibri beija o cravo;
Beija o lyrio que pendem

Mas diz á rosa:—captiva,
No teu regaço é que vivo,
Que bebo o nectar do céu.

—Dá-me um beijo, rosa bella,
Murmura a brisa que passa;
Eu quero, n'um mago anseio,
Libar a vida em teu seio,
Beber n'essa doce taça.

—Si eu fora tu, linda rosa,
Soluçá triste a ceceim;
O cravo, não; fica mudo,
Da rosa elle inveja tudo,
Té mesmo a côr q'esta tem.

A virgém—flor humanada,—
Busca das flores o meio;
E (colibri que não cansa!)
O cravo—prega na trança,
A rosa—prega no seio.

Quem prefere o cravo á rosa,
De certo, o gosto perde a!
Quer do valle, quer da serra,
O cravo é filho da terra,
Enquanto a rosa é do céu.

Carlos Rego.

Um romance.

(Continuado do n. 4.)

II

O abastado lavrador e sua família aportaram na capital numa bella tarde de abril, tarde que annunciava noite esplendida, cheia de frescura.

Abdeteram-se numa casa á rua dos Remedios que lhes conseguiram alugar seus procuradores Souza Freitas & C.^a

D. Brazilia, esposa de Florença de Mello, ao entrar na nova residencia tratou logo de percorrer com alacridade juvenil todos os commodos, destinando os lugares mais convenientes para os pequenos moveis aglomerados, dotando-os de aposentos de cada um, e deliberrando sob sua unica vontade todas as questões suggeridas no meio d'aquelle redolico todo. Estava contente como se voltasse a ser criança e a vida desponsasse de novo naquelle organismo cansado, com a mesma ardencia das virgens aquecidas por uma sensação do prazer que advinhão; suas palavras polvilhadas de risos traduziam as alegrias santas proprias de um ideal satisfeito.

«Vide a Hypnotismo pelo Dr. François Pejarche, pag. 101

«Dr. Francisco Pejarche—(loc. cit.)

Natural da pequena villa do Coroaá e filha unica do antigo vigario da freguezia o padre Claudio Teixeira, recebeu D. Basilio uma educação esmerada que a elevou e distinguio dentre todas as companheiras de seu tempo, gozando até os firos de mais instruida. Com offeito, creança, sabia noções de grammatica, alguma coisa de arithmetica e sobre tudo o catholicismo do Reydm. D. Manoel Joaquim da Silveira; moça, decorava versos de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu, ha romances de Eugenio São, Castello Branco e outros.

Aos quinze annos bonita, meiga, sadia e essencialmente apaixonada, fôra logo solicitada em casamento pelo rico e lavrador dono de muitas terras e possuidor de grande escravatura. Pouco tempo depois casou-se vivendo sempre apartada de tudo quando n'via dizer de bom, cousas bellas e magnificas que esmaltavam sua phantasia no seio daquella solidão gelada pela tristeza. Cada anno dava á luz a um filho sem a feliçidade de vê-los crescer e criar-se que é todo o orgulho da maternidade, toda a grandeza do egoismo feminino. A certa idade morriam todos, vingando, porém, os dois ultimos que foram baptisados pelo padre vigário com os nomes de Ovidio e Dulce.

Morrison, dizia o padre, porque a rapariga era uma avoada alada nova, pequena, crevada para carregar tantos frutos.

Agora D. Bazília depois de longos annos que já lhe pesavam, vinha finalmente residir no capital. Marcos que recuperava por bem toda a exuberancia da mocidade; um physionomia era fresca, olhar delicado, cheio de doçura e affabilidade, tez morena, cabellos negros, quasi sempre enroscados em duas tranças curvas presas na cabeça por um pente leve de tortiaruga.

Anoiteceu. Todas apazalha-
dos para dormir, ainda D. Bazílio
parafusava conversas, ditos, re-
cordações da viagem que fora
temerosa pelo mar e muito von-
to, principalmente na Bahia do
Arraial e do Bequirão. A
conversa, porém, foi diminu-
indo e as respostas cada vez mais
esquivando-se até que por últi-
mo as palavras eram ditas quasi

sem consciência, no desmaio do sono.

Resorram compassadamente nove badaladas surdas e monotonas de uma torre ao longe. Todos dormião. D. Bazília, a única que velava, conton-as sofredamente; nove horas, é preciso dormir, considerou ella, e, enovellando-se na rede, começou a ouvir o resomar arquejante e cansado que enchia o silencio do quarto; cerrou as palpebras querendo dormir, e na volupia d'ella sua imaginação povoada de illusões construiu mil castellos, ideou palacios que nunca viu, pensou nos bailes da corte, sumptuosos, cheios de attracção, onde nunca estivera; lembrou-se dos theatros lyricos que todos lhe diziam ser um eden delicioso em que a alma adeja na regito do infinitamente bello a suspirar as harmonias do canto. Havia de vêr tudo oh! se havia! Não faltaria ás igrejas para assistir os actos solomnes e magníficos da religião, assistir as festas ruidosas de arraial com toda seu arroubo de enthusiasmo e esplendor de que lhe fallavam. Irá vêr a estatua do poeta no largo dos remedios que sempre, e nunca, tantas vezes lhe recomendara se algum dia visse a capital. Era, sem duvida, o primeiro poeta brasileiro e d'elle sabia de cor quasi todos os versos. Recapitulando no cerebro estas e outras cousas que connecta da tradiçáo, sentiu-se satisfeita como nunca, — estava effectivamente no grande paz de seu ideal.

«Ao bater dez horas da noite e a rua apresentava um aspecto fora do usual. Aquella rua tão triste, tão deserta, tão sombria habitualmente logo que amanhã, estava cheia de movimento. Muitas centenas de lampêas, collocadas symmetricamente nos muros dos jardins do palacio formavam um verdadeiro cordão de chaminas e espalhavam claridades ardentes que preparavam a não como os reflexos de um incendio. Por toda parte scintillavam fogos de cores, formando festões, grinaldas, corôas e escudos heraldicos. Uma multidão composta de curiosos invadia a quasi totalidade da rua afim de se achar na passagem das equipagens, arcos

toceiras que não tardariam certamente a tomar logar na fila porque o barão e a baroneza tinham convidado a cidade e a corte para o grande baile que davam no palácio naquella noite. Um exercito de lacaios com libré formavam alas nos immensos vestibulos, na ante-camara e no primeiro salão. Milhares de velas perfumadas dobravam-se de brilho reflectindo as suas luzes nos espelhos de dimensões prodigiosas. Finalmente o que tornava deslumbrante o luxo principal da magnificencia principesca era a collocação de flores raras, de preços fabulosos que ornavam todos os aposentos. — Ao longe atreva-se na extensa planície uma pequena fogueira, depois outra, mais outra e por fim o campo todo se alastrava de chaminas segrentes como archotes aticados pelo vento. Mais alem crescia o incendio agitado pelas brisas aveludadas, devastando a floresta com estalidos secos semelhantes a soluços de agonia, ultimos gritos de morte. A constellação que phosphoreava como pedrarias derramadas no doçel desse quadro invejava a belleza dos campos illuminados.

Um vulto de homem, branco como um phantasma, se erguia entre as palmeiras solitárias dizendo versos que o vento repelia confuso. Subia muito alto e vinha cantar depois lindas estrophes a buca do lago, desaparecendo por ultimo como leva sombra de um objecto que fôge. Perio levantava-se pequeno girão colorido de florinhas diversas que destilavam no ambiente perfumes esquisitos, mas delicados, sobressaindo entre todos o da estrella. Uma rosa cor de ouro fuzo balouçava tremendo no meio da verdura hyssopada de orvalhas. Ninguém a tinha visto; para colhel-a era necessario subir a aguada tosca encostada à beira do girão e esperar que o vento fresco e macio, feito de arminho, encurvasse mais um pouco a haste flexivel da flor. Ella chegava... não chegava... até que finalmente D. Basilio ao tocá-lhe do leve o fassetto de péssul-a, escurro-gou, estremeceu, ia caindo e nessa occaſião acordou. Repetiam os slucs numa ecorata de

cantos saudando as alegrias da manhã.

Despertou perturbada, estonteante, nervosa, no deslumbramento daquellas cousas mysteriosas que tanto lhe tinham inflamado o espirito. Foi aos poucos coordenando as idéas, crystallizando as scenas, revendo tudo como essas illusões phantasmagoricas que se estampão a principio em sombras, confusas, envolvidas numa penumbra, depois nitidas, claras, tal qual são no fundo escentro da tela. Reflectio em tudo; comprehendeu lucidamente que havia sonhado, parte com a bella descripção de Xavier de Montépia, tantas vezes lida e por fim decorada; parte com a queimada dos campos que sempre assistio como o mais delicioso panorama daquellas paragens. E o vulto de branco? Ah! fôra o poeta que tanto queria vêr; fôra elle mesmo, só elle podia cantar estrophes tão suas conhecidas. Suspirou: veio-lhe a idéa de seu jardim com a pequenina horta que mandara fazer bem ao lado da habitação agora deserta e abandonada de todos. Lembrou-se que a essa hora justamente cantavam lá solitantes os passarinhos no refolho das arvores.

Como seria feliz, pensou ella, se pudesse em vôo ligeiro ir de novo a essa triste solidão que lhe deu vida, que lhe encheu de amor, que fez a venturosa e rica como bem poucas. Mas logo voltou-lhe a imaginação com os resabios do sonho, a soberba descripção do baile, e então lembrou-se até do nome do romance cujas paginas a impressionaram tanto.

Immovel, quieta, com olhos presos no oratorio que lhe ficava em frente, ella interrogava a si, estampando nos lábios uma expressão de riso tinto de esperança,—porque não hei de transformar em realidade aquelle sonho quando meu marido possui dinheiro, bastante dinheiro para que a gente da cidade o esqueça de toda consideração e estima? Porque não hei de satisfazer toda minha curiosidade, qualquer que ella seja quando possuo o coração e a bolsa de Florencio que tudo faz para me vêr contenta e feliz? Nada! hei de vêr tudo, concluiu

numa explosão intima de alegria, porque tudo ignora.

Apezar dos 40 annos, ainda D. Bazília sentia fremitos de entusiasmo pelos folguedos proprios de outra idade. Dotada de uma construcção vigorosa, vivendo num meio confortavel desde que nasceu, sem cuidados nem afflicções que alterassem seu espirito, rodeada de todas as condições salutaras, e tendo por ultimo os affagos do esposo estremecido que não deixava de cumprir a risca os deveres de marido, havia razão de sobra para que D. Bazília estivesse da realidade exuberante de forças e bem conservada ainda.

Dulce e Ovidio sendo os únicos filhos que vingaram consagravam-lhes por isso todo amor, condensavam n'elles toda a alma.

Havia tambem uma creança que unida áquelle casal fazia as alegrias do lar. Era Alvaro, filho do feitor, o menino que D. Bazília apreciava tanto, de que fallava todos os dias, descobrindo graças que não cessava de repetir a Florencio, instando sempre para que fosse crendo junto com seus filhos; era tão bom, dizia ella; seria uma trindade que Deus havia de abençoar.

Isto realisou-se. Alvaro veio para companhia de Florencio que o criou com desvelo e carinho sem distinguir condição; todos tres eram tratados igualmente, Dulce, Alvaro e Ovidio. Agora estavam bastante crescidos e era justamente necessario, urgente, imprescindivel, dizia D. Bazília, que viessem como vieram residir na capital para serem convenientemente educados.

D. Bazília se tinha levantado da rede que já aquellas horas, seis da manhã, principiava a incommoda-la. Os sinos repicavam saudando as alegrias dessa manhã bellissima banhada de sol.

Era um domingo.

Quem passasse pela rua dos Remedios varia á janella de uma casa malcaçada, de numeração quasi sumida, a esposa e filhos de Florencio de Mello num assanhamento curioso a alharear para todos os cantos admirados de tanta gente, uns que lá outros que vinhão; abismados de verem aquellas casca grandes, altas, tão bonitas, e por ultimo

os bonds que passavam, às vezes vazios, às vezes apinhados até a plataforma numa destilada que não tinham, reparou Ovidio, nem os carros de levar canna para o engenho.

—Que tolice! atalhou Dulce voltando o rosto para Alvaro que sorria, tendo percebido o disparate.

—E' comparar o dia com a noite, juntou logo D. Bazília, vendo passar uma carroagem a trote, depois outra, ainda outra, um bond, Jesus! que confusão, disse ella afastando-se um pouco da janella onde o sol tambem já vinha incommoda-la.

A seguir.

Flavio de Assis.

Chromo

Tem traços d'ouro o horizonte
Em matutino candor!
A casa branca do monte
Esplende em festas e amor!...

Pelas cavernas a fonte
Atira a agua em frescor,
Na moita verde, defronte,
As trepadeiras em flor!

No campo arido, no baixo,
A se estender pelo sul,
Vae um pastor cabibauxo,

Sem ver as côres do azol
Chorando a noiva tão cara
Que a seu rival se entregara!

Pacífico Bezerra.

CURSO DE PHILOSOPHIA

Introdução

Lição 1.^a

SUMARIO—Origens da philosophia—Etimologias philologicas—A Philomathia occulta com as formas retilineas—Philosophia orbitaria—Sua estreita alliança com a physiologia.

1

(Continuado do n. 2.)

A forma mais rudimentar do raciocinio é a analogia, esta sistisa inteiramente a intelligencia em grão inferior. A descoberta do fogo, da combustão, trouxe ao homem das primeiras idades um leve reflexo do calor e luz solar, concretizados

n'um determinado phenomeno. E indiscutível que a descoberta do fogo foi toda casual, em nada para ella contribuiu o trabalho humano, porquanto suppôr que o homem inventasse um processo de obter o fogo, equivale a imaginar que, antes de lhe ser conhecida uma existencia, pouda elle condicional-a. A prova historica de que a descoberta do fogo foi fortuita encontra-se nos credos religiosos; sem fallar dos persas, dos adoradores do Mithra, achamul-a nos aryas da Europa, como nos da margem do Ganges. *Agni* que as virgens escholadas, segundo reza o Atharva Veda, guardavam nos pagodes de Whischinon, *Ignes* que as vestaes conservavam no templo da deusa pura, revelam que a conservação do fogo foi questão capital das primeiras epochas da humanidade, facto que se manteve pela tradição religiosa. Para tamanho efforço para conservação do fogo, era necessario que se ignorasse o processo de obtel-o.

Se o sol illumina a terra, se lhe dá luz e calor, o fogo foi a sua imagem minuscula, como que o ser occulto que animava o astro que passava a ter uma outra existencia na terra. Era sol no azul que o homem via, fogo na terra que este percorria. A idéa de dualidade da existencia rebentou no cerebro do homem primitivo: assim como, atraz de cada coisa que lhe cahia debaixo dos sentidos, via outra coisa occulta, assim concebeu que tudo se desdobrasse de baixo de dois aspectos. O sol no fogo vivia na terra, como tudo o que no espaço existia baixava a terra para animál-a. O Pantheon rudimentar teve como divindades novas o desdobramento das series que viviam fora da terra.

Mas, se tudo tinha dualidade, porque não a teria o homem? No sonho desdobrava-se elle no homem que dormia e no que ficava em acção; um org. inactivo quando o outro agia, d'alí a concepção rudimentar da alma, de uma força occulta no intimo do homem, que quando o organismo d'elle repousava, era hospede em movimento de um corpo immovel.

Já reunidas em hordas, em tribos, com profissões tra-

caminhos se apresentavam aos homens: apanhar os fructos da terra e dar caça aos animaes bravios; domesticar animaes, cuja prole garantiria aos possuidores um meio seguro de existencia; observar e cultivar a terra, de forma a reproduzir ella periodicamente os seus fructos. A mais simples das carreiras era a princeira, mas ao mesmo tempo a mais imprevidente. Foi a que os homens abraçaram nas primeiras epochas sociaes.

Nos povos do Norte, scandinavos, frankos, finnezes, germanos, a mythologia que conservam recorda este primeiro estado, estado de luta como os elementos, situação de guerra de horda a horda. Só a domesticação dos animaes os arrancou a esta baixa etapa da civilisação, forma transitoria de conservar a especie no meio em que vivia. E entre a população nomade guerreira e a sedentaria agricola, o pastor se ergue com o laço de união, meio de chegar da familia promiscua dos primeiros tempos á familia elevada dos agricultores, á criação do lar dos povos historicos.

Ahi temos como elementos novas divindades, creações do intellecto primitivo que penetraram no Pantheon que se vai completando—da explicação kosmica que primeira sonhou o homem que andava e articulava palavras.

(*A seguir*).

M. de Béthencourt.

Day-break.

N'um tom farfalhante e lédo,
De leve, cicia a brisa
E mansamente desliza
Do bosque pelo arvoredor;

Despertam ninfas, Caneisa
Morre por traz de um rochedo
A estrella d'alva. Em segredo
A madrugada agoniza.

Vêem-se bandos de pastores
Do gado atraz. Surgem flores.
Tudo accorda c'o alegria.

A' natureza dolente
Beija a aurora. No Nascente,
Brilha o Sol, resurge o Dia.

B. das Chagas.

Volta.

Princeza dos olhos grandes,
Princeza das tranças negras,
Meu peito que está sem preço
Aceita que te offereço
Meu pobre peito ralado
De angustias despedaçado,
Princeza dos olhos grandes
Princeza das tranças negras.

Amargo como a amargura
De uma esperanza já morta,
Buscando o seguro abrigo
De teu seio, eu louco sigo
Teu rastro por toda a parte
Não cessando de adorar-te
Amargo como amargura
De uma esperanza já morta.

Senhora dos pés pequenos,
Senhora das mãos delgadas,
Aceita em teu peito nobre
A triste afeição de um pobre
De um pobre que vivo triste,
Que vive mas não existe,
Senhora dos pés pequenos
Senhora das mãos delgadas.

Rainha dos meus pensamentos,
Dona esbelta de minh'alma,
Aceita os versos que eu faço,
Acolhe-os no teu regaço,
Acolhe-os com o teu carinho
Do teu seio sobre o ninho
Rainha de meus pensamentos
Dona esbelta de minh'alma.

Madrugada doce e clara
De meus amores de moço
Dá-me a luz de que eu preciso
Dá-me a luz de um teu sorriso;
Clareia a noite medonha
Em que meu peito hoje sonha,
Madrugada doce e clara
De meus amores de moço!

Deusa bondita e formosa
Do céu de minha alegria
Dá-me a fô que eu tanto almejo
Que ha tanto tempo deajo!
Dá-me a fô, dá-me a esperanza
Com o teu amor de criança
Deusa bondita e formosa
Do céu de minha alegria!

Princeza dos olhos grandes
Princeza das tranças negras,
Meu peito que está sem preço
Aceita que te offereço
Meu pobre peito ralado
De angustias despedaçado;
Princeza dos olhos grandes
Princeza das tranças negras.

J. Xavier de Carvalho.

O colibri.

O etheres colibri — a joia alada —
Da flor em flor o bico resvalando,
O nectar d'uma e d'outra vai bebendo
Na febre da volupia immoderada.

E depois, em sobora revoada,
As azas bate como que cantando,
Feliz, risinho, alegre, e vai voando
Pela rutila esphera constellada.

Tal é meu coração: um colibri
A voar pelo espaço azul do amor;
Suga o nectar do beijo em cada flor

De lábio ardente e rubro que sorri,
Goza esta flor, mais outra, esta mais linda,
E procurando amor, esvoaça ainda.

Oscar d'Alva.

Queixumes.

A'...

Vieste, e eu vim trazido pelo encanto
Que a ti me prende e tanto me domina;
Vinhas a rir e rindo eras divina
Como o fôros, talvez, banhada em pranto.

Eu, como a sombra do teu corpo santo,
Vinha a seguir-te... que paixão a minha!
Não mereci-te olhar o tu, rainha,
Do teu vassallo a mereceste tanto.

Ah! delle tudo que quizesse, pouco
Fôra ao infeliz que te daria, louco,
O sangue, a vida, que sei eu?... mas sabe-o:

Elle para fazer-te um só desejo
Regeitaria a aurora do teu beijo,
— A caricia suave do teu lábio.

Walter Broadbent.

Spes.

Ao Homero Cavalcanti.

Se em seu olhar, um doce olhar divino
Quando fitado em mim, se me alligora
Que vejo na edenica planura
O primitivo sol do paraizo!

Se dos seus lábios se desprende um riso,
Sem me parece que nos céos fulgura
Uma estrella de amor que illudiso
Como o pharol á minha vida escura!

E vivo deste sonho allucinado
Nas azas da illusão arrebatado
Sem esperança, ter, sem ter conforto!...

Mas inda assim, minha alma se dilata
Se dos seus olhos um olhar que mata
Me vem ferir o coração já morto!

H. Mattos.

Ril

(Reminiscencia).

Um coração que ri e outro que chora:
— O teu que chora, em tétrica amargura,
E o meu que, entre alegrias e doçura,
Ri-se vestido de uma eterna aurora...

Passa a te rir que eu chorarei agora,
Passa a te rir embora a desventura
Venha mudar-me a aurora em noite escura
Noite medonha de mim soffrer, embora!

Ri-te que eu chorarei... Veste o sorriso
Que de teus lábios os pezarés somem,
Retoma a graça e teus antigos modos

Ainda que para tal seja preciso,
Me apontarem no mundo como o homem
Mais desgraçado de entre os homens todos!

I. Xavier de Carvalho.

Raiva.

A H. Mattos

Tenho raiva do sol que á tarde esplende
Cheio de luz, de brilho radiante
Que me impede de ver a nesse instante
A janella onde o sol forte resplende

Tenho raiva do sol porpurejante
Que o meu amor á seus caprichos rende;
Tenho raiva do sol que assim me offende
Cruel, feroz, sangrento, fulgurante!...

Tenho raiva do sol, mas o lastimo
Porque outro sol que lousamente estimo
Me faz do brilho seu ficar descrente.

Fico descrente sim, que um sol mais brando
Me queima o coração á tarde, quando
— Ella surge á janella de repente!...

Altino Rego.

A mulher forte.

Adoro a mulher forte, ardente, mebricante,
De lábio de rubi, pupilla cor da treva,
Turgido, attivo seio, um collo provocante,
Opulento quadril de curva que se eleva;

Braço robusto, são, a perna radiante
De contorno e alvor aonde a luz primeva
Escreve uma epopeia ao goso triumphante,
Um hymno que o desejo alem conduz e leva;

Adoro a mulher forte, essentia do prazer,
Aquella que n'um beijo agudo faz morrer,
O beijo da paixão, o beijo do delirio;

Longe da menja antiga as faces, macerada,
Favela, mas sombria, em formas torturada...
Eu quero a carne—amor e não corpo—martyrio

Placido Guerra.

PHILOMATHIA

Revista artística, scientifica e philosophica

Impressão progressiva
Hacel

Redactor-Chefe—Manoel de Bêthencourt

Redactor-Gerente—A. dos Reis Carvalho

Redactor-Secretario—L. Xavier de Carvalho.

REDACTORES—E. MARINHO ARANHA, A. LOBO E H. MATTOS.

Terça-feira, 31 de Dezembro de 1895

EXPEDIENTE

A PHILOMATHIA publica-se duas vezes por mez. A redacção só se considera solidaria quanto aos conceitos externados em produções não assignadas ou nas que o forem collectivamente.

Assignaturas

Para a capital

Trimestre... 3\$000

Semestre... 6\$000

Para o interior e Estados.

Trimestre... 3\$700

Semestre... 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

"A Nova Revista".

De um dos colaboradores desse novo periodico, o sr. Francisco Pacheco, que, de passagem para o Pará, teve a gentileza de procurar-nos, recebemos as seguintes linhas:

Em 15 de Janeiro proximo apparecerá na Capital Federal o 1.º numero d'A Nova Revista; publicação mensal, de 32 paginas, de baixo da responsabilidade da Casa Aldina, installada na rua Sete de Setembro.

A Nova Revista terá por director ~~Adolfo~~ ~~Adolfo~~ ~~Adolfo~~, o insubstituível autor d'A Normalista e das Cartas Literarias, e por secretario ~~Alvares~~ ~~Alvares~~ ~~Alvares~~, com um papel d'valor.

A nova publicação conta por colaboradores: —Olavo Bilac, Clóvis Bevilacqua, Francisco Julio da Silva, Pedro Rabello, Cruz e Souza, Luiz Murat, Bernardino Lopes, França Pereira, Paulo de Arruda, Theotônio Freire, Collatino Barroso, Manoel de Bêthencourt, Reis Carvalho, Ignacio de Carvalho, Azevedo Cruz, Tibercio de Freitas, Roberto Alencar, Dario Velloso, Francisco Pacheco, etc.

Como correspondentes bibliographicos tem: —têm Portugal, Delfim Guimarães e Decio Carneiro; em França, Xavier de Carvalho; na Italia, Joaquim d'Araujo; na Alemanha, João Ribeiro; nos Estados-Unidos, Pontoura Xavier; na Republica Argentina, Magalhães Azevedo, etc.

A Nova Revista fta levantar a moedada estadual para as luctas intellectivas, a fastando-a da prematuridade politica, que sempre é prejudicial a cerebros não preparados.

Recehem-se pedidos de assignatura e agentes na Casa Aldina, rua Sete de Setembro, — Rio de Janeiro.

Concurso poetico.

Por grande accumulacão de trabalho deixamos de effectuar neste numero de nossa revista o concurso poetico annunciado em 22 de Outubro do anno. Resolvemos adiar-o para a ultima edição de Janeiro proximo.

PHILOMATHIA

SUMMARY —Uns dias, Luiz d'Ultramar—Relações da Physica com outras sciencias, A. dos Reis Carvalho—O Natal, Guilherme Dias—Um romance, Flavio de Assis—Curso de Philosophia, M. de Bêthencourt—Meu culto, Oscar d'Alca—Dois de Novembro—Silva Braga—Flores do palco, L. Xavier de Carvalho—Confidanza, Walter Broadbent—Rosita, M. Roek—Na kermesse, Heidenmüllins.

UNS DIAS...

O negocio é principiar. Infelizmente não tenho hoje à mão um d'aquelles sujeitos que se dizem litteratos ou sabies, ou que de tal são chamados, boxigas cheias de vento a que o vulgo tolo toma por lanternas (ya lá esta reminiscencia do prologo francez); infelizmente não tenho à mão (esta repetição é um effeito rhetorico que que não quero perder) um dos taes typos, que possa ser por mim aqui deslizado como a canabris indica o é lá na Fabrica, aquella fabrica que vai vivendo como vivem as fabricas e os poetas entre nós: —de esperanças. Não posso deslizar ninguém e tambem por cautela hygienica, agora que a incerta estagão domina, não me atrevo a fazer autopsias litterarias, com o modo justificavel de empear o ambiente. Ha muito litterato e sabio que, dissecado, não daria coisa acoada, que a litteratura dos taes sonharia nem sempre cheira a rosas, antes faz lembrar:

aromas diferentes da da classica rainha das flores.

Mas, se não dissesse litteratos e sabios, tenho quo, em compensação, complimentar um hospede illustre nesso, o sr. Guilherme Dias, escriptor de notas plagas d'onde vejo quemisto estreve, polemista religioso distincto. Em s. exa. quero só ver o escriptor, não desejo lembrar-me de que pertenceu á Egreja, de que é d'ella um dissidente. Para mim a questão da religião e a da forma politica do governo são a-tualmente meras questões de esthetica, não possuem a importancia social que no passado tiveram, quando a humanidade punha os seus actos pelos credos religiosos e pela direccão politica que lhe impunha. A vida actual é hoje uma resultante de interesses e o factor religião e o factor politica não entram n'ella sendo com accão mais restrita que a da arte ou sciencia. Religião é uma forma esthetica das consciências das forças supra-sensíveis; forma de governo, contra forma esthetica de correntes sentimentalmente o edificio social, uma flecha de cathedra gothica lá em cima, como a monarchia, ou uma cupula de templo da Renascença, como a república. Não vale a pena brigar por taes cousas, tanto mais que toda briga importa n'um ataque á admiracão que se deve consagrar a tudo que é ideal. Já se vê portanto que eu não quero combater ~~Guilherme Dias~~, o padre, mas folgo muito em apertar a mão do ~~jornalista~~, do escriptor de valia, que fez ha dias no ~~Hospital~~ ~~Portuguez~~ uma conferencia a que, eu o lamento muito, não assisti. Rescha o escriptor que tão boas paginas ha escripto um sincero e cordial cumprimento meu, cumprimento inusitado, porque eu não sou orthodoxo nem heterodoxo, pensador preso ou pensador livre: penso apenas que pensar é duvidar e que tudo o quo é accerto como verdade, ganharia em ser considerado como simples e insustentavel conjectura. Já me chamavam o homem do paradoxo e publico accusa tal denominação.

Aqui tenho que entrar n'uma confidencia: quem tal nome me deu foi o meu collega de restau-

ção, o ~~corrente~~ d'esta folha, o meu amigo Reis Carvalho, um feliz que não duvida e cre n'esta epocha em que coer é affastar o espirito da corrente geral de incertezas da humanidade moderna. Sou o homem do paradoxo, enquanto o meu amavel baptisante é o da creença, entusiasta que se deixa seduzir pelo que a sentimentalidade tem de mais elevado. É um sonhador victima do sonhar, um idealista martyr do ideal, um mystico victima do mysticismo. Querem saber em que elle cre? Simplemente no numero tres, o maldito numero de que foram victimas Pythagoras, ~~Reis~~ ~~Auguste Saint~~, sem fallar das religioes que d'ella outras tantas victimas foram. Reis Carvalho acha a unidade na pluralidade, o simples no composto, a ordem na confusão absoluta: uma *contradictio in adjecto* como se diz classicamente. Crente augura que a humanidade chegou a uma phase em que a *archia* impera, considerando anarchia o presente. Sou, confesso-o francamente, o homem da anarchia: sou o mais legitimo dos democratas de hoje. A democracia é o ideal da anarchia: o governo de todos pressupoe o governo de nenhum, é exactamente o governo sem governo, ideal inteiro da anarchia que perfilha. Entre nós dois ha um oceano, mas conto vól-o da praia opposta embarcar para a minha, quando os annos mais abundantes lhe facem. Espero, porém, que actualmente elle, embora o tres o persiga, se contente com o numero dois dos poetas, a dyade que vale muito esthetica e animalmente. Elle faz versos e nos versos não impera o despotico tres.

Lá fui eu com uma digressão e por ora nada da chronica. Pois que a chronica espere, que eu tenho mais que fazer. Que diaho achar para dizer n'uns dias magros, de uma magreza a lembrar a carne que nos vendem no mercado. Só um assumpto encontro: a missa campal, mas esse está gasto pela prosa enfarruscada do jornalismo quotidiano. O que posso dizer de melhor é que applaudo a commissão que promove a reconstrucção da urnada dos Remedios, tentando reviver a tradicional festa.

Isso de festas é commigo, dou o cavaquinho por ellas quando os violentos me tñtam no bolso; quando, porém, a *dêcho* vem ninguem me fallo nêlles. Enfureço-me, arrapio-me, esbraveço e grito—Não vou lá! exactamente como o proverbial Bitu. Venha a reconstrucção do templo, que por falta da festa muita gente tem deixado de aportar o santo nê do matrimônio, esse não que o Estado, em compendência com a religião, se lembren tambem de ator, como se não fosse bastante um colchete para a coisa, como se uma só prisão não bastasse. E philosophando sobre a *filatofia* da tal nê, eu re, conheço que não ha como os governos de Illoglada para annullarem a liberdade, como os entusiastas do idealismo para matarem o idealismo. A *commissão* lá da missa campal é que nada tem com isso: ella procura apenas reconduzir a Egreja; quanto aos ensaenmentos que da festa nascerem, o *tribuna* em dispo que se avoçavam, elles os puxadores dos cordões do tal nê.

E com isto queria safar-me d'esta chronica, quando me lembra que estamos no fim do anno, que o Natal se foi, que o anno novo nasce e que tenho a obrigação de complimentar a todo o mundo por tudo o que sabe e por tudo o que entra, o acabar e comegar de duas columnas diversas, mas eguaes. Boas festas, senhores que lêis a—*Philsmathia*—, Boas festas, gentis senhoras que nos atarais a prosa e versos. Boas annos vos desejamos a todos, um anno novo que vos corra do coração. Seis felizes, enquanto eu me arrafolho por não poder esperar que 1906 é *hi-sexto*, um anno em que se deve trabalhar mais em dia, rescoendo a mesma paga dos outros. Anna Rita! seja para outros, que para mim não o é.

Esta nota de *hi-sexto* não é a que eu queria para o fim d'esta orgia de palavras atreadas ao acaso; queria mais cousa lyrica como os *inspired* poetas do *Walter*, um *inspired* *Antony* que aqui publica bons versos. Mas acabo de abocar uns espetáculos encurados, de conter um bom peixe, e como me cansa não se pode ser. *Dress* 11

lyriamo viva de azas do frangos ou frangos e eu não tenho comido as taes azas, antes d'ellas tenho medo porque com ellas não se vôt, antes se cohe.

E fico aqui, que mais não quero.

Lutz de Ultramar,

RELAÇÕES DA PHYSICA

COM OUTRAS SCIENCIAS

(Capítulo de um livro inédito.)

I

(Continuado do n. 5)

Antes de aboarmos agora o estudo das relações da Physica com as sciencias subsequentes da hierarchia scientifico-abstracta, digressamos um pouco a respeito da correspondencia ou ligação dos nossos sentidos e dos agentes physicos de que vimos de tratar e que mostramos serem outros tantos elos que ligam o estudo dos phenomenos molares (Physica) ao estudo das attentas moleculares. (Khimica) [2.^a um parenthesis que de alguma sorte interrompe o fio do nosso dissertario e que seria melhor converter em nota, mas se occupando de assumpto importante e para muitos assumpto novo—julgamos não puer inseri-lo no texto deste capitulo como sendo integrante]

Os agentes physicos realmente existentes correspondem aos oito sentidos de que dispomos: a saber: o peso, a musculação; o calor, a calorificação; o som, a audição; a luz, a visão; o sabor, a gustação; o odor, a olfacção; a electricidade, a electricção. Quanto a propriedade correspondente ao tacto ou palpação, não existe distinctamente (salvo si incluirmos a forma, attributo geometrico perfeitamente concebido pelo simples tacto) pois este sentido correspondendo á totalidade dos agentes que achamos de enumerar.

Com effeito, o tacto ou palpação é um sentido geral, o instrumento universal das percepções sensoriaes, de que são instrumentos parecidos todos os outros sentidos, cada um dos quaes é, por assim dizer—o tacto modificado—uma forma es-

pecial de palpação, como passamos a explicar.

A musculação é a palpação do peso. O homem que experimenta a sensação ponderal suspendendo, por exemplo, um objecto qualquer tem primeiro de local-o ou apalpa-o e depois por uma contracção muscular opera o movimento.

A calorificação é tambem uma palpação acompanhada da percepção especial de uma temperatura qualquer. Para que o individuo conheça a temperatura de um objecto é necessario que experimente uma sensação tactil.

A audição é o tacto do som, como a calorificação é o tacto da temperatura, e a musculação, o tacto do peso. De facto, o ar em vibracção, caracteristico definido do phenomeno sonoro, toca, apalpa a membrana do tympano, que transmitta essa sensação ao nervo auditivo pelo *corneo d'Ammon* se operando assim a percepção do som.

A visão, por sua vez, nada mais é que a acção tactil da luz sobre a retina atravez dos diversos elementos do aparelho ocular. A impressão luminosa experimentada pelo nervo optico é conduzida aos *tuberculos quadrangulos* onde se dá a percepção effectiva da luz: nesse tracto, pois, todo o aparelho visual e o respectivo centro nervoso de percepção são *localidos, apalpados* pela luz.

A gustação é o tacto do gosto, ou do sabor: é preciso tocar para gostar. A substancia *gostosa* em contacto com a *inervação* da lingua, isto é, *apalpando-a* determina a respectiva sensação que conduzida por filotes nervosos ao *corpo olivario* produz a percepção do sabor.

A olfacção ainda é uma forma tactil: é o tacto do cheiro. Os elementos microscopicos que se desprendem dos corpos propriamente cheirosos, *localidos, apalpando* a pituitaria, lubrificada pelo mucus nasal, transmittem pelo nervo olfactivo ao respectivo ganglio a sensação dos olores.

A electricção, enfim, é uma forma tactil bastante caracteristica como a musculação ou a calorificação: pois é apalpando directamente o objecto electri-

sado ou sendo por elle como que apalpado, isto é, influenciado, si se trata da electricidade por inducção, que se obtem a sensação do phenomeno electrico.

Esta generalisação do sentido do tacto que aqui fazemos por nossa conta, pois não a vimos ainda em auctor algum a não ser relativamente aos sentidos da musculação, calorificação e electricção, só tem importancia logica, mas scientificamente a irreductibilidade dos sentidos é manifesta, irrefutavel.

A respeito dos quatro sentidos—palpação ou tacto propriamente dito, musculação, calorificação e electricção, sabe-se que os scientists contemporaneos os consideram como um só agrupando-os sob o titulo geral de *tacto*.

Entretanto, como diz um eminente e sábio biologista, «segundo os presentimentos de Gall e as indicações de Blainville, confirmadas pelas observações pathologicas, Augusto Comte elevou a oito o numero dos nossos sentidos. Uma analyse rigorosa do sentido do tacto devia infallivelmente conduzir a esse resultado. Em lugar de vier nelle um só sentido, é preciso distinguir quatro: um sentido geral, o tacto, donde resulta a sensação do tacto propriamente dito, e tres sentidos mais ou menos especiaes: a musculação, a calorificação e a electricção. Deve-se reservar ao primeiro desses tres sentidos a apreciação directa da pressão, dos esforços musculares e da fadiga consequente. A existencia das duas outras, isto é, da calorificação e da electricção não pode dar lugar a contestação alguma. A electricção attinge muitas vezes um alto gráo de susceptibilidade em certos peixes. A observação clinica não deixa aliás davela alguma sobre a existencia dos quatro sentidos do tacto. Não ha pratico algum que não tenha constatado na mão parte das paralyrias da sensibilidade, que uma ou muitas sensações correspondentes podem ser abolidas, enquanto as outras ficam intactas. Os que se servem da electricidade no tratamento das paralyrias sabem que certos doentes são muitas vezes insensíveis á excitação galvanica.

«Por não ter distinguido o sentido da pressão dos outros sentidos do tacto, médicos experimentados foram expostos a graves erros. Assim, quantas vezes não têm confundido com a paralyisa do movimento uma simples abolição, muitas vezes passageira, do sentido da musculação? Todo esforço muscular para dar lugar a movimentos regulares e coordenados exige que se aprecie a sensação do natureza especial que resulta deste esforço. Como o provaríamos mais tarde, nem uma posição de equilíbrio é possível sem esta sensação. Sua alteração provoca em nossos movimentos desordens que podem ir até a impossibilidade de coordenar-os. Também não é surpreendente que, por não ter distinguido o sentido muscular dos outros sentidos do tacto tenham muitos sido conduzidos a diagnósticos erroneos.

«Classificando nossos oito sentidos conforme a ordem de sua especialidade que serve também para medir a de seu adveito na série animal, devemos dispô-los da maneira seguinte:—um sentido geral, o tacto; e sete sent dos mais ou menos especiaes, a musculação, a gustação, a calorificação, a audição, a visão e a electificação.

«A cada um destes sentidos corresponde um ganglio particular, que é directamente ligado ao apparelho contemplativo; a esses ganglios convergem nervos especiaes todos tão distinctos entre si como o nervo optico o é, por exemplo, do nervo olfativo.» (9)

Cada um dos novos sentidos em que se decompõe o tacto tem, pois, uma sede especial na massa cerebral determinada subjectivamente pelo sábio medico dr. Audiffrent conforme razões do mais alto valor scientifico.

Assim o eminente biologista localisa o tacto, propriamente dito, em o nucleo interno dos corpos estriados, a musculação na camada optica, a calorificação em o nucleo externo dos corpos estriados, a electificação finalmente, na parte posterior dos mesmos, que orla a camada optica.

A localisação dos ganglios tacteis estabelecida subjectiva-

mente já teve confirmação objectiva, determinada pela analyse anatomo-pathologica, com relação ao ganglio da calorificação.

Com effeito, no hospital Lariboisière, em Paris, havia, ha cerca do meio seculo, um doente hemiplegico, que dizia não poder se aquecer, perceber sensações thermicas. E' claro que a esta perturbação funcional devia corresponder uma lesão organica no ganglio affectado á respectiva função. Foi o que previu o sábio medico positivista dr. Sémérie que, chamado para fazer a autopsia no corpo do doente que fallara, e baseado nos estudos biologicos de Audiffrent, proclamou categoricamente que se devia encontrar uma lesão no corpo estriado. E de facto, feita a autopsia encontrou-se a lesão aprioristicamente annunciada: uma hemorrhagia rodeava a parte externa do corpo estriado. Isto é, aquella parte do respectivo ganglio justamente affectada ao sentido da calorificação. (10)

Desta digressão parece ficar perfeitamente demonstrada nossa affirmação primordial—a correspondencia das propriedades physicas e os sentidos respectivos. Estendemo-nos desenvolvidamente sobre estes visto como seguimos a respeito opinão divergente dos compendistas ordinarios que agrupam sob um só sentido a palpção, a musculação, a calorificação e a electificação, quando já Augusto Comte, baseado em Gall e Blainville, estabeleceu com sua incomparavel autoridade a distincto characteristica desses modos de sensação, e Audiffrent, o eminente discipulo do eminente Mestre confirmou pela demonstração biologica a asserção do grande Pensador. Julgamos, pois, necessario esse desenvolvimento, citando a proposito especialmente a auctoridade de Audiffrent, que como positivista alem dos conhecimentos biologicos directos possui ainda a instrução encyclopedica e a devida moralidade, condições indispensaveis a uma opinão bem fundada; não sendo assim da numero da maior parte dos scientistas e doutores modernos que, habidos de conheci-

mento encyclopedico e ainda mais baldos de character se põem a resolver questões relativas a dominios especiaes; do numero desses que na phrase eloquente do Mestre—discutem Sociologia sem saberem Arithmetica, . . . *tranchent en sociologie quoiqu' ils ignorent l'arithmétique*. (11)

(A seguir.)

A. dos REIS CARVALHO.

11 Augusto Comte—*Philosophie Positive*, state, 2^a ed. vol. pag. 102.

8 Natal.

O nascimento d'Aquelle que veio resgatar o mundo por um ideal d'amor, verdade e justiça, quando a sociedade humana agonisava no sensualismo, deve ser comemorado por uma festa que seja tão solemne no templo das nossas crencas como no sanctuario da familia.

Os cirios e lampadas dos templos christãos illuminam o presépio onde a innocencia e a humildade recebem a adoração dos pastores e a vassalagem dos Magos á mistura com os hymnos angelicos de *Gloria a Deus e paz aos homens*! Está alli todo o mysterio d'uma crença eterna, todos os encantos da mais bella poesia em que se expande a nossa piedade!

Ao mesmo tempo no lar domestico celebra-se a renovação d'affectos, a concentração de dedicações, o culto intimo de tradições e esperanças, de saudades e alegrias, de jubilos e de lagrimas; velhos e novos, os patriarchas da familia e as vicissitudes vergontosas, que avançam para abraçar o futuro, todos se unem, se consorcião e rejuntem nesta festa que se inspira nas doçuras da paz e nos enleivos do amor.

Os velhos dão á casa o aspecto venerando d'um templo; as crencas fazem do lar uma eschola; aquelles são os veteranos que se enfileiram á columna do passado, que é feita de tradições e saudades; estes sentem para a aurora d'um futuro porvir acordadas pelo gorgoleio das avozes que entõem as harmonias da sua luxuriante primavera; n'uma está o ultimo capitulo dos estudos que ficam e dos exemplos que se herdão, d'outros está a

nova poesia, que começa, inspirado nas lições que se perpetuam.

Na cadeia das gerações, na corrente das famílias, é um poderoso elo de benéficas edificativas e sagradas, a celebração da festa do Natal.

As religiões pantheístas, assim como o polytheismo, davam à família deuses primitivos com o seu culto especialíssimo; como encontramos nos costumes de tantos povos e principalmente ao estudarmos a história grega e romana; mas na aridez das suas cerimônias, que muitas vezes eram o conjuncto de indetermínados ritos, óleos, lírios e estereois, não podemos ver coisa alguma que se possa comparar ao que há de sublime, inspirador, augusto e santo, que distingue tão notavelmente a poesia que o Christianismo imprimiu n'osta solemnização do Natal, em que se conglomera e aliam bellamente os júbilos do lar domestico e os cânticos, que ressoam no templo de Deus!

Nem a religião de Christo podia herdar os pallidos ritos das velhas religiões, nem por outros processos podia ser celebrado o nascimento do meigo apóstolo do amor—Jesus—o fundador do Christianismo, que é a grande associação dos espiritos, das corações e das consciências, o evangelizador da Fé, que salva; da Esperança, que alimenta a vida, e do Amor, que deve unir n'uma só as aspirações da humanidade inteira—a aspiração para a Bondade para o Progresso.

É certo que nem sempre os representantes d'esta religião emancipadora têm contribuído na linha recta dos seus preceitos e recomendações. É certo que em nome d'uma religião de paz e de reconciliação com os princípios da guerra, os *salafantes* representantes do Deus, o mesmo poder espectral, representante do Christó, congregado sobre os povos o flagello da guerra e das perseguições religiosas! A Impiedade foi o monstruoso parto do fanatismo tenebroso dos reis e dos príncipes da Igreja nos séculos. Mas o Christó, quando puro, tal como a pregação Jesus, está logo brando e amável ao espirito e das consciências, que então, tal qual o sol, irradia em phosphenas ou

do seu nome abuse a hypocrisia e o vil egoísmo?

A moral christã, natural e conveniente à humanidade, como não podia deixar de ser pela sua origem e sua inspiração do amor d'essa mesma humanidade, tem vivido e viverá perpetuamente através dos séculos sem que contra ella prevaleçam as machinções hypocritas de quem quer que seja ou a arrogância estúpida dos inimigos do Bem e do Progresso.

A Liberdade, que é uma das bases d'essa religião redemptora dos opprimidos, triumphará um dia por completo com a emancipação de todos os povos e de todas as consciências!

A Fraternidade unil-os-há a todos n'uma mesma família, cujos membros, eguaes perante Deus, e perante a lei, se governam a si proprio sem a interferência paternal de ambiciosos e de phariseus almonitas.

Então será o verdadeiro dia de Natal para a humanidade!

Guilherme Dias.

Um romance.

(Continuado do n. 4.)

III

A firma social de Souza Freitas & C.^a continuou a mostrar-se cada vez mais solícita para com Florencio de Vello.

O sr. Souza, o Souza Lima, como o chamavam nas rodas que frequentava, era supportavel em quanto não se tratava de commercio, assumpto que discutia empregando espeziosidades a favor dos honros. Todas as noites comparecia a casa de Florencio de Vello para conversar sobre as novidades da dia e da noite que tramalhavam n'ellas, era servido o chá como de costume, acompanhando sempre de bolachas manipuladas mesmo por D. Patrícia, os quees Souza sabia fazer adivinhando por cada um que queria, serem bem feitas, boas, bem trabalhadas. Suas doutrinas, seu modo de pensar, suas idéas combinavam exactamente com as de Florencio de Vello. Ambos se confessavam solidamente inimigos da emancipação dos escravos e acceitavam na indemnização devida a indolevel commença que representava um meio de aliviar a sua

gan pelo seu perbolado patricismo.

Com a lei da abolição o Souza Lima não p'queno prejuizo que montava perto de vinte contos de reis. Nunca possuio escravos, porém aviava generos para o interior da provincia, recebia saques, pagava contos de negociantes e lavradores que em razão da crise ficaram reduzidos a extrema penuria sem poderem nunca levantara cabeça nunca desembaraçar a vida que piorava de dia para dia. Tinha sido um abuso de confiança, dizia elle, um escandalo, uma propotencia, um roubo inqualificavel do governo arrancar a força o que garantiria com a lei fundamental do paiz, deixando depois tanta gente na desgraça, tanta riqueza perdida. Mas a indemnização havia de vir para a salvação de todos.

Assim pensavam geralmente os que foram soffocados pela extincção do elemento servil.

Não é o africano, raça constitutiva do povo brasileiro que deve agradecer ao mesmo povo essa libertação; não, é a posterioridade que ali vem corajosa, pujante, sem encontrar no camuflado tropeço, nem embaraços que a fizesse deter um instante maldisentido o passado ou lamentando o futuro. Abarbara instituido do captivo foi uma nuvem que passou loldando as paginas da historia que é o céu da patria.

Houve nessa época de reconstrução social um partido, ou antes uma fraccão do partido que aproveitando a situação favoravel para engrossar suas fileiras, doaram-se francamente ao furo da indemnização. Na politica e na guerra tudo se faz para vencer, commetto-se até o crime de trahir a confiança do povo. Qual foi o homem chefe da fraccão que não correu ao braço d'esta idéa abegard? Qual o secretario, dono de seus semelhantes, que não abraçou esse partido com a esperanza de veloz triumphar nas suas idéas *grandes* *queras*?

Florencio de Vello não faltou d'isto entre os comites politicos, clubs, sessões em que se tratava do assumpto em questão. Disputas a s'obras dos candidatos apresentadas pelo partido em nome da patria e da liberdade.

ro; fallava com todo mundo, era attencioso, cortez, delicado, não poupava relações, a todos chamava amigo, prestava favores tornando-se em pouco tempo conhecido pelo Maranhão em peso, e até por ultimo era consultado pelo directorio do partido quando entravam em jogosa finanças do mesmo para compra de um voto, ou qualquer outra solução que dependesse do dinheiro.

Florencio de Mello dentro em pouco aspirou ao coronel da guarda nacional o que em algum tempo ja lhe tinha sido offerecido pelos adversarios de hoje. Obteve, foi muito felicitado e ninguém mais o tratou senão pelo título da patente. Era o sr. coronel.

Estava fora da capital, havia mais de vinte annos; viveva pouco antes da revolução dos Balaos e muito mais infeliz que retirara-se para a villa da Coaracá. Nesse tempo militavam dois partidos, Cabanos e Ramte-vis, e seu pai o major Clamviano Pereira de Mello, cuja illustração era devidamente reconhecida, defendia nas columnas do *Publicator*, orgão official, a situação difficil e espinhosa do governo. Depois dessa luta que não fora pequena resolveu-se a mudança capital, não só desgostoso por nunca ter obtido uma posição favoravel, digna dos serviços que prestou, como tambem por em minutos do saudo constantes, dello e de sua mulher, comprou a parte da fazenda, unica que lhe restava possuir e em breve retirou-se dedicando-se de corpo e alma à lavoura do algodão. Mais de uma vez servio de exemplo pela impruiza a compra que fizera porque era sabido de todos ter sido a fazenda dada tanto a elle como a outros num testamento falso.

Florencio de Mello seguiu a mesma vida de seu pai; ficou sendo um excellentes lavrador. Melhor do que elle ninguém sabia o tempo proprio da plantação e ao sabio da crosta mais bonita, mais acedada que lá havia; sabia tão perfeitamente a quadra em que se devia começar a colheita, como sabia castigar os negros mais atrevidos; mais insubmissos que lhe adiantavam uma palavra. Foi feliz. A fazenda em sua mão prosperou

cada vez mais, augmentando o numero dos negros, alguns comprados a troco de algodão e de assucar que constituão o principal commercio.

Sua instrucção era diminuta; aprendeu mal as primeiras letras e dellas nunca passou. Gostava de ler os jornaes ou antes de destrupel-os desde o cabeçario, data e numero até o nome do impressor lá no extremo da folha.

Ovidio, seu filho dilecto, era affirmacão positiva da herança similar pathologica, desde criança nella se observavam todos os traços de ~~Florencio~~. Gostava de enlazar-se sem dar importância nenhuma ao estado, era arrobatado, grosseiro, um bruto bem acabado. Dulce ao contrario, era meiga, compassiva como D. Bazilio, sua mãe. Gostava de ler o thesouro dos meninos, decorava aquella porção de historias que fazem bem ás almas ingenuas, que são como orcullos a cada gota a gota nos petalados sentimento que se entrelaçam aos primeiros alhores da vida. Seu companheiro de estudo era Alvaro depois que veio para companhia de ~~Florencio de Mello~~. Crianças da mesma idade, brincavam juntos, alegres, travessos como dois canecos voando, roçando pelas bosques.

~~Adão~~ sempre apartado d'elles parava-se durante o dia na lavoura assistindo aos trabalhos dos negros, visitando as palhoças onde negrejavam miseria, e de quando em vez mexericando aos ouvidos do feitor cousas que ouvia. Causado da traquinagem repousava logo cedo enquanto os outros ainda brincavam a luz vermelha e fumosa do kerozene e ouviavam um bandede historietas que lhes contava a preta velha, cosinheira da casa.

Assim foram crescendo, educados igualmente como irmãos. Dulce, porém, mais tarde, começou a sentir-se outra, cheia de menos vitalidade; seu espirito fluctuava perdido em desejos indecifráveis que lhe transpareciam no rosto melancolico e triste como se lhe houvesse passado uma sombra de cuidados. Nas horas de recreio, quando dantes ia brincar no terraço com as negrinhas da casa, e brincar com Alvaro, pular com Ovidio, ago-

ra decorava poesias, lia romances, recitava trechos que sua mãe applaudia. Gostava de ver absorta, inebriada, o beijo casto das rôlas, o carinho delicioso das pombas pela bofrada das telhas, ruflando as azas, arrulhando, correndo, acocorando-se à espera do amante. Evitava que Alvaro fosse com ella testemunha desse pugilato de amor que lhe desvendava um segredo eterno. Pensava consigo, olhando para elles—como são felizes! como são ditosos aquelles namorados unidos de instante a instante!... Era chegada a epocha da puberdade o que importava dizer que desabrochava pútilmente o instinto sexual. Sonhar e verberava um ardor inexplicavel de innocencia de malicia, innocencia de criança, maliciada de mulher. Nunca mais ouviu os cantos da velha, nem brincou com Alvaro; recolhiu-se quasi sempre muito cedo e punha-se a scismar, ah! quando for amada como os outros são! quando eu tiver um marido que me adore, que me faça feliz como minha mãe! Vivoremos juntos toda a hora do dia, toda a hora da noite, todo momento de nossa vida!... Lançava a vista em torno do quarto e aquelles côco topico, a esmola, a luz, um perfume ligeiro, tudo colloria sua imaginação, embriagava seu espirito: parecia que a pouco a pouco se descolava um homem diante della. Ninguém podia separar-se. Ah! só elles. Nesse instante occorria-lhe a idea da colônia do telhado, destra, esquerda, arrulando seus amores. Como eram felizes! Como eram ditosos!...

Sua face de um moreno rosado, encantador, em que realçavam as sobrançellas arqueadas, negras, mostrava agora uns retoques de suave pallidez; seus labios sanguineos em que florescia um sorriso candido, celestial, não expressavam aquelle mesmo poema da juventude, ao contrario, a curva estonteante do seio empinado no cômpeo da renda, o bôcado edificante dos quadris, eram o que acompanhava toda a sua belleza feminina, traduzindo em rythmos do desejo a epopéa da carne. O temperamento calido e impetuoso de D. Bazilio explodia mais forte, mais intenso em Dulce.

Grande contentamento apor-

deram-se della quando soube que ia deixar a fazenda, enquanto Ovídio chorou lembrando-se que, para sempre teria de deixar aquellas bellas canaviaes, as senzallas, a casa grande doengenho, as mangueiras, o rio e o feitor que era seu amigo.

Não mais voria aquelles rochedos, aquellas arvores que se extorciam e baqueavam no meio da chamma, tudo ia desapparecer, não tornava a montar no seu cavallo pequenito, gordo, manso que lhe dera o pai; não mais iria junto com elle de arna ao hombro, caçar os tatús e as peras que tão boaseram.

Tudo isto lhe amafinava o espirito, constrangia-o, torturava-o bastante.

Agora Florença de Mello, na Capital, discutia politica como um rabula analysa um arruazado de processo crim, ouvia missa todos os domingos como um bom católico e a trajava bem como qualquer politeia. Era confiante de todas as corporações religiosas, não dispensava os enterros, conseguindo desta sorte, estender cada vez mais as suas relações pelos grandes da terra.

Era um homem de bem, dizia-se nas rodas politicas, repetia-se nas repartições publicas, e confirmava-se nas portas das boticas.

A seguir.

Flavio de Assis.

CURSO DE PHILOSOPHIA

Introdução

Lição 1.ª

SUMARIO.—Origens da philosophia.—Kosmogonias religiosas.—A Philo-sophia evoluída com as formas religiosas.—Philosophia christã.—Sua evoluída attinge assim as theologias.

I

(Continuação do n. 5.)

Após a divinisacão de todos os objectos que lhe cabiam debaixo da percepção, divinisacão vaga, profundamente anthropomorphica, apresentou-se ao homem como o mais singular e mais difficil dos problemas—o da fecundação, o da procreação universal. Os povos pastores, mais em contacto com os animaes domesticados, fazendo coexistir toda a sua riqueza na reprodução d'estes, foram os que synthetizaram mais clara e definitivamente a questão d'ela

uma outra divinisacão—a dos orgãos da geração, considerados como a representação concreta do poder fecundante universal. Este elemento trouxe ao pantheon rudimentar a triade classica, origem de todas as trindades de todos os credos religiosos. Além do poder occulto, parcial, atraz de cada objecto particular, concedem-se uma força existente em tudo, poder de producção, de conservação, de transformação, *alma pareça* de toda a existencia, primeira tentativa do syncretismo do espirito humano, tendencia de unificação da pluralidade dos phenomenos, unidade impessoal dentro da qual cabiam todas as unidades concretas.

A forma rudimentar da familia, a polyandria, dando á mulher a categoria de força reproductora da horda barbara, substituindo o matriarchado como poder supremo biológico do aggregado social, fed-se então como personalidade mythica do pantheon que se construia. Todo foi comparado á mulher; a terra em que o homem vivia, passou a ser considerada como se mulher fosse, uma virgem do que se abria eternamente o seio para a fazer mãe, uma mãe que ficava sempre virgem, não obstante a reprodução, não obstante o que lhe brotava do seio. Mas este mytho foi a princípio vagamente esboçado, sem a precisão dos outros. Só quando a familia atravessou as phases da polygamia o da monogamia, é que perdeu o nebuloso da sua origem. A theologia vedica dos povos agricultores da India fel-o entrar numa triade especial, a representativa da familia divina: Pourousha (o macho, o pai); Nari (a femer, a mãe); Viedji (a mãe, o filho). A associação dos tres mythos prova a realidade d'uma forma estável da familia humana. E' necessario chegar a esta phase para comprehender uma outra parte do pantheon primitivo—o culto dos antepassados, só possível numa communidade em que a familia se acha regularmente organizada, de forma a poderem os filhos estabelecer a sua filiação natural, propiciando a memoria dos seus progenitores. Os sentimentos familiares só se nomebaram depois

de uma longa evolução das formas de cohabitacão do homem com a mulher, só podem proceder de uma familia estável, cujos laços não estão mais a mercê do erradismo dos povos nomades.

Do que precede conclue-se que a systematisacão religiosa foi um facto subalterno da systematisacão social, a idéa de unificação da parte apreciavel dos phenomenos kosmicos só surgiu depois da da unificação da parte da especie: o anthropomorphismo das concepções humanas assim o exige, a ordem nos phenomenos exteriores, objectivos, pressupõe a ordem nos phenomenos internos, subjectivos, unidade da percepção depois da unidade das forças perceptivas. A systematisacão do intellecto humano, systematisacão toda emocional, era a categoria indispensavel para a systematisacão do mundo objectivo. O homem viu no universo, como diz Kapila, o que via em si, fez do seu eu o espelho do kosmos, como modernamente o affirmou Schopenhauer.

Mas o que era o intellecto emocional do homem? Pensar, sentir, foram para elle associar palavras, e a palavra representativa da associação intellectual e emocional, passou a ter uma vida em si, vida mysteriosa, vida a addicionar mythos aos mythos já existant's. Toda lingua passou a ser como que o desdobramento de uma forma religiosa, como a representação vaga de um credo particular; e a prova temo-la na diversidade de idiomas que correspondem originariamente a formas determinadas de culto. O naturismo polytheico dos Helenos só se concebo com a lingua dos Helenos; o catholicismo da Europa latina só se comprehende com a lingua ritual latina. A Biblia em lingua vulgar—eis toda a origem do Protestantismo.

Mas a palavra é um simbolo, e todo simbolo se desloca no tempo; varivel a palavra, variavel o mytho; d'ahi a difficuldade de reconstituir os mythos primitivos. Elles evoluíram com a palavra, com ella se transformaram, e assim se mudaram as formas das religiões.

(A seguir)

M. de Bulhões e R.

Meu culto.

Não creio em deuses vãos do velho Pagãoismo,
Nem adoro Jehovah—khimerica entidade,
Que o mundo venerou nas trevas de outra idade,
E a rigida sciencia atirou no ostracismo.

Não mais sigo o banal e vão Catholicismo,
Que outr'ora alimentou a minha mocidade,
E nem por isso vivo immerso em soledade,
E lanço-me perdido em cruel scepticismo.

Não! Creio, tenho fé! — Um culto sacrosanto
Minha alma embevecida eleva a um vulto santo
De mulher—vulto raro em que a belleza luz.—

Não é sonho ou visão de um cerebro em loucura,
E' virgem seductora, excelsa formosura,
Mais casta e divina! que o próprio Deus-Jesus!

Oscar d'Alva.

Bois de Novembro.

Desfila a multidão em busca da morada
Silenciosa e triste onde a saudade chora, . .
Aqui—a pobre mãe lamenta allucinada
O fructo do seu ventre—o filho a quem adora.

Alli—a triste filha em lagrimas banhada
Procura amenisar a febre que a devora;
Alem —o esposo corre, a fronte transformada,
Ao tumulo d'aquella a quem amara outr'ora.

E em cada um coração resurge a chaga immensa,
—A chaga que nos leva ao abysmo da descrença
Aos mares da afflicção, da dor e da saudade.

O mundo é sempre o mesmo:—o drama da illusão!
A vida que se gosa—é mera convenção,
E a morte unicamente—a pura realidade!

Silva Braga.

Flôres do palco.

I

PEPITA ANGLADA

Quando ella os braços, em feitiços, alça
Em forma de arco se mexendo toda
N'uma alegria franca, nada falsa,
Em risadas e pulos, semi-douça;

Ou mais ainda quando, nos sons da walsa,
Ella ergue as saias como exige a moda
Para mostrar a rendilhada calça
Que sob a renda as coxas lhe accomoda;

Tremante de voluptua todo o poço,
Que assim a vê, obriga-a ali de novo
A cantar e a dançar de novo a obriga

E ella accoda, . . . n, em maior desenvoltura,
Redolera de furor mostrando a altura
Onde nas coxas ella aperta a ligã!

L. Nuctes de Carvalho.

Confidanza.

Amo-te e cego ao teu olhar, querida,
Surto á tua doce voz apaixonada,
Não sei fazer-te a narração magoada
Do longo amor que me entristece a vida.

E' que junto de ti sinto abalada
A minha fé e sinto enfraquecida
A minha voz, convulsa e estremecida
Toda minha alma de soffrer cansada.

Ah! não posso dizer-te que te adoro
E quando volto á cas' arrependido
De o não ter feito, me lamento e choro.

Só nos meus versos animado exclamo:
Outro te ame talvez como um perdido
E esse não te amará como eu te amo.

Walter Broadbent.

Rosita.

Quem a beijar teu rosto La que se afoite,
Que destempra, se ri—punge se chora,
Banhado do clarão da dupla aurora
Qu' é sol, si é dia, qu' é luar, si é noite?

Sorver o mel da polpa de teu labio,
Macio como petalas de rosa?
Só eu! Em te fazer assim formosa
Como foi justo, como Deus foi sabio!

Tudo que vem de ti seduz, encanta!
Si a voz desprendes n'um sorriso, canta
Tu'alma, o coração, todo o teu ser!

D'estas não sei qual a maior ventura:
—Si viver lá na calica planura,
Si no teu seio languido morrer.

M. Rock.

Na kermesse.

Eu quero e tento, muita vez senhora,
Dizer-lhe, a meu pezar, todo o segredo
Dessa louca paixão que me devora,
Que me causa prazer, me causa medo!...

Enquanto lhe pareça, muito embora,
Que esta paixão cruel seja um brinquedo,
Eu não posso dizer, por quanto agora
Me falta o tempo e por demais é cedo!...

E agora que vos vejo radiante
A morder esse leque que, tratando,
Oscula vossa bocca, bôr querida,

Eu guardo avoro com prazer no peito
—Toda a illusão febril e satisfeito
Dessa illusão, que mata o me dá vida,

Hydenoughim.

PHILOMATHIA

Revista artistica, scientifica e philosophica

Impavidi progrediamur.
Hoc est

Redactor-Chefe - Manoel de Bêthencourt

Redactor-Gerente—A. dos Reis Carvalho

Redactor-Secretario—J. Xavier de Carvalho.

REDACTORES—F. MARINHO ARANHA E H. MATTOS.

Quarta-feira, 15 de Janeiro de 1896

EXPEDIENTE

A PHLOMATHIA publica-se duas vezes por mês. A redacção só se considera solidária quanto aos conceitos externados em produções não assignadas ou nas que o forem collectivamente.

Assignments

Părea a câștigat

Primestre... 38000

Semestre...	18000
-------------	-------

Para o interior e Estados

Trimestre .. 25 00

Semestre: 75000

PAGAMENTO ADIANTADO

A "Philomathia" na
Europe.

Com prazer transcrevemos a notícia acima que muito nos honrara, e na qual a *Mata da Europa*, importante periódico quinzenal dirigido pelo eminente estadista e diplomata nro. profa. Thomas Ribeiro, se refere a nossa revista em phrases muito animadoras.

Elle a uniola que se lê um o n. 35 de 18 de novembro p. p.: «*Philomathia*—revista anti-ica, científica e philosophica, do Maranhão.

Raccoltore: L. n. numero 10.
« bella rivista diretta per
Manlio de Bellomonte, e redi-

gida por E. Marinho Aranha, I. Xavier de Carvalho (secretário) A. dos Reis Carvalho, A. Lobo e H. Mattos.

Bom papel, boa impressão e
excellentemente collaborada.

Estas duas revistas (*Philomathia* e *Revista Contemporanea*, do Recife) mantêm com abono a continuação do brilhante movimento litterario do norte do Brazil.

PHILOMATHIA

SUMMARIO.—Uns dias, *Mario de Azevedo*—Relações da Physica com outras sciencias, *A. dos Reis Carvalho*—*Helena, Oscar d'Alva*—Um romance, *Flavio de Assis*—Curso de Philosophia, *M. de Balthazar*—Atracção e repulsão, *Walter Broudbent*—Après le départ, *Oscar d'Alva*—A tres vãos, *Flavio Guerra*.

UNS DIAS...

Substituto de Luíz de Alencar, estou condenado à fatalidade da crônica. O meu amigo Luís conseguiu extrair-se da tarefa, dizendo-me a um tempo que não podia às custas da vida, mas poder por esta vez satisfazer seu comprometido Vespertino, que se achava (pudicamente) entregue a um trabalho transcendentalíssimo — a autopsia literária de *Os Sertões*. Como da *Historiinha da Literatura Brasileira* eu não sou responsável, e portanto, brevemente, *revista*! Mas, agora, que estou disposto a cumprir de um novo poema — A rege-

reição de D. Juan.—Todos esses trabalhos juntos ás suas occupações da vida pratica, disse-me elle, não lhe permittiam dispensar um minuto sequer para a elaboração de nossa revista quinzenal. Assim fui eu designado para rabiscar o papel em que Luiz escrevia; elle que me desculpe e accuse a si mesmo si não lhe agrada a minha prosa, prosa de quem começa a enveredar na jornada das leitras tropeçando a cada passo nas asperezas do caminho.

E exordiendo assim principio
o meu retrayado.

Os primeiros quinze dias de janeiro, que foram também os primeiros do anno que corre, si não fornecem ao chronista assumpto favoravel a boas divagações, não o deixam tambem entregue a si mesmo, sem congerir alguma a traçar—na contemplação estúpida do nada. As tradicionais festas dos Annos Bons e Reis—vestigiosappareantes de uma crença que se foi—e a nam de alguma sorte no animo, do que escreve e deixa-lhe vagas para uma digressão qualquer, tanto mais quando houve este anno es festejos publicos do Largo do Quartel, festejos que a par da sua influencia edificativa, como destinados pela sua kermeesse á reconstrução da cidade de N. S. dos Remedios, contribuíram tambem para fornecer uns momentos de prazer aos que lá concorriam. E com um gosto muito desses festos vem a nos lembrar das suas reminiscencias, porque realmente muitos d'elles são mais amáveis lembranças. Não posso o better

que lá fui victima de algum acesso de paixão ephemera de que, ás vezes, confesso o meu peccado, sou accommettido, não; felizmente, ha muito tempo, quero dizer, ha muitos dias, não soffro as fataes consequências d'essa enfermidade; mas uma boa prosa que lá tive, e um bom bo'o (perdoem-me esta nota gastronomic) de que suboresei uma fatia, uma só porque mais não me offereceram, são duas cousas que me farão guardar eterna recordação da festa, *sai-dizante* religiosa. E a prosa e o bolo foram preciosos alimentos para mim: a prosa—fortaleceu-me o espirito, e o bolo—deu-me forças ao organismo fatigado de perambular sem destino pelo largo semi-illuminado. Mas que bolo e que prosa! dirá o leitor admirado. E eu dir-lhe-ei um bolo que na gema popular se chama de *poire*, quando é muito são, um bolo commum mas com um sabor especial que só pode sentir quem sente fome; e uma prosa, variada, amena, como costuma ser sempre aquella que é alimentada pela *verve* elegante e fluente de uma pessoa que eu conheço, uma pessoa de fino trato, e cujo unico defeito é sua maior virtude—tem uma sympathia especial pelo verbo fallar.

E esta prosa saturada ainda com o phlegma de galante de duas gentis *prudentes*, matizado ás vezes de uns vocabulos italianos a darem um accento musical á conversação, se entretinha alegre, jovial, risosha num pedaço do largo meio occulto na penumbra de um luar lago, ao cicciar fresco da brisa nocturna, numa atmosphera poeticamente rosea como a da gruta de Vênus no drama wagneriano, e devezem quando era entrecortada pela palavra grave do Nello Koelia a discretisar sobre a ultima conferencia do Guilherme Dias e vibrar contra a poesia uns anathomas de quem a julga uma utopia, e a sciencia uma realidade; illusão do amigo que bem sabe que a utopia participa tanto da arte como da sciencia ou melhor que a sciencia necessita tanto da utopia como a arte: um labio de rubi, uma face de alabastra amarilheada estheticos tão utopicos como o ponto geomettico, a molecula physica

ou o atomo khimico. Mas o meu amigo que não gosta de poesia, confundo já lhe tem hoje mais affeição que outrora, e espero vel-o breve a explodir em versos a paixão que lhe vai á alma.

E alongando-me sobre as reminiscencias da festa fa-me esquecendo do que interessa propriamente a nossa Revista.

Enquanto entre nós uns pretendidos criticos envidam seus esforços para desconceituarem o nosso periodico, e elle recebido do modo mais lisongeiro por toda a imprensa do paiz e até pelo estrangeiro. Na secção do expediente publicamos a proposta opinião abalizada da revista *Mato da Europa*, dirigida pelo illustrado publicista Thomaz Ribeiro, e aqui consigo afoda o que a mesma publicação diz a respeito do trabalho de um collogado redacção, o redactor-chefe da Philomathia, que sob o modesto e antithetico pseudo de Placido Guerra escreveu as paginas magistraes do *Vestido de noivado*.

«O *Vestido de noivado*, diz o notavel periodico, é um encantador conto, escripto por Placido Guerra, n'um estylo primoroso, tão gracioso na sua fectura como delicado na concepção.

«Chega-se a ler pena que elle seja tão curto, 16 paginas apenas.»

Esta opinião imparcial e autorizada do jornal europeu deve orgulhar o collega que aqui no Maranhão ainda não teve a recompensa dos talentos encyclopedicos que o distinguem e que na Europa por um simples conto, escripto, como quasi todos as suas produções ao correr da penna e entre baforadas de fumo, mereceu as encomiafticas phrases que citei. Folgamos os redactores da «Philomathia» com o nosso Placido e nos orgulhamos de termol-o a frente do nosso jornal, e quanto a mim sinto unicamente divergir do amigo nos ideaes philosophicos, que são a differenciação para elle e a unidade para mim, a irrelição para um e a religião para outro.

Já manuseei umas duzentas linhas e creio que com ellas figurarei o meu paciente leitor; é preciso tortinar, e é isto que está a difficuldade achar o fim,

do que se principia. Dizem que a questão é principiar, e eu digo que a questão é terminar; todo o principio é facil, ameno, infantil, como a vida no nascer, o fim ao contrario é difficil, doloroso, senil, como a vida no seu termino; principio é o riso, a alegria; o prazer o fim é a lagrima, a tristeza e a dor; o principio é Socrates pregando a moral a seus discipulos, o fim é Socrates bebendo a cicuto; o principio é Khristo, entre os doutores, interpretando a lei, ou beijando as criancinhas ao som mollihuo do *sinito parvulos venire ad me*, o fim é Khristo agouado e pregado na cruz soluçando as angustias do *consummatum est*; o principio é a vida e o fim é a morte.

E já que neste lyrismo cheguei até a morte, não-lhe a foice e mato esta khronica.

Mario de Azevedo.

RELAÇÕES DA PHYSICA

COM OUTRAS SCIENCIAS

(Capitulo de um livro inédito.)

I

(Continuado do nº 6)

Retomando o a synopse de que nos afastamos para abressões que nos pareceram úteis e necessarias, continuemos a tratar das relações da Physica com as sciencias subsequentes da escala encyclopedica: Biologia, Sociologia e Moral.

A Physica se ligu á Biologia quer directamnte, quer indirectamente por meio da Khimica.

As relações directas se manifestam brilhantemente tanto na consideração dos *animas* como no estudo dos *organismos*.

Sabemos que o phenomeno vital está em commexão intima com as condições physicas do meio onde se reproduz a vida e uma funcção do meio; do modo que a qualquer modificação mesologica corresponde uma alteração organica. Ora o estudo daquellas condições physicas, o conhecimento do mundo inorganico, e da dos *corpos vivos*, constitue a Physica, quer geral, quer especial ou Khimica, dando se comencia a Antropologia

lidade dos conhecimentos d'aquella sciencia para o estudo e conhecimento das leis gerais da existencia vital, vegetação animal.

Desenvolvamos com alguns exemplos esta dependencia do organismo com o meio, esta equação vital, si nos permitem a expressão.

Para isso lancemos um olhar rapido sobre o conjunto dos seres vivos que habitam o planeta humano, e vejamos as variações que se notam quanto ao meio em que se produzem.

Estamos em plena zona torrida, isto é, nesta parte do globo em que o sol dardeja com maxima intensidade seus fecundantes raios. Ah! vemos os reinos vivos da natureza, os organismos, atingiram toda sua vitalidade, nesse meio em que as propriedades materiaes do planeta fornecem um solo apropriado para uma flora maravilhosa e uma fauna surpreendente.

As palmeiras abrem ao ceo seus decantados beques; o eucalyptus verdeja; o baobab afita no espaço seu vulto gigante de rei das florestas; a baunilha perfuma com seu delicado aroma; as laranjeiras e os limoeiros erguem a cada passo suas copadas arvores, donde pendem as esmeraldas dos fructos quando verdes ou as gemmas de topazio na aurea epocla da maturação; enfim maravilhas de vegetabilidade nascem, se desenvolvem, vivem, fructificam e se transformam em constante evolução do semente a embrião, de embrião a cotyledoneo, de cotyledoneo a planta, no seio calidissimas regiões equatorias, sob o fogo asphyxiante dos ardores calcinacões, das chuvas copiosas de invernos rigorosos e dos ventos tempestuosos brotados das calmarias ardentes do equador.

Poucos nos polos, essas mundos gelados que cupulam os extremos do Planeta. Ah! não mais a vegetação forte luxuriante e rica; musgos e lichens são os seres que pallidam nesses paizes do frio.

A um novo meio, novos organismos: si o equador tem o baobab e o pólo só poderia ter o lichens; si um é o filho do calor, o outro é o habitante do gelo.

Entre esses meios extremos ha uma continua graduação en-

tre o baobab e o lichens, ha o carvalho e o olmeiro, a oliveira e a vinha. Entre o meio torrido das zonas equatorias e o frio do calottes polares ha o temperado dos tropicos—termo medio entre os ardores equatorias e o frio tantalizador das terras polares—dahi a variação dos organismos; não têm o aspecto gigantesco, as propriedades energicas e uteis da flora equatorial, mas também não descem ao tipo rasteiro dos musgos e dos cogumellos vicejando nos blocos gelados do pólo.

Si deixarmos a flora e passarmos á contemplação da fauna, similhante espectáculo se repetirá.

No Equador os mamíferos collossaes de talho, de força e de belleza—o leão, o tigre, o chacal; as grandes aves, como o albatroz, o casoar, o abestruz, a aguiá e o condor; os bellos passaros, como os colibris, os pavões, os frisoes.

Na zona temperada os animais domesticos, como o cão, o gato, o carneiro, e um ou outro mamífero—o arso e o lobo; aves relativamente pequenas—os abutres; reptis de pequeno talhe principalmente ophidios.

Nas regiões frias e propriamente nas zonas polares—as martas zibelinas, os arminhos, os castores, e apenas como grandes mamíferos individuos da ordem dos cetaceos como as baleias e os golfinhos.

Quanto ao homem a variação não é menos notavel; e assim é que vemos o individuo humano formar uma verdadeira esala anthropologica talvez analoga á serie geral zoologica, abrangendo todos os typos desde o branco puro, caucasiano, até o negro da Nubia, desde o gigante da Hottentotia até o pygmeu da Fintlandia, desde o Cafre ao Esquimão; e esta variação, e esta graduação dos seres humanos corresponde justamente á graduação dos meios onde realisam sua existencia. O Hottentote, por exemplo é o filho dos sertões d'Africa, onde a canícula vibra seus raios de fogo, e o esquimão sopra a sua tempestuosa trompa. O Esquimão, habitante do norte da Europa, é filho dos torrenes gelados do septentrão onde em vez do si-

mon abrasador ha o boreas feigidissimo, e dos ardores equatorias os gelos das regiões quasi polares.

Nos polos propriamente ditos a vida humana deixa de existir, e a simples animalidade não se manifesta inteiramente nos ultimos extremos das terras polares.

A vida animal como a vegetal vai diminuindo do equador aos polos e augmentando dos polos ao equador, de modo que a cada secção geographica do Planeta corresponde um systema de organismos; a cada meio physico, um grupo de seres vivos.

(A seguir.)

A. dos REIS CARVALHO.

Helena.

Com a palheta aurea do verso,
Com o pincel nobre da penna,
Vou pintar-te, bella Helena,
A luz astral do Universo.

Eu sei que meu verso é frio,
Que não tem primores d'arte;
Eu sei que para cantar-te
Meu estro é fraco e sombrio.

Mas sobre a forma vasia
Ha sentimento sublime,
Que minha falta redime,
Que me desculpa a ousadia.

E' o amor, a flôr olente
Que viceja no meu peito,
Me embriaga satisfeito
Com seu nectar rescedente.

E' o amor que te consagro,
Tão ardente como a fome
Que no deserto consome
Um forte e sedento onagro.

Perdôa, pois, ó sultana,
Sultana de casto harem,
Vou decantar-te, cecém,
Como os hebreus a Suzana.

Tens cabellos são de treva
Mas treva feita de luz;
Joia negra que reluz
No branco beito do Nova.

Tua face de alabastro
E' um poema de frescura,
E' um lyrio de candura
Que desabrocha de teu astro.

Tens olhos negros, lascivos,
São mysteriosos abismos;
Fulguram magnificence
Que fazem de mortos, vivos.

Lagos de paixão mordente,
Onde o amor cresce e palpita;
Dous vulgões onde crepita
Do desejo a chamma ardente.

Os supercilios faceiros
São meios discos da lua,
Quando occulta a face nua
Em eclipses passageiros.

Os cilios ricos, espessos,
São franjas de seda pura;
São doces da formosura
Desses teus olhos travessos.

Tua bocca—amphora viva—
É a taça dos meus desejos,
Onde eu sorvera mil beijos
Com todo o ardor de um khodiva.

Teus labios são rubras flores,
Que desbrocham capitosas;
Têm a belle-côr das rosas
E dos lyrios os phlores.

São rubis vivos, lencinios,
Onde a luxúria se agita
Pedacos do rubens lila
Que orlam a teus brancos dentes.

Teus labios de rosea carne
Mel de volúpias distillam,
Que embriagam, que antiquillam
Como os licôres do Marne.

Os arcos da dentadura
São collares de marfim;
Têm o lustro do setim,
Do setim de Mirzapura.

Ten collo tumido, arfante,
É como um lago de leite,
Onde se agita o deleite
Do gozo luxuriante.

Teus seios são como pérolas
Onde o rubi se engastasse;
Pomos de gozo vivace
Com pingos de cores cerulas.

As mãos são folhas de mica
Com as refulgencias do laça;
Lembram as sedas de Dakka
E as gemmas do Costa-Rica.

Têm as petulancias da onda,
Quando se movem frementes;
São diamantes fulgentes
Lá das minas de Galeonda.

Teus dedos finos, delgados,
São raios brancos da luz,
Que partindo da mão tua
Vêm beilhar sobre os teclados.

As unhas—mimosas cellulas—
São laminas de rubi

Com o frescor do colliri
E o resplendor das libellulas.

Ten busto nobre e severo
Lembra um typo de princeza;
É's adensa da belleza:
Nova Helena sem Homero.

No carcere dos pantufos
Teus pés são rolas fagueiras,
Que querem voar ligeiras
Ao som das azas dos rufos.

Tua voz é uma sonata
De guarnitas harmonicas;
Tem as elegancias das rosas
E as fulgurancias da prata.

Tuas palavras são poemas,
Poemas de grande aprego;
Porcos de caro preço
De um rico collar de gemmas.

Ten gesto que o corpo esmalta
Em attitudes divinas,
Faz lembrar as bailarinas
Dansando á luz da ribalta.

O velludo da epiderme
Tem toda a alvura do linho,
Todo o macio do arminho,
Do arminho de branca derma.

Esse teu vulto-senhora,
Me attrahe, me eleva, arrebatã,
Como a lyrica volata
De uma celebre cantora.

Mulher de encantos vestida,
Tua alma é feita de luz,
Teu corpo, fulgo, seduz;
—É's amor, és gozo, és vida!

Oscar d'Alva,

Um romance.

(Continuado do n. 6.)

IV

Era uma noite de festa na casa do senhor ~~Leandro Pinto de Souza~~. Poucos o conheciam quando se lhe tratava pelos tres nomes, ao contrario quando só se chamava o ~~Souzinha~~; então saltava logo a pessoa do illustre negociante baixo, rotundo, a se emportigar todo quando falava.

Elle fazia annos. A familia do ~~Florencio de Mello~~ apesar de ser uma das primeiras convidadas foi a ultima que compareceu. Chegavam uma, chegavam outros e elles não vinham, dan-

do isso bastante cuidado no dono da festa.

—Nada! dizia elle impaciente voltando da janella, só parece que não querem vir. Se demorarem mais um instante eu mesmo irei buscá-los. Quem sabe suppoem que isto é um baile? Talvez; mas não ha razão desdo que convidei-os para uma modesta reunião de amigos.

Estava nesta conjectura quando ouviu ruído de passos na escada. Era o ~~Senr. Fernando Freitas~~, o socio, que vinha com seu rebanho de mulher e filhos.

Na sala quasi vazia, sem outros moveis alem de algumas cadeiras, muito poucas, que a guardeciam, conversava o ~~Antonio~~, um excellentes guarda-livros da Prata Grande.

—É o que te digo, meu caro, não ha balles tão bons para mim como os do Beco Escuro. Gosto muito.

—Nunca fui, respondem o ~~Nuca~~.

—Tens perdido. Lá a couza é outra, não ha cerimonia, não ha luxo, não ha etiqueta; tudo a vontade! Vai e verás.

—Creio. Mas não ha poesia.

Ora poesia! Tu sabes que é poesia?...

A conversa foi interrompida por uns rapazes de physionomia alegre que se aproximaram cortejando-os com affabilidade. Depois desse cumprimento ficaram calados, como que mudos, distancando a vista pela sala, sacudindo de quando em vez a cadeia do relógio, olhando um para o outro com a expressão de quem alguma coisa quer dizer mas não tem consciencia de que o assumpto agrada. Ali estavam como verdadeiros automaticos a ressemblerem extractos.

O ~~Souzinha~~ torçando a janella, voltou exclamando:

—Até que afinal! eis-os que vem.

—Quem? perguntou o ~~Freitas~~.

O ~~Senr. Florencio de Mello~~.

—O Coronel?

—Sim. Elle com a familia.

A orquestra já tinha começado a attuar seus instrumentos quando D. ~~Luiz~~, apoiada nos braços do ~~Florencio~~, subia a escada do ~~salão grande de baile~~ attualdo á rua da Estrella.

Esta rua, como sempre, estava abafada no silencio algido da noite; não se ouvia rumor algum que desse signal de vida. Parecia que o cholera tinha desvastado os moradores d'aquella baizeria. O sobrado, apesar de ser um dos mais altos, nem ao menos podia derramar luz de suas janellas para lavar a tristeza munda que alli imperava. D. Bazília, caudando seu vestido de seda preta sobre a lage ainda morna da calçada, lembrou-se do sonho que tivera, lembrou-se porque ouvira de longe o som metálico dos instrumentos que, como um grito de alarma ferindo a solidão, lhe exaltavam as emoções do coração. Seguiu grave, com passos de duquesa, meditando silenciosamente nesse cubo embriagante que tanto lhe fascinava o espirito. Entrou finalmente no corredor da casa, grande, amplo, lido, lido de moços. Surprehendeu-lhe não encontrar a luxu principesco d'aquella casa que vira em sonho; faltavam os criados de libré, os carros, a multidão para vel-a entrar tão bem vestida, rica como bem poucas. Miron-se vaidosa e, sacudindo levemente o braço, deixou escoregar mais um pouco por sobre o colchete da lona branca o bracelete de ouro engastado de brilhante para que saltasse logo a vista. Subiu a escada, satisfeita ainda, esperando ver alguma d'aquellas cousas que vira sonhando.

Florencio de Mello é que sentia-se mal, metido n'uma sobrecasaca nova, de panno fino, calças a balão, largas como se usavam, e a indispensavel cadeia de relógio, pesada e grossa com um metallico da unia. Como elle, aborrendo, contrafeito vinha também dividido por n'ão lhe teriam consentido flear em casa. Álvaro estava satisfeito, Bulce ainda mais. De pé, no fim da escada, o Souzainha esperava-os esvagueadamente com ditos, graciosos que Florencio respondia sorrindo, gahitando tambem. D. Dica, D. Maroca, esposa e irmã do Souzainha vieram recebê-los igualmente satisfeitos, trocando espirto. Justificada a causa da demora, mal comprehendida entre abraços e beijos, foram todas para a mesma sala illuminada

noite não dera; sala grande, larga, onde outras moças sentadas em volta esperavam, agitando vagarosamente o leque, que principiava a quadrilha já annunciada.

Rompen a musica. Cruzaram as salas os cavalheiros, cada um procurando seu par.

Ha nessas reuniões certo grupo que constitue, por assim dizer, uma familia de dançadores—homens e mulheres. Não ha por isso quem os deixe de conhecer, são infalliveis em toda a parte.

Em opposição ás carpideiras que pagas choram, solição por qualquer individuo, estão os que por qualquer convite vão dançar sempre alegres e sorridentes.

Na casa do Souzainha havia dessa boa gente, porque outros convidados podiam faltar e estes não certos: pares contados.

Lá, porém, havia um rosto nunca visto e por isso mesmo admirado de todos com a mais insistente curiosidade; era o de Bulce.

—Vês, perguntava um dos que enclum a porta da sala, aquella moça que ali está? E' bella como uma santa!

—Vejo. Quem é?

—Não sei, só te garanto que será meu par da noite inteira.

—Depende della. Um sacrificio não se repete, respondeu gracejando um moço da pouca idade, alvo, franzino, lugubre ruivo que a olhava sem discrepar a attenção.

Bulce estava redimido bella, deslumbrante com seu vestido de *nuesselin* branca um pouco de todo acenando o contorno do seu, braços meio nus, roll pes, sombreiros de uma panguetinha sedosa, braços largos, cheios, cabellos negros, como um pedaço da noite, atirados à cintura numa trança farta. Era a treva se fazendo luz; a aurora que surgia. Parecia mesmo a alma da criança que despertava da escuridão infantil para se aquecer ao sol da adolescência, sol que alenta e esmalta as illusões da vida.

Na varanda Florencio, Souzainha e Freitas conversavam, dirigindo de vez em quando grandes às moças que passavam por elles: galanteavam. A conversa depois de variar sobre di-

versos assumptos veio a tona a magna questão dos escravos.

—Eu acho, Senr. Freitas, disse o Souzainha, que a indemnização são favas contadas; ella vem tão certo como estarmos nós aqui...

—E Deus no céu, atalhou Florencio, baforejando uma fumaca do seu havana.

—Hom'essa! exclamou em tom de móia o Senr. Freitas, repellido-se a commoda na cadeira de vime. Pois ainda acreditão um semelhante absurdo! E' lá crível que tal cousa possa triumphar entre nós, brasileiros altamente generosos, essencialmente democratas? Não creio.

—E porque não cre' Senr. Freitas? replicou Florencio.

—Está explicado; pelo nosso estímulo, pela nossa raça; o escravo é nosso irmão...

—Irmão! Nosso irmão! murmurou Florencio irritado.

—Sim, nosso irmão... nosso irmão, E depois, Senr. Coronel, o escravo que foi um commercio vil, humilde, commercio em que o homem se trocava por dinheiro ou por meras saccas de algodão, deu lucros bem razoáveis ao seu Senhor, accumulou bons juços, augmentou grande capital. Que mais querem?

—Capital que foi roubado! capital que era garantido! capital que não se paga!

A conversa já bastante calorosa atirava alguma pessoas que por sua vez discutiam pro e contra.

O Souzainha a quem a conversação pô em que estava pouco ou agudando convidou-as ao voltarete, Arceito.

Havia terminada a quadrilha na meia de um susurro brando, uma tonda de alegria, e começavam os pares, mas enclugando o suor que perjava da testa, nudes, lambros, hesitantes a procura de um assumpto sem já mais encontrá-lo, outros, ao contrario, discretando abaixo e acima como bafeados pela anne. Percevia-se toda aquella gente, egr no uma após outros, rodavam as salas, voltavam à varanda, recovelavam-se nas portas, atravessavam o corredor, quieto, malta percorriam todas as aposentos franquados nessa noite e alguns dos

mais íntimos, a pretexto qualquer, até à cozinha.

O mais entusiasta dentro todos era o Antonio, caixeiro de compra e venda, typo estabelecido, ignorante—mago divertido,—como o chamava D. Mariquinha e que por isso mesmo o Souzinha o aclamara mestre-sala, isto é, incumbira de animar a festa, dizer graças às moças que geralmente o apreciavam, riam-se, gostavam de vê-lo; era impagável, muito interessante. D. Sinhá, ora com uma amiga, ora com outra, rindo-se, mostrando sempre a alvura de seus dentes, não se faltava em admirar-o: Seu Chico é o diabo; é levado da breca! Fiz a gente rir.

A pedida rompeu logo depois uma valsa que era as delícias dos bailes; chamava-se *Settas de Cupido*.

—Oh! exclamaram na varanda e na sala, por toda parte, ouvindo as primeiras phrases da musica. Poucos ficaram sentados. Dentre os pares que voluteavam o que mais sobresaltava era aquelle em que Dulce fulgurava, sensualmente bella, formosa como um colibri a voar nessa atmosphera de perfume e luz, perfume que se evolvava dos lenços, luz que se emergia das candelabros. Assim bem junta, bem unida ao seu par que respirava o mesmo ar tremulo e cançado que o della, sentindo o calor tepido de sua mão polposa, Dulce, o colibri da esperança, dojava no gyro cetero da valsa sentar a doce flexibilidade das formas, adivinhar a plastica perfeição do corpo.

Trocavam a valsa e elle, o venturoso par de Dulce para quem fora tão curto aquelle momento, passava de brago com ella, passava, e só depois de alguns instantes ponde arvisar algumas palavras soltas, mal ouvidas que ella fitando-o, colhia com um sorriso amavel. Ella o seguia atenta, cobrindo-a repellido em tudo o para todos.

—E' linda, disse o Chico, vendo-a atravessar as salas estendendo-se por entre os flocos, entre as entreas que a olhavam de aquella, e com offeito muito galante a tal pequena.

—E' linda, sim, é muito gostosa, respondeu um anfitrião de

Direito, mas, coitada! nunca dançou na sua vida.

De facto, Dulce nunca havia dançado n'um salão como aquelle; era sua estréia. Muitas vezes ensaiou os primeiros passos coreographicos como a ave ensaia o primeiro vôo, porém a dança propriamente dita ella ignorava. Mas esta censura teria razão se a dança dos tempos hodiernos fosse a arte do gesto como a musica é a arte do ouvido; se conservasse a sua esthetica tão bem definida como a pintura e a poesia; então sim, Dulce não sabia dançar. A dança que entre os antigos caracterizava as diversas impressões moraes, qualquer commettimento da vida, e que tinha o seu lado útil como fosse o desenvolvimento dos músculos, hoje tem perdido todo o ideal artistico, perdida todas as formas do bello; a dança consiste no prazer que tem o homem de se ver nos braços da mulher e a mulher nos braços do homem. Ora, Dulce preenchia como nenhuma outra este ideal, logo sabia dançar.

Deu a orchestra prevenção de nova quadrilha. Ao tempo todos os pares enfileirados como um regimento esperavam attentos a voz do seu commando. Recrudescia o entusiasmo. Na alcova, atez da sala, dormiam estirados na cama duas vianças filhas do Freitas.

Devio recostado numa cadeira sentia não poder imital-as; ás vezes cabecinha, porém desportava logo. Alvaro percorria a casa, entrava e sahia por todas as portas e, pensava elle consigo, se conhecesse aquellas moças havia de dançar também.

Já era tarde, mais de meia noite. D. Bazília sentada num dos angulos da sala, estava amuada, pois desde que chegara, dalli mo sahira ella que esperava dançar tudo, vêr aquellas cousas que a seduziam tanto, ella, que queira dos quatro cantos era mais moça do que muitas moças, pallidas, rachiticas, foias, mal trajadas; ella que sabia fallar, era instruida, riam como bem parecia, ella que esperava ouvir a prosa eloquente de seus pares que viriam tirá-la para dar gosto a seu marido, era ella mesmo que até aquellas horas nada tinha visto, nada cheirado, nem que o

ao menos lhe apparecia para vê-la, arrancal-a daquelle supplicio. Antes não viesse, pensou ella, porque conservaria ainda a illusão dos sonhos que tive, das cousas que vi e que adoro tanto. D. Bazília chegou a invejar a felicidade de Dulce. Ah! meus 18 annos! exclamou consigo mesmo, como era linda? Dulce dizem que é o meu retrato, mas eu fui mais bella, era mais alta, tinha mais corpo! Se tivesse 18 annos, a cousa seria outra, não me fallaria pares, porém... sou velha, já tenho uma filha, ella que se diverte, é muito interessante.

Houve um pequeno intervalo: foi o da meia. As salas ficaram desertas, tristes por alguns momentos. O Souzinha tendo deixado o vultarote veio logo cheio de amabilidades ter com ella que apenas o olhou, olhar injetado de raiva, traduzio logo o desespero, o inferno de sua alma.

O Souzinha convidou-a para a mesa; a principio recusou, mas finalmente tendo D. Dião insistido, cegado, ella accoitou. Seguiu silenciosa, seria, com passos lentos, pezados, de quem não se levantava ha duas tres horas.

Florencio de Mello occupou a cabeceira, D. Bazília a direita, Freitas a esquerda, e mais... seguiu outros convidados.

O Chico e o Manuel enclayão do serviço da mesa enquanto o Souzinha e o Antonio arrumavam o buffet de fôrno, o pernil, e outros pratos dispostos a uma pequena mesa.

Levantados estes tomaram lugar os homens, só os homens; comeram a fartar, atulharam os bolsos de pastilhas e rebuçados de ovos, fizeram brindes e deram urrahs o Souzinha.

D. Bazília de volta ao mesmo lugar queixou-se de nevralgia e tornou logo terminantemente resolução de se retirar. Souzinha offereceu-lhe frascos amidos, heberagens, tudo que sahia, toda a botica da casa, mas nada ella accoitou—queria retirar-se, era o unico remedio.

Florencio de Mello, pálido como um caixão de doentes pela ausência de uma mulher, desceva a primeira quadrilha quando D. Bazília abscia a esada arrebatada, —enfartando o bife Alvaro conduzia ao braco a sua

tiñas, Ovidio lá triste, inciturno, lembrando-se da longa estrada aquellas horas, uma da madrugada. Dulce caminha-va silenciosa, fatigada, recordando-se de tudo que vira, dos galanteios que ouvira, dos homens que a tiveram nos braços: um delles era bem bonito; moreno, cabellos pretos, olhos grandes.

Seguio avidos de chegar a casa; o echo de seus passos morria abafado no silencio pesado que envolvia a natureza adormecida.

A noite estava fria. As estrelas palpitavam no azul como velando a grandeza do espaço.

O bailado Suzinha fora a primeira desillusao para D. Brazilia.

A seguir.

Flavio de Azeis.

Chromo.

Sempre junto da janella
Costura lindos vestidos
De retalhos de flanelle
Pra filhinha, guardando.

A cantar «Maria Bella»
Passa os dias entretidos,
Em quanto a pequena Estella
Dorme envolta nos tecidos...

Tem dez annos. Entretanto
Quando a filhinha em pranto
Desperta o influxo da sonnolencia,

E' um gosto vel-a, hemdita,
Aquella mãe tão afflicta
Amamentando a boneca.

H. Mallos.

CURSO DE PHILOSOPHIA

Introdução

Lição 1.ª

SUMARIO.—Origens da philosophia.—Kosmosismos religiosos.—A Psychologia evolutiva.—A Ethica naturalista.—A Psychologia intuitiva.—A Syncretismo intuitivo.—A Syncretismo intuitivo.

(Continuado do n.º 6.)

Concebe-se, dadas as premissas estabelecidas, que a systematisação sentimental foi um longo processo automorphico da organização ethica do eu humano. Philosophicamente nada existe fora do eu, mas o eu, antes de ser representação impessoal, é sentimental; o intellecto é um phenomeno superajuntado à personalidade humana, residuo do que a sensibilidade prepara e antecede ao que a volição determina. Fatalmente synthetico, o homem emocional, em face de phenomenos multiplos, syncretisou-os na unidade

apparente do fetiche; depois desdobrando a sua synthese, de instinctiva que fôra a principio, em consciente, percebidas as diferenças dos objectos aos quaes sotopunha o fetiche, procura conciliar n'um fetiche maior a pluralidade de fetiches com que prim'iro sonhara: do planeta em que vive vai até aos astros que do planeta observa, transportando para este as forças daquelles. Até alli, não faz a distincção do animado e do inanimado, quando o phenomeno da vida, pelo conhecimento dos phenomenos concretos da reprodução das especies vegetaes e animaes, o impressiona ao ponto de conceber que o universo é um grande todo animado, producto de um principio fecundante analogo ao que sente em si; mas, como a obra da reprodução paga um material apparentemente inanimado em que se exerce, concebe o principio fecundado ao lado do fecundante, ambos se desdobrando n'um sêr que brota da alliança dos dois. A organização da familia dá-lhe a concepção do desdobramento d'uma unidade primitiva na triade das forças de criação, conservação e transformação dos sêres.

Porém, se tudo procede de um principio fecundante, se tudo pode ser considerado resultante de forças occultas, terra, astros, céu, de realidade variavel são producto resultante dessa fecundação: dahi a hypothese da criação, a da alma do mundo, e a da finalidade d'este. O Universo é creado, conservado e transformado para fins determinados: o homem concebe-se automorphicamente como o primeiro sêr que vive no globo: passa a conceber-se como termo de finalidade do Universo. E' o primeiro objecto da conservação, e o primeiro da transformação. O Universo é um theatro onde representa o papel de protagonistas forças occultas, os deuses, ora lles são favoraveis, ora contrarios. A hypothese entre a conservação e a transformação é por elle determinada: transforma-se, mas quer conservar o seu eu; dahi a theoria da alma immortal e a passagem d'esta por todas as formas, da animalidade

As relações sociais do indivi-

duo para individuo nos primeiros aggregados humanos, a lenta evolução da organização da familia, criaram no homem a repotência constante de actos determinados, exigidos pela estrutura da horda e da familia: nasce a regra destes actos, o costume, a base da evolução moral. Fora desta regra tracada, todo acto foi considerado como nocivo, como tendente a perturbação da ordem social; por uma translação de idêa concebeu-se que a infracção do costume importava n'uma transgressão das leis conservadoras do Universo. Assim o problema religioso de explicação sentimental do Universo complica-se com o problema moral de explicação do homem ethico. Se o homem observava o costume, é fiel à regra estabelecida, obedece às forças superiores da conservação, tem o merito da sua obediencia, se transgride a regra, é impulsionado por forças de transformação. A conservação é o bem; a transformação o mal; o homem oscilla entre uma e outra conforme obedece ou deixa de obedecer à regra do costume. Em rigor não é responsável por seus actos, é instrumento cego de poder superior: dahi nasce a idêa da fatalidade, que se encontra em todas as religiões antigas, até no esboço naturalista do Hesiodo. Contudo, como a forma social exige para cada transgressão uma pena, apesar do problema do fatalismo, responsabilisa-se a alma do homem por tudo que faz de bem ou de mal. A theoria da transmigração das almas, da metempsychose, dá lugar à do premio ou do castigo: ambas nascem desta concepção. O attributo moral do homem é transportado para o poder que se concebe conservador do Universo e que passa a ser o juiz supremo dos actos humanos, o que julga em ultima instancia toda a transgressão do costume. A concepção anthropomorphica da divindade está completa: explica-se o Universo, a sua estrutura, pela estrutura do homem; o sentimento realista assim a primeira synthese subjectiva: a divindade que se desdobra atraz de todos os phenomenos é a amplificação ethica, moral do homem.

M. de R. (Continuado)

Atração e repulsão.

Não te evito,—procuro-te e estranho
 Si acaso chego a ver-te algumas vezes.
 Não sei que mal me veni e que revires
 De cada encontro desers que appeteco.

Sempre que a lei fatal a que obedeço
 De procurar-te culpro, sinto as fizes
 Do odio cruel e sinto que me prezes
 Tenho pezar de amar-te por tal preço.

Não sei comprehender o bem magoado
 De um grande amor que o odio não partilha
 E vive de ser bem recompensado.

Eu quizera sentir-me escarnecido,
 Luctar, vencer-te, e-te vencendo, filha,
 Cair-te aos pés exanime, vencido.

Walter Broadbent.

Après le départ.

Partiste, não ouviste a minha prece,
 Que importa!—Nunca mais hei de esquecer-te,
 E a cada instante, sempre hei de dizer-te
 Todo o amor que em minha alma resplandece.

E' certo que meu tanto desfalece,
 —Tão longe estás para que possa ver-te
 E a confissão de amor sempre fazer-te—
 Mas teu nome em meu peito não perece.

E enquanto entre folgedos tu gozares,
 Sem de mim nunca mais te recordares,
 Nem sequer por uma hora ou um momento,

Hei de guardar-te só no pensamento,
 Viverei da tua unica lembrança,
 Tu serás a minha ultima esperança.

Oscar d'Alcy.

AS TRES VAGAS

I

Ha tres vagas no mar: primeira, azul e alva,
 Volve-se do Nascente alem na branga clara;
 A's vezes toma, azul, no Sol a cor da matva
 Verdejante a florir no sol d'agua-amara.

Outra rola ao Poente: a cor incerta, rara,
 No cimo seu descora e frouxa a luz escava
 O dorso arredondado, a linha que não para
 E vai da noite ao dia, e vai da tarde a diva.

A terceira é menor, em meio rola as duas,
 E corre mais veloz, as aguas que são suas
 Não tem a cor, a luz, escapam fugitivas.

E quando frouxa baixa a vaga do Poente
 Cresce, grande se altia a vaga do Nascente
 E corre mais veloz a vaga d'aguas vivas.

II

Onde nascem primeira, a vagaz azul de renda
 Alvejando no Sol? Eu vejo branca e loira,
 Uma mulher alem, estalva que se doira
 Da luz no vago rio que a face lhe desvenda.

O branco, farto peito, entumescida espora
 As ondas do seu leite; o collo, a cintura tonda,
 A vida se desdobra. Ali a vaga accorda
 Os tons do seu azar, matizes qu'então se cria.

Enquanto surge o peito a bocca da creança
 Pendente do rabe que lucta em fôrta lança
 O leite—vaga branca e verde no sonhar.

E quando mais distante a branca vaga flota
 Mais branca surge a vaga o mais brilhante, rica,
 E cresce, sobe, avulta alem no vasto mar.

III

A segunda onde vai? Ninguém, ninguém conhece
 As plagas onde morre. E' varia, incerta, leve;
 Ora púrpura, luz, é sonho que a manieco,
 Ora sombra sem sol, treva grande que tona.

A noiva negra—a noite. O dia as vezes tece
 O seu dorso d'espinha e ella glauca, ronca,
 Veste vilra na voz, a voz de verde prece
 Que sobe sem destino ou sem destino apouca.

Lá bem longe, mulher, será? sonharia, agstera,
 Abertas grandes mãos rince-alem que espera
 A vaga que lhe rola ao collo descestrado;

E rola a vaga, rola; as aguas vão aborando
 Enquanto incerto, vago, um vulto s'esforçando
 Na nevoa do poente a vaga tem fragato.

IV

Caminha, rola, vaga a vaga move-fica
 Veloz a se mover, ou conta, ou ri, ou chora;
 E com tintas da noite e com tintas da aurora
 Na solidão do mar altiva collo erica.

E não para, não para? Move-se sem preguiça
 E vai-se deslocando, enquanto se cobre
 A mulher do nascente, a barbaque do leste
 A vaga a tpe fugir a vaga que se porfiza

A branca foge do sol, os quentes, lúvres raios,
 A pallela do azul, as tintas, o mais frescas
 Da moribonda cor, a cor brava da luz

E corre a vaga, corre a marcha no do Poente
 E foge, deixa, foge a vaga do Nascente
 Enquanto no codo do oceano se uma cruz.

Plácido Linhares